

Experiência como professor e outras atividades educacionais

- **agosto 2023 – julho 2025**

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC): Professor Colaborador nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em História, nas disciplinas de História Moderna, História de Santa Catarina, Teoria da História, História e Filosofia, Projeto de Pesquisa.

- **agosto 2016 – março 2021**

Uniao Catarinense de Educação (UCE): Professor de História e Filosofia dos Ensinos Fundamental e Médio no Colégio Marista e Municipal São José (SC).

- **outubro 2018 – dezembro 2018**

SENAI - Departamento Regional de Santa Catarina: Professor temporário de História nos Ensinos de Nível Médio e Técnico.

- **agosto 2013 – dezembro 2014**

Colégio Cocal / Centro Educacional Cocalense: Professor de História e Geografia nos Ensinos Fundamental e Médio.

- **2008 – 2013**

Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina (SEDE/SC) Professor de História no ensino regular e na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, nos níveis Fundamental e Médio.

- **maio 2009 – dezembro 2009**

SESC - Agência Regional de Santa Catarina: Professor de História na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, nos Ensinos Fundamental e Médio.



Mapa de Tempo de Serviço

Informações Principais				
Matrícula: 0392778-4-03		Data admissão: 16/08/2023		Data desligamento:
Nome da pessoa: RENATO DE ARAUJO MONTEIRO				
Inscrição: 277375-9		CPF: 039.149.329-96		PIS/PASEP: 130.91675.72.5
Identidade: 4351078		Órgão emissor: SSP		UF: SC
Sexo: Masculino		Data nascimento: 06/05/1984		Situação previdenciária: Ativo
Posição em: 14/07/2025		Idade: 41 anos 2 meses 9 dias		
Tipo de Contribuição				
Descrição	Regime Próprio	Regime Geral	Sem Contribuição	Total
Tempo Normal				
Serviço Público SC		01 A 10 M 29 D		01 A 10 M 29 D
Total Bruto de Tempo Serviço				
Total Bruto de Tempo de Serviço		01 A 10 M 29 D		01 A 10 M 29 D
Afastamentos/Deduções				
Não consta.				
Total Líquido de Tempo de Serviço:		01 A 10 M 29 D		

2005-FUNDACAO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SC

Matrícula: 0392778-4-03		Inscrição: 277375-9	CPF: 039.149.329-96	
Nome: RENATO DE ARAUJO MONTEIRO				
Lotação: DEPARTAMENTO DE HISTORIA FAED				
Município de lotação: FLORIANOPOLIS				
Cargo: PROFESSOR COLABORADOR				
Nível referência: 22/A		Regime de trabalho: Administrativo especial		Categoria Ativo
Folha definitiva: Sim		Referência: Agosto/2023		
Data do cálculo: 21/08/2023		Data do processamento: 21/08/2023		

Tipo da folha: FOLHA NORMAL		Tipo do cálculo: Normal		Sequência: 1	
	Rubrica	Índice	Parcela	Valor	
P	01004901 HORA/ATIVIDAD.-UDESC	16		1.843,40	
P	01015701 AUX. ALIMENTACAO PROV	12		175,50	
D	05051201 I N S S	8.0192		161,90	
T	09090301 SALARIO CONTR.INSS			2.018,90	
T	09090801 BASE CALCULO IRRF			1.681,50	
T	09093801 BASE SCSSAUDE COP.			1.843,40	
T	09095101 MARGEM CONSIGNAVEL BRUTA			672,60	
T	09100701 MARGEM CONSIGNAVEL LIQUIDA			672,60	
Total de proventos: R\$ 2.018,90		Total de descontos: R\$ 161,90		Total liquido: R\$ 1.857,00	

Relatório emitido em 29/08/2023 às 14:58:24 por RENATO DE ARAUJO MONTEIRO



2005-FUNDACAO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SC

Matrícula: 0392778-4-03

Nome: RENATO DE ARAUJO MONTEIRO

Lotação: DEPARTAMENTO DE HISTORIA FAED

Município de lotação: FLORIANOPOLIS

Cargo: PROFESSOR COLABORADOR

Nível referência: 22/A

Folha definitiva: Sim

Data do cálculo: 16/06/2025

Inscrição: 277375-9

Regime de trabalho: Administrativo especial

Referência: Junho/2025

Data do processamento: 16/06/2025

CPF: 039.149.329-96

Categoria Ativo

Tipo da folha: FOLHA NORMAL

Tipo do cálculo: Normal

Sequência: 1

	Rubrica	Índice	Parcela	Valor
P	01004901 HORA/ATIVIDAD.-UDESC	30		9.951,82
P	01015701 AUX. ALIMENTACAO PROV	30		898,04
D	05051201 I N S S	11.6657		951,62
D	05051601 IMPOSTO RENDA IRRF	27.5		1.566,33
T	09090301 SALARIO CONTR.INSS			10.849,86
T	09090801 BASE CALCULO IRRF			9.951,82
T	09093801 BASE SCSAUDE COP.			9.951,82
T	09095101 MARGEM CONSIGNAVEL BRUTA			2.973,55
T	09100701 MARGEM CONSIGNAVEL LIQUIDA			2.973,55
T	09190801 DEDUCOES LEGAIS PARA IRRF			951,62
Total de proventos: R\$ 10.849,86		Total de descontos: R\$ 2.517,95		Total líquido: R\$ 8.331,91

Relatório emitido em 14/07/2025 às 14:54:32 por RENATO DE ARAUJO MONTEIRO



2005-FUNDACAO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SC

Nome: RENATO DE ARAUJO MONTEIRO

Data Nascimento: 06/05/1984

Nome Pai: DORNELIS MONTEIRO

Nome Mãe: MARIA DO CARMO DE ARAUJO MONTEIRO

Situação Previdenciária: Ativo

Matrícula: 0392778-4-03

Est. Civil: Solteiro

CPF: 039149329-96

Sexo: MASCULINO

Situação do Contrato: Vigente

ACT - Admitido em caráter temporário: PROFESSOR COLABORADOR

Lotação: DEPARTAMENTO DE HISTORIA FAED

Município: FLORIANOPOLIS - SC

Data Início: 16/08/2023

EXTERNA Nr.: 22083

PORTARIA Nr.: 1305/2023

Nível/Referência: 22/A

Carga Horária: 30

Publicação: 16/08/2023

Histórico: CONTRATADO

Cargo de Nomeação: PROFESSOR DE ENSINO SUPERIOR -
COLABORADOR/VISITANTE\PROFESSOR COLABORADOR

Nível/Referência: 22/A

Data Posse: 16/08/2023

Meio de publicação: EXTERNA

Número de publicação.: 22083

PORTARIA Nr.: 1305/2023

Data Publicação: 16/08/2023

02 - Exercício de Cargo Comissionado/Função Gratificada

03 - Históricos Referentes a Função de Confiança

Não existem Históricos Referentes a Função de Confiança.

04 - Históricos Referentes a Substituições

05 - Movimentações

Não existe histórico de Movimentações.

06 - Averbações

Não existem históricos de Averbações.



2005-FUNDACAO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SC

Nome: RENATO DE ARAUJO MONTEIRO

Matrícula: 0392778-4-03

07 - Averbação Tempo Fictício

Não existem históricos de Averbações de Tempos Fictícios.

08 - Registro de Tempo de Serviço

Não existem Registros de Tempo de Serviço.

09 - Adicional Tempo de Serviço

Não existem Adicionais Tempo de Serviço.

10 - Licenças/Afastamentos

Não existem históricos de Licenças/Afastamentos.

11 - Faltas Injustificadas

Não existem históricos de Faltas.

12 - Licença Prêmio

Não existem históricos de Licença Prêmio.

13 - Férias

Período Aquisitivo: CONQUISTADO

Data Início: 16/08/2023

Data Fim: 15/08/2024

Dias Concedidos: 30

Ocorrência: Programado

Data Inicial: 06/01/2025

Data Final: 04/02/2025

Nr. Dias: 30

14 - Incorporação/Agregação

Não existe histórico de Incorporações/Agregações.

15 - Mudança de Carga Horária

Tipo Relação de Vínculo: Cargo efetivo

Relação de Vínculo: PROFESSOR DE ENSINO SUPERIOR - COLABORADOR/VISITANTE/PROFESSOR COLABORADOR

Data Inicial: 16/08/2023

Data Final: 18/02/2024

Carga Horária: 20



2005-FUNDACAO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SC

Nome: RENATO DE ARAUJO MONTEIRO

Matrícula: 0392778-4-03

Tipo de provimento: Titular

Tipo de ocupação: Definitiva

Tipo Relação de Vínculo: Cargo efetivo

Relação de Vínculo: PROFESSOR DE ENSINO SUPERIOR - COLABORADOR/VISITANTE/PROFESSOR COLABORADOR

Data Inicial: 19/02/2024

Data Final: 19/07/2025

Carga Horária: 30

Tipo de provimento: Titular

Tipo de ocupação: Definitiva

16 - Gratificações/Indenizações**17 - Benefícios Pecuniários**

Não existem históricos de Benefícios Pecuniários.

18 - Alteração de Regime

Não existe histórico de Alteração de Regime.

19 - Saúde do Servidor

Não existe histórico de Saúde do Servidor.

20 - Pensão Alimentícia

Não existem históricos de Pensão Alimentícia.

21 - Estabilidade

Não existe histórico de Estabilidade.

22 - Revisão Proventos

Não existe histórico de Revisão de Proventos.

23 - Reintegração

Não existe histórico de Reintegração.

24 - Estágio Probatório

Não existe histórico de Estágio Probatório.

25 - Elogios

Não existe histórico de Elogios.

26 - Outros

Não existem Outros.

PROCESSO SELETIVO nº 04/2023

Área de Conhecimento: História Moderna

RESULTADO FINAL DO PROCESSO SELETIVO - APROVADOS

NOME DO CANDIDATO	NOTA DA PROVA ESCRITA	NOTA DA PROVA DIDÁTICA	NOTA DA PROVA DE TÍTULOS	MÉDIA FINAL
RENATO DE ARAÚJO MONTEIRO	9,0	9,8	6,1	8,7
ANDRÉ PROCÓPIO GOMES	8,4	8,0	10,0	8,6
LÍVIA BERNARDES ROBERGE	8,3	8,9	6,8	8,2
RICARDO DUWE	8,6	8,0	7,5	8,1
ANTERO MAXIMILIANO DIAS DOS REIS	7,8	7,0	6,4	7,2

Membros da Banca

FUNÇÃO	NOME	ASSINATURA
Presidente	Emerson César de Campos	
Membro	Filipe Noé da Silva	
Membro	Walderez Simões Costa Ramalho	

Mostre ao seu novo companheiro os perigos que o cercam no trabalho.

Cada acidente é uma lição que deve ser apreciada, para evitar maiores desgraças.

Todo o acidente tem uma causa que é preciso ser pesquisada, para evitar a sua repetição.

Se você for acidentado, procure logo o socorro médico adequado. Não deixe que "entendidos" e "curiosos" concorram para o agravamento de sua lesão.

Se você não é eletricitista, não se meta a fazer serviços de eletricidade.

Procure o socorro médico imediato, se você for vítima de um acidente, amanhã será tarde demais.

As máquinas não respeitam ninguém; mas você deve respeitá-las.

Atenda às recomendações dos Membros da CIPA e de seus mestres e chefes.

Conheça sempre as regras de segurança da seção onde você trabalha.

Conversa e discussão no trabalho predispõem a acidentes pela desatenção.

Leia e reflita sempre os ensinamentos contidos nos cartazes e avisos sobre prevenção de acidentes.

Os anéis, pulseiras, gravatas e mangas compridas não fazem parte do seu uniforme de trabalho.

Mantenha sempre as guardas protetoras das máquinas nos devidos lugares.

Pare a máquina quando tiver que consertá-la ou lubrificá-la.

Habitue-se a trabalhar protegido contra os acidentes. Use equipamentos de proteção adequados a seu serviço.

Conheça o manejo dos extintores e demais dispositivos de combate ao fogo existentes em seu local de trabalho. Você pode ter necessidade de usá-los algum dia.



MINISTÉRIO DO TRABALHO

SECRETARIA DE POLÍTICAS DE EMPREGO E SALÁRIO

CARTEIRA DE TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL

Número 73374 Série 00028-SC



Renato de Araújo Monteiro

ASSINATURA DO PORTADOR

QUALIFICAÇÃO CIVIL

Nome Renato de Araujo Monteiro

Loc. Nasc. Aricuruama SC Data 06/05/84

Filiação Gornelis Monteiro e Maria do Carmo de Araujo Monteiro

Doc. n.º RG-6914351078 - Dat. exp. 13.10.97-SC

ESTRANGEIROS

Chegada ao Brasil em / / Doc. Ident. n.º

Exp. em / Estado

Obs.

Data Emissão 12.04.99

DRT
 Marilésia Xavier da Silva
 Posto Silva - Açores

Assinatura do Funcionário

ALTERAÇÕES DE IDENTIDADE (Com relação nome, est. civil e data nasc.)

Nome

Doc.

Nome

Doc.

Nome

Doc.

Est. Civil

Nome

Doc.

Est. Civil

Nome

Doc.

Nascimento

CONTRATO DE TRABALHO

Empregador

84.433.275/0046-00

União Catarinense de Educação

CGC/MF

Colégio Marista e Mun. São José

Rua

Rua Nossa Senhora dos Navegantes, 2302

Município

Jardim Zanellato - CEP 88115-400

Esp. do estabelecimento

SERRARIA - SÃO JOSÉ - SC

Cargo

Docente

CBO nº

Data admissão

03 de agosto

de 19

2016

Registro nº

Fls./Ficha

Remuneração especificada

R\$ 20,09 (vinte reais e nove centavos)

Ass. do empregador ou a rogo c/test.

1º

2º

Data saída

30 de março

de 19

2021

Marilene S. Ferreira Vieira

Coordenadora Administrativa

Ass. do empregador ou a rogo c/test.

G. E. Marista São José

1º

2º

Com. Dispensa CD Nº

CONTRATO DE TRABALHO

03.774.688/0004-06

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM

INDUSTRIAL - SENAI/SC - SÃO JOSÉ

BR 101 KM 211

DISTRITO INDUSTRIAL - CEP 88104-800

SÃO JOSÉ/SC

Esp. do estabelecimento: Ensino

Classe: Técnico-Especialista

Cargo: Professor de Ensino Médio I CBO: 232115

Data de Admissão: 01/10/2018

Registro:

Remuneração especificada: R\$ 25,51 (Vinte e cinco reais e cinquenta e um centavos), por horas trabalhadas, montante pago por mês.

MÁRCIA ADRIANA PELEPEK TEIXEIRA

Coordenadora do NRSC

Sistema FIESC - Grande Florianópolis

Ass. do empregador ou a rogo c/test.

1º

2º

Data saída

10 de dezembro

de 19

2018

Márcia Adriana Pelepek Teixeira

Ass. do empregador ou a rogo c/test.

Serviços Compartilhados

Sistema FIESC - Grande Florianópolis

Com. Dispensa CD Nº

Mostre ao seu novo companheiro os perigos que o cercam no trabalho.

Cada acidente é uma lição que deve ser apreciada, para evitar maiores desgraças.

Todo o acidente tem uma causa que é preciso ser pesquisada, para evitar a sua repetição.

Se você for acidentado, procure logo o socorro médico adequado. Não deixe que "entendidos" e "curiosos" concorram para o agravamento de sua lesão.

Se você não é eletricitista, não se meta a fazer serviços de eletricidade.

Procure o socorro médico imediato, se você for vítima de um acidente, amanhã será tarde demais.

As máquinas não respeitam ninguém; mas você deve respeitá-las.

Atenda às recomendações dos Membros da CIPA e de seus mestres e chefes.

Conheça sempre as regras de segurança da seção onde você trabalha.

Conversa e discussão no trabalho predispõem a acidentes pela desatenção.

Leia e reflita sempre os ensinamentos contidos nos cartazes e avisos sobre prevenção de acidentes.

Os anéis, pulseiras, gravatas e mangas compridas não fazem parte do seu uniforme de trabalho.

Mantenha sempre as guardas protetoras das máquinas nos devidos lugares.

Pare a máquina quando tiver que consertá-la ou lubrificá-la.

Habitue-se a trabalhar protegido contra os acidentes. Use equipamentos de proteção adequados a seu serviço.

Conheça o manejo dos extintores e demais dispositivos de combate ao fogo existentes em seu local de trabalho. Você pode ter necessidade de usá-los algum dia.



MINISTÉRIO DO TRABALHO

SECRETARIA DE POLÍTICAS DE EMPREGO E SALÁRIO

CARTEIRA DE TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL

Número

73374

Série

00028-SC



Renato de Araújo Monteiro

ASSINATURA DO PORTADOR

QUALIFICAÇÃO CIVIL

Nome Renato de Araujo Monteiro
 Loc. Nasc. Prichicumma SC Data 06/05/84
 Filiação Gornelis Monteiro e Maria
 do Carmo de Araujo Monteiro
 Doc. n.º RG-6914351078 - Dat. exp. 13.10.97-SC

ESTRANGEIROS

Chegada ao Brasil em / / Doc. Ident. n.º
 Exp. em / Estado
 Obs.
 Data Emissão 12.04.99

DRT
 Marilésia Xavier da Silva
 Posto Silva - Açores

Assinatura do Funcionário

ALTERAÇÕES DE IDENTIDADE
 (Com relação nome, est. civil e data nasc.)

Nome

 Doc.

 Nome

 Doc.

 Nome

 Doc.

 Est. Civil

 Nome

 Doc.

 Nascimento

CONTRATO DE TRABALHO

Empregador

84.433.275/0046-00

União Catarinense de Educação

CGC/MF

Colégio Marista e Mun. São José

Rua

Rua Nossa Senhora dos Navegantes, 2302

Município

Jardim Zanellato - CEP 88115-400

Esp. do estabelecimento

SERRARIA - SÃO JOSÉ - SC

Cargo

Docente

CBO nº

Data admissão

03 de agosto

de 19

2016

Registro nº

Fls./Ficha

Remuneração especificada

R\$ 20,09 (vinte reais e nove centavos)

Ass. do empregador ou a rogo c/test.

1º

2º

Data saída

30 de março

de 19

2021

Marilene S. Ferreira Vieira

Coordenadora Administrativa

Ass. do empregador ou a rogo c/test.

G. E. Marista São José

1º

2º

Com. Dispensa CD Nº

CONTRATO DE TRABALHO

03.774.688/0004-06

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM

INDUSTRIAL - SENAI/SC - SÃO JOSÉ

BR 101 KM 211

DISTRITO INDUSTRIAL - CEP 88104-800

SÃO JOSÉ/SC

Esp. do estabelecimento: Ensino

Classe: Técnico-Especialista

Cargo: Professor de Ensino Médio I CBO: 232115

Data de Admissão: 01/10/2018

Registro:

Remuneração especificada: R\$ 25,51 (Vinte e cinco reais e cinquenta e um centavos), por horas trabalhadas, montante pago por mês.

MÁRCIA ADRIANA PELEPEK TEIXEIRA

Coordenadora do NRSC

Sistema FIESC - Grande Florianópolis

Ass. do empregador ou a rogo c/test.

1º

2º

Data saída

10 de dezembro

de 19

2018

Márcia Adriana Pelepek Teixeira

Ass. do empregador ou a rogo c/test.

Serviços Compartilhados

Sistema FIESC - Grande Florianópolis

1º

Com. Dispensa CD Nº

Mostre ao seu novo companheiro os perigos que o cercam no trabalho.

Cada acidente é uma lição que deve ser apreciada, para evitar maiores desgraças.

Todo o acidente tem uma causa que é preciso ser pesquisada, para evitar a sua repetição.

Se você for acidentado, procure logo o socorro médico adequado. Não deixe que "entendidos" e "curiosos" concorram para o agravamento de sua lesão.

Se você não é eletricitista, não se meta a fazer serviços de eletricidade.

Procure o socorro médico imediato, se você for vítima de um acidente, amanhã será tarde demais.

As máquinas não respeitam ninguém; mas você deve respeitá-las.

Atenda às recomendações dos Membros da CIPA e de seus mestres e chefes.

Conheça sempre as regras de segurança da seção onde você trabalha.

Conversa e discussão no trabalho predispõem a acidentes pela desatenção.

Leia e reflita sempre os ensinamentos contidos nos cartazes e avisos sobre prevenção de acidentes.

Os anéis, pulseiras, gravatas e mangas compridas não fazem parte do seu uniforme de trabalho.

Mantenha sempre as guardas protetoras das máquinas nos devidos lugares.

Pare a máquina quando tiver que consertá-la ou lubrificá-la.

Habitue-se a trabalhar protegido contra os acidentes. Use equipamentos de proteção adequados a seu serviço.

Conheça o manejo dos extintores e demais dispositivos de combate ao fogo existentes em seu local de trabalho. Você pode ter necessidade de usá-los algum dia.



MINISTÉRIO DO TRABALHO

SECRETARIA DE POLÍTICAS DE EMPREGO E SALÁRIO

CARTEIRA DE TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL

Número 73374 Série 00028-SC



Renato de Araújo Monteiro

ASSINATURA DO PORTADOR

QUALIFICAÇÃO CIVIL

Nome Renato de Araujo Monteiro
 Loc. Nasc. Prichicumma SC Data 06/05/84
 Filiação Gornelis Monteiro e Maria
 do Carmo de Araujo Monteiro
 Doc. n.º RG-6914351078 - Dat. exp. 13.10.97-SC

ESTRANGEIROS

Chegada ao Brasil em / / Doc. Ident. n.º
 Exp. em / Estado
 Obs.
 Data Emissão 12.04.99

DRT
 Marilésia Xavier da Silva
 Posto Silva - Açores

Assinatura do Funcionário

ALTERAÇÕES DE IDENTIDADE
 (Com relação nome, est. civil e data nasc.)

Nome

 Doc.

 Nome

 Doc.

 Nome

 Doc.

 Est. Civil

 Nome

 Doc.

 Nascimento

Empregador

75 565 572/0001-17

CGC/MF

ASSOCIAÇÃO FEMININA DE
ASSISTÊNCIA SOCIAL DE CRICIÚMA

Rua

Município

R. SÃO JOSÉ, S/Nº

CENTRO

CEP 88.801-520

Esp. do estabelecimento

CRICIÚMA

Cargo

Técnicos

CBO nº

Data admissão

08

de

Janeiro

de 19

2014

Registro nº

6099

Fls./Ficha

Remuneração especificada

R\$ 1.600,00 (um mil

seiscentos e vinte reais) por mês.

LETICIA MARIA VIEIRA

Coordenadora

Associação Feminina de Assistência

Ass. do empregador ou a rogo c/test.

1º

2º

Data saída

17

de

março

de 19

2015

LETICIA MARIA VIEIRA

Diretora Executiva

Associação Feminina de Assistência

Social - AFASC - Criciúma

1º

2º

Com. Dispensa CD Nº

Empregador

19 142 511/0001-76

CGC/MF

CEC CENTRO EDUCACIONAL
COCALENSE LTDA - ME

Rua

Nº

R. PARIS, 448

Município

Est.

JARDIM BELA VISTA - CEP 88.800-000

Esp. do estabelecimento

CRICIÚMA - SC

Cargo

Professor Ensino fundamental

CBO nº

Data admissão

02

de

Dezembro

de

2014

Registro nº

Lv. 01

Fls./Ficha

Remuneração especificada

R\$ 8,25 hora aula

per mês.

Ass. do empregador ou a rogo c/test.

1º

2º

Data saída

de

de 19

Ass. do empregador ou a rogo c/test.

1º

2º

Com. Dispensa CD Nº

Mostre ao seu novo companheiro os perigos que o cercam no trabalho.

Cada acidente é uma lição que deve ser apreciada, para evitar maiores desgraças.

Todo o acidente tem uma causa que é preciso ser pesquisada, para evitar a sua repetição.

Se você for acidentado, procure logo o socorro médico adequado. Não deixe que "entendidos" e "curiosos" concorram para o agravamento de sua lesão.

Se você não é eletricitista, não se meta a fazer serviços de eletricidade.

Procure o socorro médico imediato, se você for vítima de um acidente, amanhã será tarde demais.

As máquinas não respeitam ninguém; mas você deve respeitá-las.

Atenda às recomendações dos Membros da CIPA e de seus mestres e chefes.

Conheça sempre as regras de segurança da seção onde você trabalha.

Conversa e discussão no trabalho predispõem a acidentes pela desatenção.

Leia e reflita sempre os ensinamentos contidos nos cartazes e avisos sobre prevenção de acidentes.

Os anéis, pulseiras, gravatas e mangas compridas não fazem parte do seu uniforme de trabalho.

Mantenha sempre as guardas protetoras das máquinas nos devidos lugares.

Pare a máquina quando tiver que consertá-la ou lubrificá-la.

Habitue-se a trabalhar protegido contra os acidentes. Use equipamentos de proteção adequados a seu serviço.

Conheça o manejo dos extintores e demais dispositivos de combate ao fogo existentes em seu local de trabalho. Você pode ter necessidade de usá-los algum dia.



MINISTÉRIO DO TRABALHO

SECRETARIA DE POLÍTICAS DE EMPREGO E SALÁRIO

CARTEIRA DE TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL

Número

73374

Série

00028-SC



Renato de Araújo Monteiro

ASSINATURA DO PORTADOR

QUALIFICAÇÃO CIVIL

Nome Renato de Araujo Monteiro
 Loc. Nasc. Prichicumma SC Data 06/05/84
 Filiação Gornelis Monteiro e Maria
 do Carmo de Araujo Monteiro
 Doc. n.º RG-6914351078 - Dat. exp. 13.10.97-SC

ESTRANGEIROS

Chegada ao Brasil em / / Doc. Ident. n.º
 Exp. em / Estado
 Obs.
 Data Emissão 12.04.99

DRT
 Marilésia Xavier da Silva
 Posto Silva - Açores

Assinatura do Funcionário

ALTERAÇÕES DE IDENTIDADE
 (Com relação nome, est. civil e data nasc.)

Nome

 Doc.

 Nome

 Doc.

 Nome

 Doc.

 Est. Civil

 Nome

 Doc.

 Nascimento

CONTRATO DE TRABALHO

Empregador

CGC/MF

Rua

Município

Esp. do estabelecimento

Cargo

CBO nº

Data admissão

de

de 19

Registro nº

Fls./Ficha

Remuneração especificada

Ass. do empregador ou a rogo c/test.

1º

2º

Data saída

de

de 19

Ass. do empregador ou a rogo c/test.

1º

2º

Com. Dispensa CD Nº

CONTRATO DE TRABALHO

Empregador

CGC/MF

Rua

Município

Esp. do estabelecimento

Cargo

CBO nº

Data admissão

de

de 19

Registro nº

Fls./Ficha

Remuneração especificada

Ass. do empregador ou a rogo c/test.

1º

2º

Data saída

de

de 19

Ass. do empregador ou a rogo c/test.

1º

2º

Com. Dispensa CD Nº



Mapa de Tempo de Serviço

Informações Principais				
Matrícula: 0392778-4-01		Data admissão: 25/09/2008		Data desligamento:
Nome da pessoa: RENATO DE ARAUJO MONTEIRO				
Inscrição: 277375-9		CPF: 039.149.329-96		PIS/PASEP: 130.91675.72.5
Identidade: 4351078		Órgão emissor: SSP		UF: SC
Sexo: Masculino		Data nascimento: 06/05/1984		Situação previdenciária: Ativo
Posição em: 02/12/2024		Idade: 29 anos 2 meses 25 dias		
Tipo de Contribuição				
Descrição	Regime Próprio	Regime Geral	Sem Contribuição	Total
Tempo Normal				
Serviço Público SC		05 M 20 D		05 M 20 D
Total Bruto de Tempo Serviço				
Total Bruto de Tempo de Serviço		05 M 20 D		05 M 20 D
Afastamentos/Deduções				
Não consta.				
Total Líquido de Tempo de Serviço:		05 M 20 D		



2001-SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCACAO

Nome: RENATO DE ARAUJO MONTEIRO

Data Nascimento: 06/05/1984

Nome Pai: DORNELIS MONTEIRO

Nome Mãe: MARIA DO CARMO DE ARAUJO MONTEIRO

Situação Previdenciária: Ativo

Matrícula: 0392778-4-01

Est. Civil: Solteiro

CPF: 039149329-96

Sexo: MASCULINO

Situação do Contrato: Finalizado

ACT - Admitido em caráter temporário: PROFESSOR ACT - COD HAB 100

Lotação: 752007012460 - CEJA DE CRICIUMA - CRICIUMA

Município: -

Data Início: 01/03/2013

Nível/Referência: 14/A

Carga Horária: 90

Publicação: 26/11/2008

Histórico: CONTRATADO

Cargo de Nomeação: MAGISTERIO\PROFESSOR ACT - COD HAB 100

Nível/Referência: 14/A

Data Posse: 25/09/2008

Meio de publicação: INTERNA

Número de publicação.: 18497

PORTARIA Nr.: 2484

Data Publicação: 26/11/2008

02 - Exercício de Cargo Comissionado/Função Gratificada

03 - Históricos Referentes a Função de Confiança

Não existem Históricos Referentes a Função de Confiança.

04 - Históricos Referentes a Substituições

05 - Movimentações

ADMISSAO/NOMEACAO/0101 ADMISSAO/NOMEACAO

Para: 752000120090 - EEB COELHO NETO - CRICIUMA

Data Início: 25/09/2008

INTERNA Nr.: 18497

EEB COELHO NETO

PORTARIA Nr.: 2484

Data Publicação: 26/11/2008



2001-SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCACAO

Nome: RENATO DE ARAUJO MONTEIRO
REMOCAO/0106 REMOCAO INTERNA
Para: 752007012460 - CEJA DE CRICIUMA - CRICIUMA
Data Início: 01/03/2013
INTERNA Nr.: 999999999999
CEJA DE CRICIUM

Matrícula: 0392778-4-01

Data Publicação:

06 - Averbações

Não existem históricos de Averbações.

07 - Averbação Tempo Fictício

Não existem históricos de Averbações de Tempos Fictícios.

08 - Registro de Tempo de Serviço

Não existem Registros de Tempo de Serviço.

09 - Adicional Tempo de Serviço

Não existem Adicionais Tempo de Serviço.

10 - Licenças/Afastamentos

DEMITIDO POR FIM DE CONTRATO

Período:

Data Início: 31/07/2013

Data Fim:

Data Publicação: 19/09/2013

PORTARIA Nr.: 2284

11 - Faltas Injustificadas

Não existem históricos de Faltas.

12 - Licença Prêmio

Não existem históricos de Licença Prêmio.

13 - Férias

Não existem históricos de Férias.



2001-SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCACAO

Nome: RENATO DE ARAUJO MONTEIRO

Matrícula: 0392778-4-01

14 - Incorporação/Agregação

Não existe histórico de Incorporações/Agregações.

15 - Mudança de Carga Horária

Tipo Relação de Vínculo: Cargo efetivo

Relação de Vínculo: MAGISTERIO/PROFESSOR ACT - COD HAB 100

Data Inicial: 25/09/2008

Data Final: 14/10/2008

Carga Horária: 30

Tipo de provimento: Titular

Tipo de ocupação: Definitiva

Tipo Relação de Vínculo: Cargo efetivo

Relação de Vínculo: MAGISTERIO/PROFESSOR ACT - COD HAB 100

Data Inicial: 01/03/2013

Data Final: 30/07/2013

Carga Horária: 20

Tipo de provimento: Titular

Tipo de ocupação: Definitiva

Tipo Relação de Vínculo: Cargo efetivo

Relação de Vínculo: MAGISTERIO/PROFESSOR ACT - COD HAB 100

Data Inicial: 02/03/2013

Data Final: 30/07/2013

Carga Horária: 30

Tipo de provimento: Titular

Tipo de ocupação: Temporária

Tipo Relação de Vínculo: Cargo efetivo

Relação de Vínculo: MAGISTERIO/PROFESSOR ACT - COD HAB 100

Data Inicial: 04/03/2013

Data Final: 30/07/2013

Carga Horária: 40

Tipo de provimento: Titular

Tipo de ocupação: Temporária

16 - Gratificações/Indenizações**17 - Benefícios Pecuniários**

Não existem históricos de Benefícios Pecuniários.

18 - Alteração de Regime

Não existe histórico de Alteração de Regime.

19 - Saúde do Servidor

ATESTADO PRE-ADMISSIONAL- EDUCACAO

Data Inicio: 25/09/2008

Data Fim:

Data Publicação:

INTERNA Nr.:

Nr.:

20 - Pensão Alimentícia

Não existem históricos de Pensão Alimentícia.



2001-SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCACAO

Nome: RENATO DE ARAUJO MONTEIRO

Matrícula: 0392778-4-01

21 - Estabilidade

Não existe histórico de Estabilidade.

22 - Revisão Proventos

Não existe histórico de Revisão de Proventos.

23 - Reintegração

Não existe histórico de Reintegração.

24 - Estágio Probatório

Não existe histórico de Estágio Probatório.

25 - Elogios

Não existe histórico de Elogios.

26 - Outros

Não existem Outros.



ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
CNPJ- 82.951.328/0001-58
21ª GERÊNCIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO
CEJA - CENTRO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS 752007012460
Rua José Gaidzinski, nº 368, Bairro Pio Corrêa - Fone (48) 3045.5068
CEP 88.811-500 – CRICIÚMA/SC

ATESTADO DE TEMPO DE SERVIÇO

Certificamos, para fins de contagem de tempo de serviço no magistério, conforme estabelece o **Edital do Processo Seletivo para Admissão de Professores em Caráter Temporário para atuação na Educação Básica do ano letivo de 2010**, que o (a) Senhor (a): **RENATO DE ARAUJO MONTEIRO** nascido (a) 06/05/1984 em documento de identidade nº4351078 exerceu ou ainda exerce atividades nesta instituição, como **professor (a)**, conforme abaixo especificado:

PERÍODO DE: 01/03/2013 a 31/07/2013

Declaramos, sob as penas do artigo 299 do Código Penal Brasileiro que as informações constantes deste atestado são a expressão da verdade.

Local e Data: Criciúma, 13/07/2013.

Assinatura do Responsável pela Instituição

Tânia Regina de Souza Antunes
Assist. de Educação CEJA
Matrícula 311884-1-03
Ato nº 6/SED, de 02/01/06



Data limite para contagem do Tempo de serviço: 07/06/2023

CPT	Nome do servidor	Matricula(s)	Início do primeiro vínculo/contrato	Fim do último vínculo/contrato	Tempo de magistério
039 149 329-96	RENATO DE ARAUJO MONTEIRO	0392778-4-01	25/09/2008	30/07/2013	05 M 20 D

DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins, que o **Sr. Renato de Araujo Monteiro**, CPF nº. **039.149.329-96** desenvolve estágio no SESC - Serviço Social do Comércio/SC, Centro de Atividades de Criciúma, no Programa Educação – área Supletivo. O período de desenvolvimento das atividades de estágio iniciou em 06/05/2009, com previsão e encerramento em 30/12/2009. A carga horária corresponde a 20 (vinte) horas semanais de estágio supervisionado, com bolsa auxílio de 475,00 (quatrocentos e setenta e cinco reais).

Florianópolis, 09 de novembro de 2009.


KARINE DA ROSA MENDONÇA
Diretora da Divisão de Recursos Humanos

Participação em projetos de pesquisa com desenvolvimento de material educacional e outras formas de divulgação

- **janeiro 2013 – março 2015**

AFASC / Fundação cultural de Criciúma: Coordenador do Setor de Patrimônio Histórico do Município, com coordenação adicional da Casa do Agente Ferroviário, do Museu Histórico Augusto Casagrande e do Arquivo Histórico Municipal.

- **2011 – 2012**

Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC): Aluno extensionista, pesquisador no projeto de implantação do Museu do Futebol em parceria com o Criciúma Esporte Clube. Esse projeto resultou na organização de um acervo e na escrita de um livro com análise e sistematização do material pesquisado. O projeto foi interrompido quando o livro contava com 23 capítulos. Em anexo segue os quatro primeiros. Além disso, houve divulgação contínua com a publicação de textos semanais em jornais locais e regionais (anexo).

- **2016**

Trabalhos de Assessoria e consultoria realizados para o Instituto Aiga Cultural, com pesquisa e produção de textos introdutórios (anexos) para os Planos Museológicos do Museu da Usina Termelétrica de Imbituba e do Ecomuseu da Serra do Rio do Rastro.

- **2014**

Trabalhos de Assessoria e consultoria realizados para o Instituto Aiga Cultural, em parceria com a Faculdade SATC, com pesquisa sobre os potenciais turísticos em perspectiva histórica, integrante da equipe multidisciplinar com elaborou Diagnóstico de Turismo da AMREC (Associação de Municípios da Região Carbonífera). Segue anexo o texto introdutório, utilizado na cerimônia de apresentação do documento.

Mostre ao seu novo companheiro os perigos que o cercam no trabalho.

Cada acidente é uma lição que deve ser apreciada, para evitar maiores desgraças.

Todo o acidente tem uma causa que é preciso ser pesquisada, para evitar a sua repetição.

Se você for acidentado, procure logo o socorro médico adequado. Não deixe que "entendidos" e "curiosos" concorram para o agravamento de sua lesão.

Se você não é eletricitista, não se meta a fazer serviços de eletricidade.

Procure o socorro médico imediato, se você for vítima de um acidente, amanhã será tarde demais.

As máquinas não respeitam ninguém; mas você deve respeitá-las.

Atenda às recomendações dos Membros da CIPA e de seus mestres e chefes.

Conheça sempre as regras de segurança da seção onde você trabalha.

Conversa e discussão no trabalho predispõem a acidentes pela desatenção.

Leia e reflita sempre os ensinamentos contidos nos cartazes e avisos sobre prevenção de acidentes.

Os anéis, pulseiras, gravatas e mangas compridas não fazem parte do seu uniforme de trabalho.

Mantenha sempre as guardas protetoras das máquinas nos devidos lugares.

Pare a máquina quando tiver que consertá-la ou lubrificá-la.

Habitue-se a trabalhar protegido contra os acidentes. Use equipamentos de proteção adequados a seu serviço.

Conheça o manejo dos extintores e demais dispositivos de combate ao fogo existentes em seu local de trabalho. Você pode ter necessidade de usá-los algum dia.



MINISTÉRIO DO TRABALHO

SECRETARIA DE POLÍTICAS DE EMPREGO E SALÁRIO

CARTEIRA DE TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL



73374

Número

Série

00028-5C



Renato de Araújo Monteiro

ASSINATURA DO PORTADOR

QUALIFICAÇÃO CIVIL

Nome Renato de Araujo Monteiro
 Loc. Nasc. Curitiba SC Data 06/05/84
 Filiação Gornelis Monteiro e Maria
 do Carmo de Araujo Monteiro
 Doc. n.º RG-6914351078 - Dat. exp. 13.10.97-SC

ESTRANGEIROS

Chegada ao Brasil em / / Doc. Ident. n.º
 Exp. em / Estado
 Obs.
 Data Emissão 12.04.99

DRT
 Marilésia Xavier da Silva
 Posto Silva - Açores

Assinatura do Funcionário

ALTERAÇÕES DE IDENTIDADE
 (Com relação nome, est. civil e data nasc.)

Nome

 Doc.

 Nome

 Doc.

 Nome

 Doc.

 Est. Civil

 Nome

 Doc.

 Nascimento

Empregador

75 565 572/0001-17

CGC/MF

ASSOCIAÇÃO FEMININA DE
ASSISTÊNCIA SOCIAL DE CRICIÚMA

Rua

Município

R. SÃO JOSÉ, S/Nº

CENTRO

CEP 88.801-520

Esp. do estabelecimento

CRICIÚMA

Cargo

Técnicos

CBO nº

Data admissão

08

de

Janeiro

de 19

2014

Registro nº

6099

Fls./Ficha

Remuneração especificada

R\$ 1.600,00 (um mil

seiscentos e vinte reais) por mês.

LETICIA MARIA VIEIRA

Coordenadora

Associação Feminina de Assistência

Ass. do empregador ou a rogo c/test.

1º

2º

Data saída

17

de

março

de 19

2015

LETICIA MARIA VIEIRA

Diretora Executiva

Associação Feminina de Assistência

Social - AFASC - Criciúma

1º

2º

Com. Dispensa CD Nº

Empregador

19 142 511/0001-76

CGC/MF

CEC CENTRO EDUCACIONAL
COCALENSE LTDA - ME

Rua

Nº

R. PARIS, 448

Município

Est.

JARDIM BELA VISTA - CEP 88.800-000

Esp. do estabelecimento

CRICIÚMA - SC

Cargo

Professor Ensino fundamental

CBO nº

Data admissão

02

de

Dezembro

de

2014

Registro nº

Lv. 01

Fls./Ficha

Remuneração especificada

R\$ 8,25 hora aula

per mês.

Ass. do empregador ou a rogo c/test.

1º

2º

Data saída

de

de 19

Ass. do empregador ou a rogo c/test.

1º

2º

Com. Dispensa CD Nº

DECLARAÇÃO

A Fundação Cultural de Criciúma (FCC), por meio de seu responsável legal, vem, por meio desta, declarar para os devidos fins, que o Sr. Renato de Araújo Monteiro, portador do CPF nº 039.149.329-96 e RG 4351078 exerceu a função de Coordenador do Setor de Patrimônio Histórico no período de janeiro de 2013 a março de 2015, tendo sob sua jurisdição as seguintes unidades: Casa do Agente Ferroviário, Arquivo Histórico Municipal e Museu Augusto Casagrande, na cidade de Criciúma.

A presente declaração é emitida a pedido do interessado, para os fins que se fizerem necessários.



Cassia Beatriz Villain

Chefe de Setor

Fundação Cultural de Criciúma

00 074 312/0001-40

FUNDAÇÃO CULTURAL
DE CRICIÚMA

RUA CEL. PEDRO BENEDET, 260
CENTRO - CEP 88801-250

CRICIÚMA - SC

DECLARAÇÃO

A Fundação Cultural de Criciúma (FCC), por meio de seu responsável legal, vem, por meio desta, declarar para os devidos fins, que o Sr. Renato de Araújo Monteiro, portador do CPF nº 039.149.329-96 e RG 4351078 exerceu a função de Coordenador do Setor de Patrimônio Histórico no período de janeiro de 2013 a março de 2015, tendo sob sua jurisdição as seguintes unidades: Casa do Agente Ferroviário, Arquivo Histórico Municipal e Museu Augusto Casagrande, na cidade de Criciúma.

A presente declaração é emitida a pedido do interessado, para os fins que se fizerem necessários.



Cassia Beatriz Villain

Chefe de Setor

Fundação Cultural de Criciúma

00 074 312/0001-40

FUNDAÇÃO CULTURAL
DE CRICIÚMA

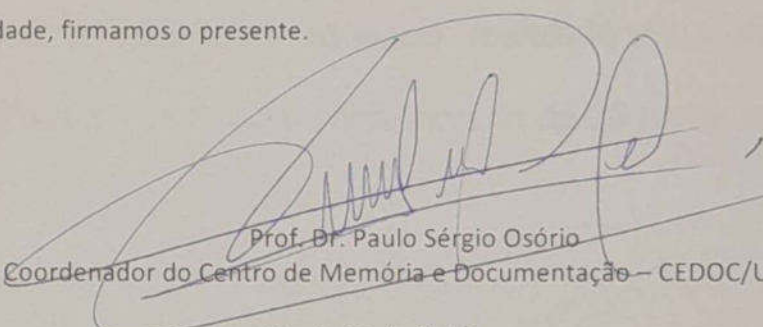
RUA CEL. PEDRO BENEDET, 260
CENTRO - CEP 88801-250

CRICIÚMA - SC

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins e a quem possa interessar, que **Renato de Araújo Monteiro**, código de matrícula nº 56504, atuou como bolsista pesquisador no Projeto: "**Criação e Implantação do Museu do Criciúma Esporte Clube**" realizado entre os meses de abril de 2011 a abril de 2012, com carga horária de 20 horas semanais.

Por ser verdade, firmamos o presente.



Prof. Dr. Paulo Sérgio Osório
Coordenador do Centro de Memória e Documentação – CEDOC/UNESC

Prof. Paulo Sérgio Osório
Centro de Memória e Documentação da UNESC
Portaria n.º 23/2018/PROACAD
UNESC - CEDOC Coordenador

Criciúma, 02 de dezembro de 2024

TERMO DE COMPROMISSO
Projetos de Extensão – Aluno Extensionista Com Bolsa

Firmam o presente Termo de Compromisso a FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE CRICIÚMA – FUCRI, mantenedora da UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC, doravante denominada FUCRI/UNESC e o acadêmico Renato de Araújo, código 56504 matriculado no Curso de História Bach/Lic doravante denominado ALUNO-EXTENSIONISTA, para desenvolvimento de projeto de extensão, nos termos das Diretrizes Gerais e Operacionais para o Desenvolvimento da Extensão e da Resolução CONSU n. 06/2008, e conforme as condições seguintes:

CLÁUSULA PRIMEIRA: DO OBJETO

Constitui objeto do presente instrumento a realização de atividades em projeto de extensão, vinculados a PROPEX/MUESC, denominado “Criação e Implantação do Museu do Criciúma Esporte Clube.”

Parágrafo primeiro: as atividades a serem desenvolvidas pelo ALUNO-EXTENSIONISTA serão orientadas por um professor, e devem estar em conformidade com o projeto.

Parágrafo segundo: a execução das atividades descritas nessa cláusula não cria vínculo empregatício entre o ALUNO-EXTENSIONISTA e a FUCRI/UNESC, nem com quaisquer entidades parceiras.

CLÁUSULA SEGUNDA: DAS ATRIBUIÇÕES DO ALUNO-EXTENSIONISTA

O ALUNO-EXTENSIONISTA compromete-se a:

- a) desenvolver as atividades nos locais previstos no projeto de extensão durante (20) horas semanais, no período de abril de 2011 a dezembro de 2011;
- b) realizar as atividades conforme previsto no projeto de extensão;
- c) apresentar Relatório Final até o dia 11 de abril de 2012, além de outros relatórios que por ventura lhe sejam solicitados;
- d) fazer uso de EPIs (equipamentos de proteção individual), participar de treinamento acerca da utilização dos mesmos, bem como cumprir com as normas de segurança, quando necessário.

CLÁUSULA TERCEIRA: DAS ATRIBUIÇÕES DA FUCRI/UNESC

Compete à FUCRI/UNESC:

- a) disponibilizar professor orientador, responsável pelo desenvolvimento das atividades pelo ALUNO-EXTENSIONISTA;
- b) providenciar Seguro de Acidentes Pessoais Coletivo em favor do ALUNO-EXTENSIONISTA;
- c) conceder mensalmente ao ALUNO-EXTENSIONISTA Bolsa de Extensão no valor de R\$ 360,00. (trezentos e sessenta reais).

Parágrafo único: a Bolsa de Extensão se destinará ao pagamento das mensalidades e de outros serviços eventualmente prestados pela FUCRI/UNESC ao ALUNO-EXTENSIONISTA, mediante desconto nos boletos de mensalidade.

CLÁUSULA QUARTA: DA RESCISÃO

O presente Termo de Compromisso poderá ser rescindido nas seguintes hipóteses:

- a) unilateralmente pela FUCRI/UNESC:
 - a.1) caso venha a ser constatada irregularidade na matrícula do ALUNO-EXTENSIONISTA;

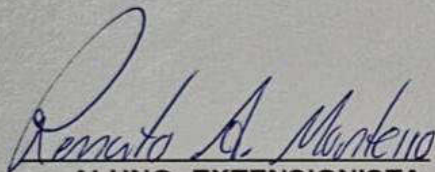
- a.2) por ter o ALUNO-EXTENSIONISTA descumprido as atribuições previstas na cláusula segunda ou as condições estabelecidas no edital de seleção;
- b) pelo ALUNO-EXTENSIONISTA, mediante comunicação escrita feita com antecedência de 30 (trinta) dias, sem prejuízo da devolução de valores, de acordo com o previsto no processo de seleção;
- c) por mútuo acordo entre as partes, a qualquer tempo.

CLÁUSULA QUINTA: DO FORO

As questões emergentes, dúvidas, divergências, omissões que por ventura surjam deverão ser, preliminarmente, analisadas e resolvidas pelas partes. Na impossibilidade de uma solução exitosa, fica eleito o foro da Comarca de Criciúma/SC, para dirimi-la.

Firmam as partes o presente instrumento em duas (02) vias de igual teor e forma.

Criciúma, 12 de abril de 2011.


ALUNO- EXTENSIONISTA


PUCRI/UNESC
Prof.^a Me. Lucy Cristina Ostetto
Coordenadora do Museu Universitário
do Extremo Sul Catarinense - MUESC

Previsão
do tempo:22° 34°
mínima máxima

Sol

EDITORIAL

MUITAS PESSOAS se deslocaram esse fim de semana ao Balneário Rincão. O motivo não foi o sol nem as altas temperaturas. Elas foram dar corpo à passeata contra maus-tratos a animais domésticos, atitude que vem ocorrendo com frequência na região. Colocar em risco a vida ou a saúde de cães e gatos, lamentavelmente, virou rotina. Que fique claro que maus-tratos não é somente agredir o animal. É viajar e deixá-lo preso com ausência de água e comida. É abrigá-los em gaiolas minúsculas. É prendê-los em correntes curtas o dia todo também. Quem pensa em ter um animal em casa precisa ter consciência de que ele exige tempo dos donos e cuidados especiais. Antes de adquirir um, obrigatoriamente, deve-se se interar sobre as características do animal, para depois não ter surpresas e o bichinho ser mais um a ganhar as ruas. Ao cidadão de bem, cabe fazer como os manifestantes da passeata de ontem, no Rincão: entoar o

RENATO DE ARAÚJO MONTEIRO Museu do Futebol – Unesc/Criciúma E C – renatodearaujomonteiro@hotmail.com

14 de janeiro de 1951: o jogo que não acabou

JÁ PASSAVA dos 35 minutos do segundo tempo e o Comercário, com um homem a mais, pressionava o "quadro operário, que procurava garantir o escorço atuando com dois homens na linha e oito na defesa." A vitória simples de 1 a 0 estava dando ao time do Atlético Operário o título da LARM de 1950. De repente, aproveitando um cruzamento da direita, o meia Murici, que havia perdido um pênalti no final do primeiro tempo, se redimiou convertendo o belo gol que levaria a decisão para a prorrogação.

Neste momento os torcedores e atletas do Atlético não contiveram sua insatisfação para com o árbitro e invadiram o campo "agredindo-o a socos" até que a polícia intervisse. O incidente fez com que o juiz expulsasse todos os jogadores do Atlético Operário e desse a partida por encerrada antes do esgotamento do tempo regulamentar.

Desde que a Liga fora fundada em 1948, Comercário e Atlético Operário haviam se convertido

nas maiores forças do futebol na região. Força esta que se refletia em títulos: o primeiro do Atlético, em 1948; e o segundo do Comercário, em 1949. O campeonato de 1950, disputado através de pontos corridos, previa uma partida decisiva entre os dois clubes na última rodada.

Como mandava o *script*, no dia 14 de janeiro de 1951 as duas equipes se alinharam frente a frente no gramado do Estádio Irineu Bornhausen para disputar a grande final. O jogo começou com as duas equipes cautelosas e demonstrando certo nervosismo. Logo aos 5 minutos de jogo, o atacante Zóide, em um chute com Mario, goleiro do Comercário, sofreu séria contusão e teve que abandonar a partida, deixando o Atlético - em uma época em que as substituições não eram permitidas - com apenas 10 atletas em campo. Em vantagem numérica, o Comercário demonstrou certa superioridade no jogo. Entretanto, foi o Atlético que abriu o marcador, quando Jonas converteu a pena-

lidade máxima assinalada pelo juiz da partida. Nem o pênalti marcado para o Comercário, logo em seguida, impediu que os bacharéis terminassem o primeiro tempo em desvantagem. Por ironia, Murici, o craque do time, havia desperdiçado.

Na volta do intervalo, com um homem a mais, o Comercário era todo pressão para cima do Atlético, mas o gol insistia em não sair. Quando saiu, a confusão foi generalizada. O campeão continuava indefinido, o título daquele ano seria decidido nos tribunais, e não dentro das quatro linhas.

No dia 5 de fevereiro, a recém inaugurada Folha do Povo noticiaria que, por 4 votos a 1, o Conselho Esportivo da FCD havia dado ganho de causa ao Comercário, declarando-o campeão. Na mesma página, o Atlético anunciava que iria recorrer da decisão. Entre polêmicas e confusões, o Comercário foi o vencedor do Campeonato de 1950, sagrando-se bicampeão da Liga Atlético da Região Mineira.

LUIZ CARLOS AMORIM Escritor – End: 88095-750, n.1058 – Fpolis SC 48-30390093 – Id. 2766003-SC

Música sertaneja, a Música Popular Brasileira

EU JÁ NÃO sou mais nenhum juvenzinho, então me lembro da época na qual a música sertaneja era uma coisa de minoria. Dizia-se que quem ouvia e gostava daquele tipo de música eram as pessoas que moravam

lar, rock, música jovem, etc. e eles começaram a aparecer também na televisão e nas paradas de sucesso.

E a verdade é que começaram a fazer mais sucesso do que muito *popstar* da hora, vendiam mais discos do

de dança dão aula não só de música gauchesca, mas também e principalmente de sertanejo universitário.

Como eu falei lá no começo, eu não gostava nem de música sertaneja nem de música gauchesca. Pois

JORNALECO

ARARANGUÁ, 1º DE MAIO DE 2012 • ANO 18 • Nº 395



1872. Chega em Araranguá
a imagem sacra de
**Nossa Senhora
Mãe dos Homens,**
adotada pelos católicos como
a santa padroeira da cidade

ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DE
ARARANGUÁ

visite: www.ararangua.net

A redenção do Grêmio Esportivo Araranguense

RENATO DE ARAÚJO MONTEIRO (Museu do Futebol UNESCO/Criciúma E.C.)

Dois meses depois do início do Campeonato da Liga Atlética da Região Mineira de 1952, a edição semanal da *Folha do Povo* questionava os leitores: "Estará em decadência o futebol local?" A pergunta tinha por base os resultados dos últimos jogos. No dia anterior, o Comerciarío – predecessor do Criciúma Esporte Clube –, a quem o jornal criciumense se referia como um "verdadeiro 'papão' de campeonatos", havia empatado em 3x3 com o modesto Ouro Preto. A estas alturas do campeonato, uma diferença de seis pontos separava os *bacharéis* da primeira colocação.

Já o outro favorito, o Atlético Operário, mantinha campanha um pouco mais regular, porém não menos decepcionante. A grande expectativa criada após as conquistas do Torneio Quadrangular e do Torneio de Início, não se confirmava na principal competição da temporada, onde uma sequência de empates minava maiores pretensões da equipe. Os três pontos que conquistara a mais que os *bacharéis* não eram suficientes para colocar os *operários* no topo da tabela.

Mas se o líder não era o Comerciarío – atual tricampeão – e nem o Atlético Operário – tri-vice –, então quem era? Sem desferir um tapa sequer, o indisciplinado Grêmio Esportivo Araranguense agora liderava o campeonato do qual quase fora expulso no ano anterior. O time do presidente Afonso Ghizzo, ao aproveitar alguns joga-

dores do antigo plantel e contratar atletas profissionais vindos principalmente do Rio Grande do Sul, parece ter encontrado a fórmula ideal para montar a forte equipe que quebraria a sequência de campanhas medíocres do clube na competição regional.

Infelizmente, não temos muitas informações sobre a campanha invicta do Grêmio Araranguense no Campeonato de 1952. O interesse da imprensa de Criciúma por futebol era diretamente proporcional ao sucesso dos times ditos "locais" na competição. A medida que Atlético Operário, Comerciarío, Metrópol, Ouro Preto e Próspera eram sobrepujados pelo clube de Araranguá, as notícias esportivas iam se tornando cada vez menos assíduas.

No entanto, apresentemos os grandes feitos do Grêmio Esportivo Araranguense na temporada de 1952/53: primeiro time da LARM a profissionalizar o futebol; primeiro clube não criciumense a conquistar o campeonato regional; primeira equipe a desbancar os times de Tubarão e sagrar-se Campeã do Sul; e primeiro time local a chegar a uma semifinal de Campeonato Catarinense. Justamente quando a imprensa questionou a qualidade do futebol local, foi que ele atingiu seus resultados mais expressivos. Talvez, no início da década de 1950, para um time ser considerado "local", tivesse ele necessariamente que ser da cidade de onde se falava, ou se escrevia. ■

Solicite-nos através de jornalecocultural@yahoo.com.br o recebimento das edições do Jornaleco (igual no papel + as fotos coloridas) via e-mail

JORNALECO
PANFLETO CULTURAL

1º/05/2012 • ANO 18 • Nº 395

ESTA EDIÇÃO: 4 PÁGINAS
Distribuição gratuita
Periodicidade quinzenal
Tiragem: 1.000 exemplares

★ FUNDADO EM 18 DE MAIO DE 1994 ★

EDIÇÃO E DIAGRAMAÇÃO Ricardo Grechi CONTATOS Rossana Grechi
DISTRIBUIÇÃO Gibran Grechi, Nilsinho Nunes ASSISTÊNCIA Guaraciara Rezende
IMPRESSO NA GRÁFICA CASA DO CARIMBO DE Rosa e Aristides César Machado
FOTOLITO DIGITAL David PAPEL Toninho IMPRESSÃO Wellington, Nei da Rosa, Valdo
© Ricardo Francisco Gomes Grechi (reg. nº 99866 - prot. 4315/RJ, de 17/07/1995)

UMA PUBLICAÇÃO

ORION EDITORA

Calçada Getúlio Vargas, 170
88900-000 Araranguá - SC - Brasil
jornalecocultural@yahoo.com.br



Em 1848, a Câmara Municipal da Cidade de Laguna nomeou cinco moradores daqui para escolher o local a se fixar a sede da então criada Freguesia de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Escolheram, entre as localidades, Campinas, lugar onde se desenvolveria o centro do futuro município de Araranguá. (Segu em "A História de Araranguá/múltipla edição", pág. 200)

ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DE
ARARANGUÁ

visite: www.ararangua.net

Do banco dos réus à redenção: o caso do Grêmio Esportivo Araranguense

RENATO DE ARAÚJO MONTEIRO
Museu do Futebol UNESC/Criciúma E.C.
renatodearaujomonteiro@hotmail.com

É O DIA 20 DE NOVEMBRO DE 1951 e um verdadeiro tribunal está montado na sede da LARM, em Criciúma. O réu é o GEA – Grêmio Esportivo Ara-

ranguaense – único representante da cidade de Araranguá na entidade. A acusação, uma das mais graves frente à justiça desportiva: indisciplina. Em caso de punição, a pena mais severa: exclusão.

Fundado em 21 de junho de 1948, já no ano seguinte o clube estreou em uma competição oficial. Devidamente filiado à LARM – Liga Atlética da Região Mineira – o GEA pode tomar parte no principal campeonato por ela organizado. Detentor de uma campanha discreta, o destaque do time na competição foi o protesto do seu presidente, Avelino Pedro

Raphael, que se sentindo desfavorecido pela LARM perante os times criciúmens, alegou que “o GEA sempre pagou os seus débitos e por isso deveria ser tratado como os demais clubes”. Em resposta, o secretário da Liga explicou que “dentro da LARM não havia particularismos e que todos trabalhavam com honestidade e sem malícia”.

ESTE FOI APENAS UM DOS MUITOS episódios que marcaram a história do Grêmio Araranguense. **A rivalidade com os clubes de Criciúma, invariavelmente transpunha as linhas do gramado** e os limites da lealdade, fazendo com que a “liga dos casos raros”,

perdia em casa para o predecessor do **Criciúma Esporte Clube**, que então se chamava **Comerciário**, pelo placar de 4 a 1, quando o jogo teve que ser interrompido por “desacato ao juiz” e “invasão do gramado pela assistência”. No dia seguinte a imprensa de Criciúma anunciou que



Grêmio Esportivo Araranguense, campeão da LARM de 1952: (e/d) Julião, Bubi, Oscar, Pachá, Zé Gaúcho, Aldo e Ciro Bacha; agach.: Quitandinha, Luiz, Jôia, Vanderlei, Agachado e Quirininho.

sempre que tivesse que intervir nas disputas, fosse acusada de arbitrariedade pelos araranguenses, que assim a apelidaram.

AUSENTE DO CAMPEONATO DE 1950, o Araranguense retornou em 1951 para realizar a trajetória mais conturbada da história das competições. Em 10 de junho,

“MAIS UMA VEZ, ocorreria o deplorável espetáculo de anarquia e desrespeito.”

Parece que o estatuto do Grêmio Araranguense previa uma confusão para cada mês. Em julho o Atlético Operário também abandonou o gramado do Estádio Regimento Barriga Verde em protesto

GRÊMIO ARARANGUAENSE (do topo)

contra o árbitro. Em agosto, no confronto contra o São Paulo, alguns atletas do GEA “procuraram desautorar” o juiz, tendo um deles, **Alirio Monteiro, inclusive rasgado a súmula do jogo. Em setembro foi a vez do Próspera ir até Araranguá e encontrar confusão.**

A Junta Disciplinar Desportiva puniu dois atletas do Araranguense. No entanto, as multas de 900 e 150 cruzeiros foram pagas e os condenados Alirio Monteiro e Antonio Bento de Souza continuaram compondo o plantel. Em 28 de setembro a LARM baixou uma portaria advertindo aos clubes filiados que “as praças de esporte onde ocorressem os incidentes, já tão alarmantes, seriam interditadas”. Uma última tentativa de acabar com as confusões que haviam se tornado comuns naquele ano.

Parece que esta atitude surtiu efeito passageiro. Depois de um “maravilhoso” outubro sem brigas, no dia 18 de novembro, no jogo entre Araranguense e **Metropol**, novamente o jogador Alirio Monteiro começou uma grande confusão que fez com que os atletas do GEA abandonassem o estádio. Esta foi a gota d’água que, dois dias depois, intimou o Grêmio Esportivo Araranguense a comparecer no “tribunal” da LARM, onde seria decidido o seu futuro.

NO MOMENTO, O QUE “SE COMENTA nas rodinhas de rua e nas mesas de bares” de Araranguá é que o GEA encontra-se “praticamente derrubado”. Sem medir esforços para revitalizar o clube, **o novo presidente, Afonso Ghizzo, assume o papel de advogado de defesa** e alega que “doravante quer enviar todos os seus esforços no sentido de dar as necessárias garantias aos jogadores, árbitros, dirigentes de clubes e representantes da Liga quando os jogos forem realizados em Araranguá”. Comprometendo-se com o futuro, diz ainda que “nada quer discutir ou pleitear sobre o passado”.

O presidente da LARM, juiz da sessão, declara estar decidido a aplicar pena máxima ao GEA e ao atleta Alirio Monteiro, excluindo-os da Liga. Entretanto, com a posse de Afonso Ghizzo, pessoa que se conhece por “honesta, séria e honrada”,

relevará a pena caso haja acordo com os demais clubes filiados.

Ressaltando que o esporte “foi feito para unir e não para separar as pessoas”, o juiz encaminha a decisão ao júri popular, cuja sentença dos representantes de clubes decide pela absolvição do GEA e sua manutenção na Liga. A condição para isto é a de que “sejam cumpridas as promessas de Ghizzo e, uma vez que haja qualquer distúrbio no campo do Araranguense, se este culpado for, será punido com o desligamento imediato”.

Adotando um perfil mais profissional e com calendário assegurado para o próximo ano, o Araranguense contrataria novos atletas e o time reformulado surpreenderia os adversários **conquistando o Campeonato da LARM de 1952.** A “liga dos casos raros” estaria “boazinha como nunca” e o **GEA seria campeão invicto**, sem desferir um tapa sequer.

O TÍTULO DA LARM DAVA AO CAMPEÃO a oportunidade de disputar o Campeonato Catarinense, no entanto, para isso, era preciso realizar um feito inédito: passar pelo representante da Liga Tubaronense de Futebol, e ser o representante do sul naquela competição regionalizada. **Empatando o primeiro jogo, o GEA venceria o Hercílio Luz em Tubarão** e carimbaria seu passaporte definitivo para o Campeonato Estadual. O próximo adversário, **o todo poderoso Avaí, 9 vezes campeão estadual, seria eliminado da competição com duas vitórias.** Com vaga assegurada na semifinal, o título estadual, que há pouco nem passava pela cabeça dos araranguenses, parecia cada vez mais real.

Nem a derrota para o América de Joinville, e a consequente eliminação, manchou a incrível trajetória do Grêmio Esportivo Araranguense na temporada de 1952. Saiu do banco dos réus da LARM, onde tinha a fama de encrenqueiro, para se tornar o primeiro time “forasteiro” a ser campeão daquela competição. Adquiriu o pseudônimo de “invicto do Fronteira” e, com um heróico 3º lugar no Campeonato Catarinense, foi o **primeiro time a colocar o futebol da “região mineira” no cenário estadual.**



VIAGEM AO PASSADO DO NOSSO FUTEBOL

Viajar pelo túnel do tempo rumo ao passado e ficar conhecendo grandes histórias do futebol de Criciúma e da região sul do Estado. Este é o propósito da coluna “História & Futebol Clube”, que estará todos os sábados na página dois do **Diário de Notícias**.

As histórias serão escritas pelo acadêmico da sétima fase de história da Unesc, Renato de Araújo Monteiro que há cerca de uma no vem estudando a história do Comerciarío e do Criciúma, além de tantos outros times da região. “As histórias estão baseadas principalmente nas décadas de 1940 e 1950, porém também teremos bastante coisa de outras

épocas também”, conta Renato que já tem a ideia de publicar todo este fruto de suas pesquisas há muito tempo. “É uma coisa que eu gostaria de ler. Contaremos a história de atletas, de clubes e de jogos históricos. O futebol é o fio condutor, porém engloba economia, política, religião, e tudo isso estará retratado na coluna. Ou seja, contaremos a história da região, por meio do futebol”, salienta.

Para fazer a pesquisa, Renato se utilizou de atas de clubes e da Larm, além de jornais da época e entrevistas com ex-jogadores e familiares. Tudo isso estará reunido a partir de hoje no Diário de Notícias. Boa leitura e boa viagem ao passado.



FOTO: DN

HISTÓRIA & Futebol Clube

RENATO DE ARAÚJO MONTEIRO

redacao@jornaldn.com.br



Proposta de jogo

A história de Criciúma pode ser contada através do futebol, e a história do seu futebol pode ser contada através de uma partida de... futebol. Digo isso porque divido a trajetória do Criciúma Esporte Clube em dois tempos, ou melhor, três, pois entre eles há um pequeno intervalo.

O Comerciarío foi o principal fio condutor que nos trouxe até aqui, mas não o único. Seria como se em torno do espiral que forma o DNA bacharel do Criciúma, orbitasse genes do Metrópol, do Próspera, do Atlético Operário, do Ouro Preto, do São Paulo... E — porque não? — do Aranguense, do Urussanga, do Barão, do Rui Barbosa, do Itaúna, do Treviso... O “Primeiro Tempo” começou com a fundação da maioria destes clubes na década de 1940 e terminou exatamente em 1969, quando Atlético Operário, Comerciarío e Metrópol fecharam seus respectivos departamentos de futebol profissional. O Próspera resistiria, com raça, até 1975.

Portanto o “Intervalo” começou — como todos os intervalos — com pouco futebol, muita análise e uma importante substituição. Isso porque o Comerciarío retornou em 1978 e, para melhor se adequar a nova situação, iniciou um processo de unificação do futebol criciúmeno, inclusive trocando de nome.

O “Segundo Tempo” é o advento do Criciúma Esporte Clube. Acabou de começar, mas

já contabiliza vários gols, com a conquista de títulos estaduais e nacionais. O Criciúma soube herdar a paixão criada durante o “Primeiro Tempo” e aumentá-la ainda mais. Tornou-se o time mais glorioso de Santa Catarina e renomado nacionalmente, onde agora representa não só a cidade, mas também toda a região Sul de Santa Catarina.

Minha “proposta de jogo” é narrar uma história deste “Primeiro Tempo”, da época em que não existia o Criciúma, mas a paixão pelo futebol já se fazia presente. No entanto, como todo bom time que se preze, faremos uma breve pré-temporada: geralmente em um lugar distante e com pouco futebol, mas sempre necessária.



HISTÓRIA & Futebol Clube

RENATO DE ARAÚJO MONTEIRO

redacao@jornaldn.com.br

Pré-temporada: mineiros, operários e jogadores

As quatro horas da manhã de uma segunda-feira do ano mil oitocentos e oitenta e poucos uma vila operária despertava. Café ralo tomado, Zacharie seguia a pé para o local de trabalho. Após baixar a mina, percorreu ainda o longo caminho subterrâneo até a extremidade da galeria, na zona do corte. Zacharie posicionou-se de lado dentro do veio de apenas 50 centímetros de espessura, e com auxílio de uma picareta de cabo curto pôs-se a arrancar lascas de carvão. "Durante o trabalho ele se deitava de costas, o olhar perdido, pensando nas partidas de críquete que jogara na véspera." Estava cansado.

Na superfície o trabalho não era menos degradante. Trancafiados dentro de grandes indústrias, milhares de homens, mulheres e crianças operavam máquinas que produziam desde bens de consumo até novas máquinas que produziam novas máquinas. O carvão era a principal fonte de energia que movimentava aquilo tudo.

Há algumas gerações, desde que a França adotara aquele jeito inglês de fazer coisas, a família de Zacharie se tornara mineira. E era de lá, da Inglaterra, que agora se ouvia falar em outra novidade. Parece que a adoção de um antigo jogo medieval pelas universidades havia dado origem a um novo esporte que, desde 1863, já contava até com uma entidade organizadora exclusiva. Enquanto Zacharie e os outros mineiros franceses jogavam críquete, o futebol tomava-se o esporte mais praticado do outro lado do Canal da Mancha.

Aproximava-se o final do século e aquele sistema econômico inglês se impunha globalmente como modelo a ser seguido. Só não era direta ou indiretamente controlada pela Inglaterra a economia que lhe imitasse de maneira convincente. Países como a França, Alemanha, Rússia, Itália, Estados Unidos e até o Japão também começavam a estender seus tentáculos imperialistas pelo resto do mundo. Para adquirir foros de "civilização moderna", os países "periféricos" procuravam imitar a

Europa em quase tudo, importando, além de produtos industrializados, os modismos ditados por Londres e Paris, como a nova mania pela prática de esportes. Com os lucros provenientes da exportação do café, o Brasil comprava não só uísque, enxadas e casacos de pele, mas também navios, trens e carvão para abastecê-los. Para completar a "europeização", chegavam, inclusive, levas e levas de imigrantes poloneses, alemães e italianos. Dentre estes, os que haviam fundado a Vila de São José de Criciúma, em 06 de janeiro de 1880.



Imagens: certificados de transporte em vapores italianos.

*ZOLA, Emilio. Gernheim, tradução de Francisco Bittencourt. São Paulo: Alari Cultural, 1981, p.36.

HISTÓRIA & Futebol Clube

RENATO DE ARAÚJO MONTEIRO

redacao@jornaldn.com.br

Concentração: imigrantes, bacharéis e jogadores

"No cais de Santos, solene, como se fosse para uma missa, meu pai esperava que eu desembarcasse com o clássico-cacado do diploma. Mas eis que, salto-lhe à frente com duas bolas de futebol, uma em cada mão... O velho, surpreso, indagava:

— Que é isto, Charles?
— O meu diploma — respondo.
— Como?
— Yes! Your son has graduated in football..."

Mesmo tendo-se notícias da prática do "esporte bretão" por navegantes ingleses ancorados em praias cariocas, ou da adoção de um jogo semelhante por alguns colégios jesuítas de São Paulo, é o retorno de Charles Miller da Inglaterra, em 1894, que marca a entrada do futebol em terras brasileiras. Filho de um escocês que viera para o Brasil trabalhar na companhia inglesa que transportava café de trem para o porto de Santos, o jovem de apenas 19 anos trazia na bagagem o diploma de bacharel, mas havia também, como disse ele próprio, "se graduado em futebol".

Pelos pés de estudantes que retornavam da Europa afeitos pelo novo esporte, ou de profissionais que fincavam no Brasil a bandeira do imperialismo britânico, logo o futebol se espalhou pelo

pais inteiro. Em Santa Catarina o pioneirismo deve-se ao Colégio Catarinense, que desde sua fundação em 1906 já incluía o futebol nas aulas de educação física. No dia 14 de agosto de 1910, se realizou a primeira partida "extraclasse" disputada no Estado, quando um time de ex-alunos venceu por 2 a 1 uma equipe de bacharéis paulistas e cariocas que prestavam concurso público em Florianópolis.

Naquele mesmo ano, duzentos quilômetros ao sul, um imigrante italiano subia na torre da igreja nova e fotografava, lá de cima, a vista parcial da Vila de São José de Criciúma. A sua frente, era possível ver a "venda" de Pedro Benedit, estrategicamente posicionada no cruzamento das duas estradas gerais — de Linha Anta e de Urussanga — que tinham servido de referência para a instalação daquele núcleo colonial, trinta anos antes. A igreja recém-construída estava um pouco afastada, deixando um espaço vazio que logo se transformaria em uma praça. Sem saber, o fotógrafo também fazia o primeiro registro da prática do futebol na cidade. Apenas dezesseis anos depois do desembarque de Charles Miller — e do futebol — no Brasil, a bola já rolava no que viria ser a Praça Nereu Ramos, coração de Criciúma.



Praça principal de Criciúma. Hoje: Praça Nereu Ramos. Ano: 1910

HISTÓRIA & Futebol Clube

RENATO DE ARAÚJO MONTEIRO

redacao@jornaldn.com.br

O primeiro time de Criciúma

No dia 18 de maio de 1924 um grupo de 52 jovens tomava as dependências da Cooperativa Vitória, localizada aonde um dia viria ser a esquina da Rua Seis de Janeiro com a Praça Nereu Ramos, no centro de Criciúma. Capitaneados por Abílio Paulo, um libanês de apenas 23 anos, eram em sua grande maioria imigrantes — ou descendentes de — que estavam usufruindo do significativo crescimento econômico que a vila conheceu nos últimos anos. Muitos deles gostavam de passar as horas vagas jogando bola no gramado em frente à igreja, onde haviam fincado duas travessas de madeira. O novo esporte deveria chamar a atenção dos mais velhos, que entre um arremesso e outro do tranquilo jogo de bocha, espionavam curiosos o frenético corre-corre que acontecia ali ao lado. Talvez os mais novos não, mas eles conseguiam perceber as grandes mudanças que estavam acontecendo.

Desde a estada do renomado geólogo Dr. White na vila entre 1904 e 1906, cada vez mais a rota que antes era usada exclusivamente para escoar a pequena produção agrícola local, passou também a ser utilizada para transportar carvão. Toneladas do minério que antes era usado apenas em pequenas ferrarias e piladores de arroz, agora eram levadas de carro de boi até Jaguaruna onde, do porto do Pontão em diante, seguiam de canoa para Laguna. De lá, São Paulo e Rio de Janeiro. Dizem que para fazer testes.

Com a eclosão da Guerra Mundial em

1914, o carvão inglês deixou de ser fornecido e o nacional se revelou, apesar da sua má qualidade, na única alternativa. Neste contexto, Criciúma recebeu a instalação da sua primeira mineradora, a Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá S.A. O nome deriva do município de Araranguá, do qual Criciúma era distrito, e que por sua vez estendia-se até a divisa com o Rio Grande do Sul. Após a CBCA, outras minas se multiplicaram nos entorno do Morro Cechinel, próximo ao centro da vila. Em 1919, a estrada de ferro chegou a Criciúma, e a extração do carvão aumentava cada vez mais.

O surto de desenvolvimento econômico desta época mudou significativamente a situação financeira de alguns criciumenses. As indenizações pagas pelos terrenos utilizados na mineração, a iniciativa de abrir suas próprias minas ou aquecimento do comércio são exemplos de algumas das novas alternativas que se apresentavam às famílias locais. A vila, com a igreja, a estação de trem e o comércio florescente, cada vez mais se consolidava com um importante centro urbano. E foram os jovens moradores deste local, provenientes de famílias imigrantes endinheiradas — ou em processo de "endinheiramento" — que fundaram, no dia 18 de maio de 1924, o Mampituba Foot Ball Club, o primeiro time de futebol de Criciúma. Apesar de pleitear a emancipação política, que seria conquistada no ano seguinte, o nome dado é homenagem a então fronteira sul do município de Araranguá, o Rio Mampituba.



Futebol é coisa séria

Digamos que o árbitro Edgar Carneiro Sobrinho não era uma unanimidade entre os apreciadores de futebol nos idos anos de 1948. Mas era sério. Escalado para apitar a final do Torneio Rolimpago organizado pela Liga Atlético da Região Mineira, logo conheceu ele os primeiros sinais da insubordinação dos clubes para com o sério trabalho que realizava ao apito.

A disputa seria entre o Atlético Operário e o Comerciante, que educadamente pediu a substituição de Edgar alegando que o juiz estaria fora de forma. A LARIM, logicamente, não aceitou o desrespeito. No entanto o indignado, ofendido, gordinho e sério Edgar, negou-se a apitar aquele jogo e qualquer outro dali por diante, porventura envolvido o Comerciante. Questão de honra. Coisa séria.

Edgar era homem sério, de pouca, mas não de ressentimentos. Talvez a derrota do Comerciante naquela final tenha-o consolado e sim, Edgar voltou a apitar os jogos daquele time. Incluiu-o no confronto que estava marcado contra o Próspera, válido pelo Campeonato de 1948. Mas a má fase do idôneo Edgar era realmente séria. A poucos dias do jogo, a torcida do "time da raça" mandou-lhe avisar que, caso não apitasse a partida com imparcialidade, invadiria o campo e faria sua própria justiça. Por prudência, Edgar foi novamente substituído. Como podemos ver, desde aquela época, apitar futebol era coisa séria. Muito séria, Edgar e o leitor que o digam.

Sou da opinião de que futebol é sério, é espetáculo. Vale dançar, cantar e às vezes até chutar a bola. Vale xingar o juiz e a que lhe pariu, mesmo que não haja — e nesse caso nunca há — razão para isso. Vale dizer que já subiu. Mentira! Vale até fazer a "dança da burdinha" na frente do Gonçalves. Tortado pode tudo, jogador pode quase tudo e trio de arbitragem sim-

plesmente não pode. Estes têm que ser sérios. Precisam ter a idade de um Edgar Carneiro Sobrinho.

No jogo da última, quarta-feira, entre Corinthians e Santos, válido pela semifinal da Libertadores, vi algo que não pude concordar. Auxiliou uma pênalti! Pra mim é bandeirinha! Está ali para duas coisas: marcar impedimento e lateral. Mas o senhor Almir Hausmann queria apitar, mais do que o Neyral — e oita que pra isso não precisava de tanto. Não quer eu ache que as falhas por ele assinaladas não existiram, mas aquela final do xptaz no último minuto do jogo... Para mim colocou a sua atuação a pelo menos nove metros e quinze da seriedade.

Será que para levar futebol a sério é preciso mudar "perna-de-pau", estudar história e entupir um texto com a palavra "sério"? Pressuposto que não. Além de ser bom de bola eu queria só mais uma coisa: queria a "raça prosperana" cuidando dele. Fazer isso no Pacembu é fácil, quero ver fazer no Mário Balmi. É que a "fita" não se atravessa a intervir. Conta pra ele, Edgar Carneiro Sobrinho, conta pra Almir Hausmann como seria "Sério" sem acento, porque sendo seria "séria".

Comerciante X Próspera no final da década de 1940: ao fundo, de camisa branca e calça preta, o árbitro acompanhando de longe a jogada. Distante, porém sério.



O Mampituba e o "time dos pretos"

A grande depressão que abalou a economia mundial em 1929 atingiu a jovem indústria carbonífera de Santa Catarina. Cada chefe de Estado, seja ele socialista, fascista ou um conservador "liberal interventor", buscava a seu modo de superar a crise. No Brasil, este impacto significou o fim da Primeira República e a intensificação do processo de transição de uma economia agroexportadora para o advento da era industrial. Como consequência, nos anos seguintes, as leis de proteção e incentivo ao cultivo nacional do governo Vargas aos poucos foram recuperando o setor.

Com uma economia fortemente atrelada à mineração, a cidade de Criciúma não pensava de crescer e uma burguesia local, ao mesmo tempo em que usufruía das benéficas franquias alcançadas, colocava em marcha o processo de modernização da cidade. Depois de oito anos de fundação o Mampituba, clube mais antigo da cidade, finalmente conseguiu inaugurar sua sede própria em 1932. Assim como os elitizados clubes do Rio de Janeiro dos anos 20, o Mampituba Foot Ball Club não se dedicava exclusivamente às práticas esportivas, acima de tudo, em seu associado era sinal de distinção e prestígio social. A estes alturas, um ingresso para um dos seus famosos bailes no novo salão, certamente já era bem mais concorrido do que um lugar ao lado do campo para assistir um dos jogos da sua inexpressiva equipe de futebol.

Em 1934, o governo estabeleceu um plano para que os proprietários de terra da região comprometessem e explorassem economicamente o seu subsolo. As minas de carvão então se multiplicaram e a mão de obra dos colonos, antes suficiente, agora precisava do auxílio de uma massa de trabalhadores provenientes das cidades vizinhas. Assim em sua grande maioria peão-de-obra ou pequenos agricultores que viam na atividade carbonífera uma possibilidade de ascensão econômica e abandonaram seus afazeres tradicionais para se tornarem ope-

rários mineiros. Para recrutar os trabalha-

dores migrantes, as companhias mineradoras contruíam pequenas e precárias casas de madeira, geralmente próximas ao local de trabalho, na "boca da mina". Ao redor do perímetro urbano, as vilas operárias se expandiam e davam um novo contorno à cidade de Criciúma.

Este processo acontecia simultaneamente em várias regiões do país, a classe operária e a burguesia industrial tornavam-se política-



Ouro Preto Futebol Clube

A boa campanha de seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938 era sintomática: definitivamente o Brasil estava se tornando o país do futebol. Este esporte, antes amador e elitizado, onde zagueiros grandalhões armavam tranca para continuar ostentando sua posição social privilegiada, agora era praticado também por centroavantes franzinos e dribladores, que viam na profissão de jogador uma das poucas alternativas para ascender socialmente. Em Criciúma, os jogos do Mampituba já não eram tão badalados quanto os dos times de "boca da mina", tanto que, a partir de 1937, o clube decidiu acabar com a sua equipe de futebol para se dedicar exclusivamente à organização dos seus famosos bailes.

Mas apesar da animação nos campos de futebol das vilas operárias ou nos bailes de carnaval do Mampituba, os criciúmenses não tinham muitos motivos para comemorar. Com a retomada das importações do carvão inglês, a indústria carbonífera local havia mergulhado numa profunda crise. A situação só não era pior porque que o governo Vargas, cujo poder durante o

escoamento da produção e o setor não deslanchava.

As notícias que vinham do exterior eram animadoras e ao mesmo tempo preocupantes. Os conflitos que estavam ocorrendo na Espanha e a política expansionista do nazismo pela Europa não deixavam dúvidas que uma nova grande guerra como a de 1914 estava para acontecer. Com isso, novamente as importações seriam interrompidas e a indústria carbonífera nacional provavelmente conheceria um novo surto de desenvolvimento. Além disso, a possibilidade da construção de uma grande companhia siderúrgica no Brasil era cada vez mais real e das chaminés dos fornos de coque da Próspera, há muito desativadas, já começava novamente a sair fumaça.

Assim como para a indústria carbonífera, o futuro dos ex-atletas do Mampituba era promissor. Insatisfeitos com a troca do "Football" pela "Sociedade Recreativa", eles se reuniram, na véspera do natal de 1939, para fundar o mais novo clube de futebol da cidade.

O nome escolhido bem demonstra a



ideologia predominante naquela época, que via no carvão a única fonte de riqueza que poderia promover o tão almejado progresso da cidade: Ouro Preto Futebol Clube. Explodia a Segunda Guerra Mundial e quase tudo em Criciúma crescia umbilicalmente ligado ao carvão, inclusive o futebol.

HISTÓRIA & Futebol Clube

RENATO DE ARAÚJO MONTEIRO

redacao@jornaldn.com.br

Atlético Operário Futebol Clube

Após uma série de alianças e “desalianças” entre as nações européias, a política de agressão e expansão do eixo Berlim-Roma-Tóquio havia originado uma nova Guerra Mundial, desta vez um conflito ideológico, travado basicamente entre facistas e antifascistas. Como era previsto, as importações de carvão novamente foram interrompidas e as carboníferas nacionais ganharam um novo impulso. A ameaça da falta de combustível no Brasil era iminente e, em 1942, o governo reservou para todo o carvão extraído no país. A garantia de venda fazia com que as minas se multiplicassem e só em Criciúma já somavam mais de noventa frentes de exploração. Neste mesmo ano, para organizar esta corrida do “ouro negro” que acontecia na região, uma sede do Departamento Nacional de Produção Mineral foi instalada na cidade.

Novas companhias carboníferas eram fundadas, cavavam suas minas e construíam suas vilas operárias, que logo estavam repletas de “forasteiros” que abandonavam seus antigos afazeres

para se transformar em trabalhadores mineiros. A regra geral era que a mina, a vila a ela pertencente e time de futebol que a ambas representava, tivessem o mesmo nome. Mas no caso da CBCA era diferente. Por ser a primeira mineradora da cidade, sua vila era chamada apenas de Vila Operária e o seu time de futebol algo também genérico: Atlético Operário Futebol Clube.



As origens do Atlético Operário são controversas, as fontes divergem tanto em relação a sua data de fundação, quanto aos times que lhe deram origem. O que podemos afirmar é que o clube é uma fusão de vários times que, desde a década de 1920, vieram passando por uma série fusões e rupturas. Nos anos 40, equipes como o “time dos pretos”, o Waldemar Brito ou o União Mineira já não existem mais, o grande clássico da Vila Operária é formado por Atlético Operário e São Paulo, este último criado a partir de um grupo de dissidentes do rival. Ou seja, assim como nos conflitos da Segunda Guerra Mundial, as políticas de aliança e ruptura do futebol de Criciúma não paravam de acontecer.

HISTÓRIA & Futebol Clube

RENATO DE ARAÚJO MONTEIRO

redacao@jornaldn.com.br

Esporte Clube Metrópol

Depois do suicídio de Hitler e da rendição das tropas alemãs, somente o Japão, com seus também suicidas pilotos kamikazes, resistia contra a ofensiva dos aliados. As hostilidades só cessaram quando os Estados Unidos resolveram testar a sua mais nova arma. Nos dias 06 e 09 de agosto de 1945, duas bombas atômicas lançadas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki puseram um ponto final na Segunda Guerra Mundial.

Durante os seis anos de conflito, a indústria do carvão só se fez crescer. Com todos os investimentos dos países beligerantes voltados para a guerra e o risco da falta do combustível no Brasil, o carvão tornou-se uma questão de segurança nacional. A ditadura do Estado Novo convocava os mineiros ao trabalho que, caso negassem, estariam sujeitos a prisão por “impatriotismo”. Neste período, cerca de quinze companhias de mineração foram fundadas em Criciúma, dentre elas a Carbonífera Metropolitana S.A., constituída em 1941.

Inicialmente criada como empresa colonizadora, a Metropolitana foi responsável pela implantação de núcleos coloniais como os de Nova Veneza, Tronco e Beluno (hoje Siderópolis). A

companhia vendia os lotes terra, mas reservava para si o direito de exploração do respectivo subsolo, o que lhe conferiu a posse de uma considerável reserva de carvão mineral. A garantia de venda total da produção encorajou a empresa a iniciar a efetiva exploração das suas jazidas no início dos anos 40, abrindo uma nova frente de mineração na parte oeste do município.

Para atrair, abrigar e disciplinar a mão-de-obra necessária ao funcionamento da mina era preciso criar um novo bairro, uma vila operária. Assim, a companhia construiu não só uma série de pequenas casinhas de madeira cinco por sete, mas também a escola, o armazém, o clube, a igreja, açougue... E foi capitaneados pelo açougueiro Miguel Nápoli, quando todos ainda comentavam as bombas atômicas lançadas no Japão há pouco mais de um mês, que os mineiros da Metropolitana decidiram fundar o time de futebol da vila: o Esporte Clube Metrópol.

Parafraseando as geniais palavras de Zé Dassiava, a partir daquele dia 15 de novembro de 1945, em meio a um bairro completamente enegrecido pelo preto do carvão, o verde passou a habitar em pelo menos um lugar, no gramado do campo do Metrópol.



HISTÓRIA & Futebol Clube

RENATO DE ARAÚJO MONTEIRO

redacao@jornaldn.com.br

Esporte Clube Próspera

Cansado, sem camisa, vestindo apenas calça e chapéu, o mineiro Manoel Costa estava ali, há várias horas pensando para que o artista esculpissem seu corpo. Naquele ano, pela primeira vez, a produção de carvão de Santa Catarina havia superado a do Rio Grande do Sul, e Criciúma passou a ser chamada de “Capital Brasileira do Carvão”. A escultura era parte do monumento “aos homens do carvão” que estava sendo erguido no centro da praça central para registrar a data histórica. Mas apesar de todos esses acontecimentos simbólicos, o futuro da economia criciumentense era preocupante.

Com o fim da guerra, o carvão nacional voltava a sofrer concorrência do “carvão alienígena”, agora não mais comprado junto às velhas potências européias, mas sim dos Estados Unidos que, ao lado da União Soviética, despontava como uma superpotência mundial. Além disso, Vargas já não era mais o presidente, o Estado Novo havia acabado e o apoio do novo governo, sem o qual o setor não sobreviveria, era incerto. Menos mal que uma greve entre os mineiros norte-americanos ainda impedia as importações. No entanto, a situação já era suficiente para que nenhum investidor se aventurasse a abrir uma nova com-

panhia mineradora.

Os diretores da Carbonífera Próspera, que desde 1921 minerava na parte leste do município, já haviam passado por outras crises e sabiam muito bem das incertezas econômicas que advinham de um período pós-guerra. Nos últimos anos, a empresa progredira. Seu principal cliente era a Companhia Siderúrgica Nacional, que lavava em Capivari de Baixo o carvão que abastecia as usinas de Volta Redonda, no Estado Rio de Janeiro. Essa relação com a CSN seria importantíssima para o futuro da companhia. Assim como o seu capital, o número de funcionários havia crescido muito e a vila operária da Próspera figurava entre as mais importantes da cidade.

Tanto que já contava com uma equipe de futebol que a representava. Se na Metropolitana tudo era tingido de preto e o único verde que se via era o do campo do Metrópol, na Próspera as casas eram maquiadas com tinta vermelha, cor esta que também predominava no uniforme do Esporte Clube Próspera, fundado em 29 de março de 1946 e ainda sem o verde que adotaria no futuro. Quem sabe, após obra concluída, o mineiro/modelo Manoel Costa não tenha vestido uma camisa vermelha para torcer pelo Próspera? Vai saber... Quem duvida é louco!





RENATO DE ARAÚJO MONTEIRO

O "football" da Praça Nereu Ramos

No final de 1946, depois de quatro anos morando em Florianópolis, experiente técnico do Colégio Catarinense, o jovem Carlos Augusto Borba finalmente voltou para a casa dos pais, em Laguna, onde pegou o trem de passageiros, e assim que chegou veio a grande quantidade de cartões que se acumulava no calçadão da praça. Os cartões também eram perseguidos nos jardins das casas, ao longo do trajeto. A família Borba, como todos os outros, tinha se mudado de Florianópolis para Curitiba há apenas dois anos. No deslocamento na volta para a praça, além do sistema, a praça pelo futebol, adquiriu durante sua estadia no lugar que provavelmente teria ficado o esporte para Santa Catarina.

Os tempos que Carlos viveu não eram simples. Passado quase dois anos do fim da Segunda Guerra Mundial, com o comércio internacional praticamente estagnado, a conjuntura econômica não permitia chegar aos postos brasileiros, reduzindo mercado do comércio nacional. Para planejar a vida, a produção local não permitia de momento, levando a casa de um milhão de toneladas, vários milhares foram perdidos nos empregos e muitas companhias encontravam falência no período de acurácia.

No entanto, a "Memória do Cade" já possuía uma classe de empresários que, apesar de significativos, poderiam ser considerados, das quais se utilizava para ajudar por políticas de proteção e incentivo ao comércio nacional. Em fevereiro de 1947, o Governo Federal começou a primeira "maior reforma do comércio", realizada no Rio de Janeiro, onde foram estabelecidas algumas estratégias que visavam superar as dificuldades pelas quais o setor comercial estava passando.

Apesar disso, Carlos precisava se integrar à sociedade catarinense. Constatando que morando na Praça Nereu Ramos, não tendo com o apoio dos que moravam em Florianópolis, a família não teria nada além. Logo, passou frequentando as reuniões do Rodo 1914, onde o amigo de Guilherme Guimaraes, Carlos, passou a se aproximar da praça da mãe do também amigo Carlos Borba, e Carlos, sua, não foi para o futebol, mas para jogar. É muito antigo onde os jogadores disputavam partidas de futebol, mesmo como Carlos Borba, Carlos Borba e João Guimarães. Em pouco tempo, Carlos ficou parte do grupo de jovens do centro da cidade e não mais estava passando para fora, dentro do centro, ao lado de Nelson João Garcia, Nereu Ramos, Nereu Guimarães, Oswaldo Souza e Manoel Moller.

Em se tratando de futebol, como não passavam uma equipe própria, os amigos se reuniram entre as linhas da escola. Para isso, além dos clubes como o Atlético Operário, o São Paulo, o Desportivo e o Piquetense, o Mercantil ficou muito longe do centro. Assim, estavam também longe de melhor experiência como o Arsenal e o Juventude Atlético Club. Assim, Carlos, morando sozinho, principal motivo, e mesmo para a "formosa" Vitor Quilina onde passou a defender as cores do Atlético Operário Futebol Clube.

Fonte: BORBA, Carlos Augusto. *Reminiscências em gotas*. Curitiba: SE de auto, 2011.

Carlos Borba, Nereu Guimarães, Carlos Borba, Oswaldo Souza e Manoel Moller jogando futebol na Praça Nereu Ramos em 1947.



RENATO DE ARAÚJO MONTEIRO

Comerciário Esporte Clube

Na semana passada, escrevi sobre a vida do jovem Carlos Augusto Borba para Criciúma, seu círculo de amizades e sua afeição pelo futebol. Sessenta e cinco anos mais tarde, já do alto dos seus 85 anos de idade, o Sr. Carlos resolveu registrar, de próprio punho, estas e outras tantas memórias que resultaram no livro "Reminiscências... em gotas", lançado em 2011. Eis o episódio da fundação do Comerciário Esporte Clube, narrado por um dos seus fundadores, cuja principal idealizador:

O Atlético Operário teve relação histórica com o Comerciário Esporte Clube por uma simples explicação. Como jogava naquele clube, no início de 1947, no segundo time, enfrentava, nas horas de treino, os melhores jogadores titulares. Entre eles estava o lateral direito, de sobrenome — ou alcunha — Roxo, que era meu marcador. Ocorre que um dia, o Roxo, em uma jogada violenta, rasgou minha chuteira do dedo mindinho até o calcanhar, fato que continha o meu espírito esportivo, alicerçado na lealdade.

Retornando para casa, pelos trilhos da estrada de ferro — o caminho mais curto para quem andava a pé — em um diálogo com meus botões, perguntei: "Porque não fundamos um time do Centro?" Como a resposta positiva encontrou eco, a ideia criou corpo.

Como meu círculo de amizades já havia crescido, o entusiasmo entre aqueles com quem conversava foi aumentando, até que a ideia foi concretizada. O Café São Paulo, a Praça Nereu Ramos e o Monumento ao Mineiro — bem no centro desta — eram nossos pontos de reunião. E foi justamente nos degraus desse monumento que tomamos a decisão definitiva. Estava fundado aquele que seria o Comerciário Esporte Clube na data de 13 de maio de 1947. (BORBA, Carlos Augusto. *Reminiscências em gotas*. Criciúma: Ed. do autor, 2011, p. 105)

Juntamente com Carlos Augusto Borba, assinaram a ata de fundação: Antenor Longo, Carlos Rovaris, Clemente Herivel, Eddie Barreiros Mello, Hericilio Guimarães, Homero Virgílio Borba, Jacob Della Giustina, João Antunes, João Batista Brígido, José Carlos Medeiros, Lédio Burigo, Nelson João Garcia, Rui Passavante Rovaris, Salentino Ramos e Sinval Rosário Bohrer.

Nos degraus do recém inaugurado monumento "aos homens do carvão", a ideia de fundar um time do centro "criou corpo".



RENATO DE ARAÚJO MONTEIRO

O Torneio Relâmpago do Lapagesse

Neste último dia 15, a EEF Professor Lapagesse completou 80 anos de existência e a visita dos seus 654 alunos ao Estádio Heriberto Hulse constitui como parte das comemorações de aniversário. Acontecimento deveras significativo já que, com uma história que se confunde com a da própria cidade, não raro foram os momentos de contato da escola com o futebol criciúmeno. Separei um especial:

No dia 14 de abril de 1954, a diretoria da Liga Atlético da Região Mineira reuniu-se para criar uma das suas rotineiras reuniões. Após aberta a sessão, o presidente Pedro Milanez leu um ofício endereçado do Grupo Escolar Professor Lapagesse, no qual pedia permissão à Liga para a realização de um torneio, cuja renda seria destinada a compra de uniformes para os seus alunos mais carentes.

Por ser pública, a escola atraiu crianças oriundas de várias classes sociais. Para se ter ideia, naquele ano de 1954, entre 229 alunos matriculados em quatro turmas, havia 35 fi-

lhos de comerciantes, 16 filhos de empregadas domésticas, 13 filhos de mineiros, 9 filhos de lavradores e 6 filhos de industriais. Por isso, a parcela de alunos que não dispunham de condições para comprar seus uniformes deveria ser significativa, a ponto de os professores da escola se mobilizarem para organizar uma competição de futebol, a fim de levantar fundos para a "aquisição de roupas aos alunos pobres".

O Torneio Relâmpago do Lapagesse ocorreu em 1º de maio de 1954, numa tarde de sábado, folga dedicada ao dia do trabalhador. Os seis times convidados — Atlético Operário, Comerciário, Itagua, Metrópol, Próspera e São Paulo — enfrentaram-se em uma competição do tipo mata-mata, onde os jogos eram disputados em dois tempos de 15 minutos, para cada lado. Infelizmente, as fontes não apontam os placares, mas podemos afirmar que o futebol ajudou a fazer com que os alunos do Lapagesse passassem menos frio naquele inverno que se aproximava.

Lédio Burgo: uma vida dedicada ao Criciúma E. C.

Quando um historiador começa uma pesquisa, ele encontra sempre uma história. Não é diferente com Lédio Burgo. Uma das primeiras iniciativas a promover o futebol em Criciúma foi a criação da Associação Esportiva Clube, em 1910. Lédio Burgo, então, foi um dos fundadores do clube. Ele foi um dos fundadores do clube e, desde então, dedicou-se ao futebol em Criciúma. Ele foi um dos fundadores do clube e, desde então, dedicou-se ao futebol em Criciúma.

Lédio Burgo foi um dos fundadores do clube e, desde então, dedicou-se ao futebol em Criciúma. Ele foi um dos fundadores do clube e, desde então, dedicou-se ao futebol em Criciúma. Ele foi um dos fundadores do clube e, desde então, dedicou-se ao futebol em Criciúma. Ele foi um dos fundadores do clube e, desde então, dedicou-se ao futebol em Criciúma.

O contato com o futebol em Criciúma foi um dos fundadores do clube e, desde então, dedicou-se ao futebol em Criciúma. Ele foi um dos fundadores do clube e, desde então, dedicou-se ao futebol em Criciúma. Ele foi um dos fundadores do clube e, desde então, dedicou-se ao futebol em Criciúma.



Renato de Araujo Monteiro
redacao@jornaldn.com

História & Futebol Clube

Fontes para a história do futebol de Criciúma

Na busca de informações que nos forneçam subsídios para contar uma história do futebol de Criciúma e região, deparamos-nos, sobretudo no período que vai até o final da década de 1940, com uma significativa ausência de fontes. O que sabemos sobre essa época são informações muitas vezes desconstruídas, extraídas dos escassos documentos ou de pesquisas historiográficas feitas, embasadas principalmente em relatos orais. O cenário começa a mudar exatamente a partir do dia 05 de maio de 1948, com a fundação da Larm – Liga Atlético da Região Mineira – e a lavratura das suas minuciosas e assíduas atas de reunião. Além disso, existem também as menos precisas atas dos clubes, quase todos criados também neste período.

No entanto, não há dúvidas de que os dados mais interessantes que encontramos foram registrados pela imprensa escrita local, que, além do efêmero jornal O Mineiro,

da década de 1920, começou a cobrir o futebol de maneira mais abrangente com a Folha do Povo, em 1951 e 1952, e com a Tribuna Criciúmens, a partir de 1955.

Mas se Criciúma era carente de jornais até 1950, isto não quer dizer que o seu futebol não fosse notícia. Há muito, os clubes e, posteriormente, a Larm, mantêm contato com outras cidades que possuíam seus periódicos e noticiavam os acontecimentos esportivos da região. Um exemplo que podemos citar é a visita do jornalista Olívio Cordeiro à sede da Larm, na reunião do dia 22 de setembro de 1948. Nesta ocasião, o representante do jornal A Notícia, de Joinville, prometeu “externar suas impressões sobre a Larm” naquele órgão. A esta época, o futebol de Criciúma estava começando a se organizar, enquanto Joinville já possuía uma grande tradição no esporte, inclusive com o título estadual de 1947, conquistado pelo América Futebol Clube.



Renato de Araujo Monteiro
redacao@jornaldn.com

História & Futebol Clube

O início do futebol em Criciúma

O primeiro vestígio sobre a prática do futebol em Criciúma que podemos inquirir das fontes hoje conhecidas trata-se da seguinte fotografia, supostamente datada do ano de 1910:



Núcleo colonial de Criciúma nas primeiras décadas do século XX

Na imagem, podem ser observados os três elementos apontados pelo historiador Dorval do Nascimento como “fundamentais no processo de produção do espaço no núcleo colonial”. Ao centro, vê-se o cruzamento da estrada geral de Urussanga a Araranguá (horizontal) com a estrada geral de Linha Anta a Mãe Luzia (diagonal), vias que “ligavam o núcleo às outras localidades e cidades da região”. Segundo o mesmo autor, era em função destas estradas que se localizavam outros importantes pontos de sociabilidade, como a capela e a “venda”.

As “vendas” eram “estabelecimentos em que se comercializavam diversos produtos, [cu]os proprietários eram agricultores que haviam conseguido acumular algum dinheiro”. Em Criciúma, um destes comerciantes era Pedro Benedet, dono da “venda” que funcionava na edificação maior que aparece em primei-

ro plano à esquerda. A igreja que substituiu a primeira capela de madeira foi construída em local um pouco mais afastado, e podemos deduzir com segurança que foi da sua torre que o fotógrafo conseguiu tal perspectiva.

Observamos ainda que o registro da movimentação no gramado aonde futuramente viria ser a Praça Nereu Ramos talvez não fosse o objetivo principal do fotógrafo, e que se por acaso a imagem não tivesse capturado a trave que aparece no canto inferior esquerdo, jamais saberíamos que aquelas pessoas ali dispostas estavam a jogar futebol. Possíveis indícios de uma época em que o novo esporte certamente chamava a atenção, mas sua prática quem sabe não fosse considerada um evento de grande importância.

Fonte: Nascimento - Agricultura e mineração na formação do espaço urbano de Criciúma, 2004.



Renato de Araujo Monteiro
redacao@jornaldn.com

**História
& Futebol
Clube**

O Torneio de Início de 1949

Para quem estava à toa na vida era "show de bola": a banda estava passando. Mas não vinha cantando coisas de amor. Vinha anunciando as dez equipes que disputariam, naquela tarde de domingo, o grande torneio de futebol da cidade. A "procissão" havia saído ao meio dia em ponto da sede da LARM e percorria as principais ruas de Criciúma em direção ao Estádio Irineu Bornhausen, que se localizava nas imediações da Vila dos Engenheiros, hoje Bairro Pio Corrêa. E era assim a cerimônia de apresentação dos times de futebol da região no final da década de 1940, com banda e tudo! Atrás dela, seguia a delegação dos clubes, cada qual empunhando sua respectiva bandeira. No seu destino, o desfile era aguardado não só pelos torcedores aficionados por futebol, mas também por autoridades políticas de nível local e até estadual.

Finalmente a temporada 1949 da Liga Atlético da Região Mineira estava começando. Em uma das rotineiras reuniões de quarta-feira, a data do Torneio de Início fora marcada: 10 de julho. Para a reunião do dia 4, quando ocorreria o sorteio dos jogos, foram convocados os representantes de todos os clubes que disputariam a taça doada pela Prefeitura Municipal de Criciúma que o presidente da LARM, Tulio Schibuolli, traria

do Rio de Janeiro e batizaria com o nome de um de seus filhos.

Esta competição era uma prévia do campeonato principal onde, em um único dia, as equipes se enfrentavam em jogos com tempo reduzido, oportunizando a ambos, time e torcida, um primeiro contato. A disputa da Taça Paulo Alberto foi marcada para as 13 horas, no entanto, os clubes que não comparecessem ao desfile marcado para uma hora antes, estavam sujeitos a multa e desclassificação. O regulamento dizia ainda que as partidas seriam eliminatórias, com jogos – sem intervalo – de 10 minutos para cada lado, sendo decididos, no caso de empate, por cobranças de pênaltis. Através de sorteio, a tabela confeccionada pelo Conselho Técnico da Liga sugeria os seguintes confrontos:

- 1º jogo: Comercário x Próspera
- 2º jogo: Ouro Preto x Siderópolis
- 3º jogo: Metrópol x São Paulo
- 4º jogo: Atlético Operário x Urussanga
- 5º jogo: Vera Cruz x Araranguense

Após seguidas vitórias de Atlético Operário e Comercário, o chaveamento do torneio os conduziu à partida final, vencida pelos bacheleiros. Com a conquista do Torneio de Início, o Comercário obtinha seu primeiro título oficial e despontava como um dos favoritos ao Campeonato da LARM de 1949.



Cartaz confeccionado em homenagem ao Torneio de Início de 1949



Renato de Araujo Monteiro
redacao@jornaldn.com

**História
& Futebol
Clube**

Futebol e Tourada em Criciúma: cada coisa no seu lugar (?)

A edição do dia 07 de maio de 1951 do jornalFolha do Povo é emblemática. Em uma única página, duas reportagens que teoricamente não tinham relação alguma, mas que permitiriam ao comentarista esportivo fazer uma sutil e feliz – talvez involuntária – analogia.

Aquele era um momento em que as confusões em torno do futebol se avolumavam em número e tamanho. Para cobrir tais atitudes, os infratores eram punidos e o policiamento nos jogos intensificado. Ficou cada vez mais comum, nos relatórios dos jogos, o lançamento de despesas com policiais. Transporte, alimentação...

Lino de Bona Castelán, um tesoureiro bastante detalhista, chegou a lançar o seguinte gasto: pago 5 cervejas fornecidas à polícia. Nessas condições, o aumento do contingente não resolveria o problema. Se até a polícia bebia e, segundo o jornal, alguns "Sanções" eram capazes de "ingerir cerveja até encabular um filho de Munich", podemos ter uma noção do clima que envolvia uma partida de futebol da LARM no início da década de 50.

A gota d'água – ou talvez de outras bebidas – veio no jogo amistoso (?) entre

Próspera e Araranguense, quando mais uma vez "verificou-se outro incidente que degenerou em briga". Revoltado e ainda sentindo os tapas que levava na ocasião, Romeu Carvalho, colunista esportivo e árbitro da LARM nas horas vagas, declarou: "do jeito como vão as coisas, dentro de pouco tempo, deixará de existir, por parte dos que apreciam o futebol, o interesse e apoio que sempre deram aos esportistas e aos clubes locais". Segundo o jornalista, cabia justamente à polícia – esperar que sôbria – colocar ordem na casa, punindo energética e exemplarmente os jogadores indisciplinados.

Na mesma página, a notícia da presença do Honduras Circo Touradas em Criciúma. Há uma semana instalada na Praça do Congresso, a arena recebia grande público todas as noites para assistir aos duelos entre touros e toureiros. Indignado e bem humorado, Romeu Carvalho concluiu sua crítica às confusões nos jogos dizendo que "o povo paga para ver futebol e não touradas". Na verdade Romeu, o povo pagava para ver as duas coisas, só não desejava que elas se misturassem. Cada coisa no seu lugar: touros no circo e atletas nos gramados (?).



Renato de Araujo Monteiro
redacao@jornaldn.com

**História
& Futebol
Clube**

Time do Comercário tricampeão da LARM de 1951

Com a criação da Liga Atlético da Região Mineira em 1948, o futebol da região carbonífera, melhor organizado, passou por um significativo processo de crescimento e modernização. No primeiro ano sagrou-se campeão o Atlético Operário, de Criciúma, ficando na segunda colocação o Urussanga Futebol Clube. Mas a partir de 1949 a hegemonia foi do Comercário, com a conquista de três títulos consecutivos. Através das crônicas esportivas do Jornal Folha do Povo é possível recompormos o time base tricampeão em 1951.

No gol, após a saída de Mário Romancini e a efêmera passagem de Vico, quem acabou se consolidando na posição foi Anísio Cardoso, curiosamente contratado junto ao arqui-rival Atlético Operário e pivô de uma grande confusão envolvendo os dois times na final de 1949. À sua frente atuava a "parelha de zagueiros" Vante Rovaris e Luiz Colombi, titular absoluta em todos os jogos. O esquema

maior craque da época, tendo ao seu lado o "não amador" Eraldo de Oliveira, apontado por muitos como "o primeiro jogador pago da história do Comercário/Criciúma".

A linha de ataque, formada por dois ponteiros e dois centro-atacantes, revezava com Carlitos Rovaris, Aníbal Bernardini, Ari Burigo e Mauro Meller. O treinador Paulino Burigo teria ainda à sua disposição Dilto Rovaris, reserva imediato do oportunista Carlitos – e vice-versa – e o polivalente Irio Pizzetti, que atuava na ponta, no ataque e, se preciso fosse, também no meio campo.

Mesmo cometendo injustiça para com alguns jogadores aqui não citados, acredito que seria essa a formação clássica dos primeiros anos de Criciúma Esporte Clube, quando ainda atendia pelo nome de Comercário. Entre nós, apenas Colombi, Bigode, Murici e Mauro Meller, os demais já subiram para jogar no time de cima.



Álbum de figurinhas do Comercário de 1951.



Renato de Araujo Monteiro
redacao@jornaldn.com

**História
& Futebol
Clube**

Voando para organizar o campeonato de 1949

Cento e oitenta cruzzeiros. Era o que estava recebendo João Vieira de Sá para levar o secretário da LARM, Paulino Burigo, até a cidade de Araranguá, local do único aeroporto da região. Na verdade, este era quase um favor que o dono do automóvel fazia à Liga Atlético da Região Mineira, já que o valor cobrado mal cobria os custos da dispendiosa viagem de Criciúma até aquela cidade, cujo trajeto, composto por estradas de pedra quase intransitáveis, passava ainda pelas localidades de Mãe Luzia, Torquinhinha e Maracajá. Lá, Paulino tomaria um avião até Florianópolis, onde era esperado pelos diretores e funcionários da Federação Catarinense de Desportos. Na bagagem: estatutos de clubes filiados, alvarás de funcionamento e inscrições de atletas; pendências da Liga junto à Federação.

Depois do Torneio de Início, realizado há mais de um mês, os trabalhos da diretoria da Liga Atlético da Região Mineira concentraram-se em um único objetivo: o campeonato de 1949, que deveria começar no dia 31 de julho. Cabe lembrar que nesta época nem todos os clubes possuíam campos de futebol onde pudessem mandar seus jogos. O próprio Comercário só iria inaugurar o seu estádio em 1955, e o Siderópolis encontrava dificuldades para conseguir a liberação do seu novo estádio junto ao Conselho Técnico da LARM. Foi por este motivo que o mesmo Conselho, a apenas uma semana da data estipulada para o início da disputa, ainda encontrava muitas dificuldades para a elaboração da tabela dos jogos, o que levou ao abandono da data do dia 31. Uma das propostas foi a realização de turno único com rodadas duplas nos estádios de Criciúma e Urussanga e rodada simples em Araranguá, que após votação dos representantes dos

clubes foi aprovada. No entanto, o sorteio dos times que disputariam os jogos em cada localidade desagradou o presidente do Urussanga Futebol Clube, Lúcio de Brito, que, ao alegar que as partidas em sua cidade seriam "fracas", solicitou novo sorteio, o que não foi aceitado pelos demais clubes. Sendo assim, no dia 17 de agosto de 1949, o Urussanga pediu licença para não participar do campeonato daquele ano. Ajustada a tabela, parecia que nada mais impedia o início do campeonato. Entretanto, ainda havia problemas a serem solucionados. A filiação da LARM junto a Federação – e a ambição das equipes locais de disputarem o Catarinense necessitavam, não só que seu calendário fosse sincronizado com os demais do Estado, como também que aquela entidade aprovasse todas as atividades desenvolvidas pela Liga. Nesse sentido, foram enviados dois telegramas à Florianópolis, além de "conferência telefônica", objetivando saber, dentre outras informações, a data máxima para o término do campeonato. A resposta veio através de telegrama, "não muito esclarecedor", enviado pela FCD. Nem a ida do emissário Nicolau Destri Napoleão à capital do Estado foi suficiente para regularizar a situação. Marcado a nova data para o início do campeonato, dia 28 de agosto, não se tinha mais tempo a perder, e uma semana antes, novamente era deslocado um representante da LARM, desta vez Paulino Burigo, até Florianópolis para resolver os entraves que impediam o início do campeonato. Dada a pressa, a viagem deveria ser feita de avião. Finalmente, na reunião do dia 24 de agosto, era lido um ofício enviado pela FCD comunicando a legalização da LARM e de seus clubes junto à mesma. A data do dia 28 estava assegurada.



Renato de Araujo Monteiro

redacao@jornaldn.com

**História
& Futebol
Clube**

Comerciário: um bairro e um time

A lei municipal número 827 de 22 de julho de 1971 criou oficialmente o Bairro Comerciário. O nome foi uma homenagem ao Comerciário Esporte Clube, dono do principal ponto de referência da localidade, o Estádio Heriberto Hülse.

Inicialmente a região correspondia ao lote colonial adquirido pela família do imigrante Augusto Casagrande, que chegou da Itália com seus pais ainda no final do século XIX. Construído em 1920, o prédio que serviu como residência da família de Augusto e Cecília Darós durante muitos anos – hoje museu – foi uma das primeiras casas de dois pisos a serem construídas em Criciúma.

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) interrompeu as importações de combustível estrangeiro, oportunizando o início da exploração de carvão nacional, sobretudo na região de Criciúma. Para fazer o transporte do minério até os portos de Laguna e Imbituba, um ramal da Estrada de Ferro foi construído em 1919, “cortando” a cidade ao meio. Os trilhos originalmente percorriam o trajeto onde hoje se localiza a Avenida Centenário, e a região que viria a ser o Bairro Comerciário era chamada pejorativamente de “lado de lá do trilho”, um local visto como atrasado quando comparado ao “lado de cá”, o centro urbanizado da cidade. Na região, na época afastada do centro, a família Casagrande cultivava diversos produtos agrícolas e criava

algumas cabeças de gado, além de manter um alambique e uma olaria que fornecia tijolos para a maioria das casas que estavam sendo construídas em Criciúma.

Com a grande expansão da indústria do carvão na década de 1940, a população de Criciúma praticamente dobrou e a cidade se expandiu para outras regiões próximas ao centro, inclusive pro “lado de lá do trilho”. Nos anos 50 o local passou a abrigar algumas construções importantes como a sede da Liga Atlético da Região Mineira e o campo do Comerciário Esporte Clube, inaugurado em 1955. Ambos os terrenos foram comprados de Constante Casagrande, um dos 15 filhos entre os quais os bens da família foram divididos.

Até então o Comerciário não possuía qualquer vínculo com a região, pois sua sede era na Praça Nereu Ramos e os seus jogos eram disputados no Estádio Irineu Bornhausen, localizado onde hoje é o Bairro Pio Corrêa. No entanto, com a construção do seu campo nas terras dos Casagrande, o clube de futebol e a localidade passaram a ter uma forte identificação, que se cristalizou no nome do bairro, oficializado em 1971. Sete anos mais tarde o time trocou de nome, mas o bairro não e, após a mudança também das cores e do distintivo, talvez o endereço seja um dos últimos fatores que ligam o Criciúma Esporte Clube ao velho Comerciário.



Jogadores do Comerciário e do Imbituba no jogo de inauguração do Estádio Heriberto Hülse em 1955



Renato de Araujo Monteiro

redacao@jornaldn.com

**História
& Futebol
Clube**

A primeira vez do Aimoré nos gramados de Criciúma

Contidos ao lado do campo, Dite Freitas e Silvino de Luca, dirigentes do clube, se entreolharam e pensaram: “Murici”. Em polvorosa sobre as arquibancadas de madeira, a torcida gritou: “Murici”. Sentado no banco de reservas, o técnico Nino Santos escalou: “Murici”. Ainda rolando no gramado por causa do choque que recebera do zagueiro, o atacante Santos estendeu os braços oferecendo a bola ao companheiro de equipe: Murici.

O time deles perdia por três a zero e buscava uma reação contra a forte equipe do Aimoré, integrante da “Divisão de Honra” do Campeonato Gaúcho. Murici era o jogador mais caro do futebol de Criciúma. Historicamente ligado ao Comerciário, ele havia se transferido para o rival Atlético Operário, time pelo qual conquistou o título da LARM de 1954. Aquele era o jogo de entrega das faixas e o Rolo Compressor não poderia ser goleado dentro da sua própria casa. Murici pôs a bola

no local indicado pelo árbitro alemão Horst Harden, esperou o apito e desferiu o belo chute que fez estufar uma das redes do Estádio Waldemar Brito: Atlético Operário 1, Aimoré 3.

“Uma partida deveras sensacional”. Foi como a imprensa de Porto Alegre descreveu o primeiro jogo do Clube Esportivo Aimoré nos gramados de Criciúma. Quem se encaminhou até a Vila Operária naquela tarde de domingo do dia 27 de fevereiro de 1955, pode ainda assistir a uma das últimas atuações de Murici pelo Atlético, poucos meses antes do seu retorno ao Comerciário.

Hoje à tarde, enquanto os “tigrinhos” estiverem enfrentando o Aimoré no Estádio Heriberto Hülse, Seu Murici Burigo estará em casa, lendo, descansando. Entre uma lembrança e outra, talvez lhe ocorram algumas façanhas futebolísticas, como o dia que marcou um gol de falta contra um dos principais times do Rio Grande do Sul.



Aimoré entrega as faixas de campeão aos jogadores do Atlético: Zezé, Pedro Rabelo, Murici, Uca, Luiz Geraldo, Argênio, Pedro Gaiola, Santos, Aldo, Gelson e Cardoso.



Renato de Araujo Monteiro

redacao@jornaldn.com

**História
& Futebol
Clube**

Reforço confirmado

“Colono! Colono! Colono!” Como se tal adjetivo fosse ofensa, gritava a torcida tentando intimidar o jogador do time adversário. De onde é que já se viu? Um colono do Morro da Fumaça ser admitido no plantel do time do centro da capital brasileira do carvão? “Mas eles viram que o colono era um malabarista que acabou com o jogo: driblava, corria, dava de calcanhar, passava o pé por cima da bola.” Com ela nos pés todos eram iguais. Todos não. Bigode era diferenciado.

Convocado pela Força Expedicionária Brasileira para defender o país durante a Segunda Guerra Mundial, Waldemar Dorval da Silva teve seu nome incluído entre os que combateriam na Europa. Na inocente visão dele, participar do conflito e conhecer a Itália, mesmo que nesta situação, seria umas das melhores coisas que lhe poderiam acontecer. No Rio de Janeiro, ainda a caminho do Velho Continente, o jovem soldado que se destacara no Exército Brasileiro também como maratonista, teve que abandonar a corrida de se tornar um herói nacional antes de cruzar a linha de chegada. Seria substituído no front. Os jogos do exército estavam para começar e, ao contrário do campo de batalha, na pista de atletismo Waldemar era insubstituível.

Acabada a guerra e dispensado do serviço

militar, restava a Waldemar voltar para sua pequena cidade natal e retomar a vida tal qual era antes. Do trabalho na roça, provinham os poucos rendimentos que sustentavam ele e a mãe, Dona Perpétua, conhecida parteira do lugar. Situação difícil, que só era amenizada nos raros momentos de lazer; como nas tardes de domingo, quando defendia o Rui Barbosa, o time de futebol da cidade.

No início de 1949, o Comerciário reformulava seu plantel visando buscar o primeiro título da LARM, foi quando seus dirigentes ficaram sabendo de um certo fumacense bom de bola. O “olheiro”, Joca Rodrigues, já o conhecia dos tempos de exército e, sabendo que as habi-

lidades de Waldemar com a bola nos pés eram muito maiores do que com o fuzil nas mãos, indicou o amigo ao time do centro de Criciúma. Na estreia, a grande resistência física e os passes precisos do meia que deixavam os companheiros na cara do gol conquistaram logo a confiança do técnico. O jogador de estilo guerreiro caiu também nas graças da torcida. Torcida alvi-azul, porque os adversários o insultavam: “Colono! Colono! Colono!” O colono era um desconhecido para quase todo mundo, mas não para todos. Lédio Burigo o reconheceu de outros jogos: sim, “era o Bigode que havia voltado da guerra”.



Renato de Araujo Monteiro

redacao@jornaldn.com

**História
& Futebol
Clube**

Dança dos jogadores

Ao final de um jogo amistoso o “ímpetuoso atacante” Carioca teria dito à reportagem da Folha do Povo que ele e os companheiros Nino, Pedrinho, Mineiro e Aroldo estariam trocando o Atlético Operário pelo São Paulo. Mesmo sendo comum este tipo de transferência, a notícia causou grande polêmica. O time da Vila Operária mantinha uma base muito forte, responsável pelo título do Campeonato da LARM de 1948 e pelos vices de 1949, 1950 e 1951. O anúncio fez

que tinha à sua disposição o plantel mais qualificado da região. Entretanto, diferentemente do arqui-rival, em 1952 o alvi-azul resolveu fazer uma série de mudanças na sua equipe. Contrariando a máxima de que “em time que está ganhando não se mexe”, os bacharéis abusaram dos testes. Após a saída de Anísio, foram utilizados os goleiros Lúcio e Vico, ambos do Ouro Preto. Na zaga, com a chegada de Preto, ex São Paulo, Vante e Colombi não mais tiveram oportuni-

dade de jogar lado a lado, era Preto e mais um. Nas laterais, Irê e Bigode permaneceram, mas frequentemente eram improvisados em outras posições para dar lugar para recém-contratados

“Por seu turno, era certamente o tricampeão Comerciário que tinha a sua disposição o plantel mais qualificado da região

Lopes de Carvalho – autor da nota – ao revidar, sustentando sua posição e avaliando que Carioca teria usado a imprensa estrategicamente como forma de retaliação às crescentes cobranças da direção do clube, que não estaria satisfeita com o rendimento do atleta nos últimos jogos. Verdade ou mentira, o fato é que os citados acabaram mesmo permanecendo no Atlético, que além de manter o alicerce do time, ainda buscava importantes reforços como os atacantes Cardoso do Comerciário e Bombachudo do Próspera.

Por seu turno, – e os títulos nos permitem dizer isto – era certamente o tricampeão Comerciário

como Lédio, vindo do São Paulo, e Rui, do Metropolit. No meio Murici permaneceu intocado, mas Eraldo, em detrimento de Amâncio e Paraguaio, parece ter virado terceira opção. Por fim, na frente algumas caras novas como Vinícius, Euzébio e Gaúcho, respectivamente contratados junto a São Paulo, Metropolit e São Marcos, faziam com que os velhos conhecidos da torcida invariavelmente amargassem o banco. O caso mais curioso foi o de Ari, que deixou as quatro linhas para se tornar técnico do time. Destaque para dois sumiços: Irio e a qualidade do futebol do Comerciário naquela temporada.



Renato de Araujo Monteiro
redacao@jornaldn.com

História & Futebol Clube

Jota Sônego: um comentarista, digamos, anfótero

Na tarde do dia 02 de maio de 1955, uma segunda-feira, algo de novo circulava pela capital do carvão. Com notícias otimistas sobre o futuro da indústria carbonífera, a primeira edição do semanário *Tribuna Criciunense* trazia ainda estampada na capa a foto da miss Criciúma daquele ano, a bela senhorita Walkyria Luz. Nas páginas internas, uma matéria completa sobre o Torneio de Início, conquistado no dia anterior pelo *Comerciário Esporte Clube*.

A vida efêmera da extinta *Folha do Povo* não significava que Criciúma estivesse órfã de imprensa. Fundada em 1948, a *Rádio Eldorado* sempre fez a cobertura dos campeonatos da LARM, inclusive transmitindo jogos ao vivo. Não há dúvidas de que o rádio compunha um dos principais veículos de comunicação da época. Tanto que era de lá que vinha J. Sônego, jornalista responsável pela “*Tribuna Desportiva*”, uma página inteirinha do novo jornal praticamente dedicada só ao futebol.

A primeira experiência do jornalista ao microfone havia sido a narração de uma partida entre Vasco e Flamengo. Isso há cinco anos, quando um concurso da *Rádio Eldorado* desafiou o jovem calouro a narrar um jogo imaginário. João saiu-se tão bem que foi contratado. A partir de então, para se diferenciar dos outros três “Joões Sônegos” da cidade, adquiriu o codinome de “Jota”, mantendo inalterado o sobrenome.

Além de narrar, Jota Sônego tornou-se também um dos primeiros comentaristas esportivos da região. “Se o cara era ruim eu dizia na lata, não poupava ninguém”. Agora, seus comentários ácidos – que lhes deram o contraditório apelido de “soda cáustica” – também poderiam ser lidos na seção esportiva do mais novo jornal da cidade. Na nota de abertura, a defesa de uma imprensa livre e o compromisso com a verdade, “doar quem doar”. Após dois anos do fechamento da *Folha do Povo*, surgia a *Tribuna Criciunense*, com o audacioso comprometimento de que “os acontecimentos esportivos seriam descritos em todos os seus pormenores”. Apesar das limitações – deles em descrever e nossa em compreender – o historiador – ou qualquer pessoa que busque informações sobre o passado – agradece.



Jota Sônego ao microfone proferindo seus comentários ácidos.

Clap! Clap! Clap!

A primeira salva de palmas dada na reunião da LARM do dia 7 de junho de 1950 foi para a nova Diretoria, eleita há duas semanas. Aos últimos claps, quando a salva, mesmo sem a regência de um maestro, vai harmonicamente reduzindo sua intensidade até, por fim, silenciar; as mesmas voltaram a se avivar, como se o maestro – que não existe – tivesse, de súbito, reerguido sua batuta. Na verdade – insistiu – não havia maestro, batuta, nem ao menos aquele conglomerado de mãos, umas batendo nas outras, se assemelhava a um concerto. O motivo desta segunda salva de palmas era muito mais simples: dois membros da diretoria que tomava posse haviam

chegado atrasados e, quando adentraram a sede da Liga, dá-lhe mais claps! No entanto, estes retardatários não eram os únicos membros eleitos e até então ausentes. O resultado das urnas havia indicado a reeleição de Tullio Schibuola, este que, por motivos particulares, recusou o cargo. A indicação de Olavo de Assis Sartori para a presidência da Liga Atlética da Região Mineira foi o pretexto para a terceira salva de palmas da noite. O retorno do primeiro presidente da história da Liga tinha sido aceito por unanimidade. Mas mesmo recusando

o cargo para o qual fora reeleito, Schibuola e sua equipe haviam realizado um grande trabalho para o futebol da região e, mesmo ausentes, não podiam ficar sem seu quinhão de todas essas palmas que estavam sendo distribuídas. Mais claps, mais maestros ilusórios, mais batutas desorientadas, mais choques de mãos: desta vez, à “diretoria extinta”.

A única pauta da reunião à qual não foi dedicada nenhuma salva de palmas foi o pedido do Atlético Siderúrgico em tomar parte na competição daquele ano.

Na ocasião, o clube de Siderópolis foi orientado a enviar um ofício à Federação Catarinense de Desportos, ao qual, se foi dado res-

posta, não a conhecemos. Curiosamente, em 1950, o Campeonato da LARM não contou com os clubes sediados fora de Criciúma. Mesmo com a estipulação de um prazo para a inscrição dos mesmos, não temos nenhuma informação de que alguma equipe o tenha feito. O fato é que, antes mesmo da posse da nova diretoria, a tabela já estava elaborada e aprovada, contando com apenas cinco equipes: Atlético Operário, Comerciário, Metrópol, Próspera e São Paulo. O representante do Atlético Siderúrgico iria embora com as mãos abanando, e doloridas de tanto bater palmas.

“A primeira salva de palmas dada na reunião da LARM em 1950 foi para a nova diretoria”



Renato de Araujo Monteiro
redacao@jornaldn.com

História & Futebol Clube

O Catarinense de 1950

Na reunião do dia 06 de outubro de 1948, o primeiro presidente da LARM, Olavo de Assis Sartori, confessava a intenção de filiar a Liga à Federação Catarinense de Desportos. Isto acabou se efetivando no ano seguinte, já na administração de Tullio Schibuola, que no seu discurso de posse havia se comprometido com o projeto. O objetivo maior desta filiação ficou explícito na reunião subsequente, quando foi pedido aos clubes que registrassem seus estatutos para que, legalizados, pudessem disputar o Campeonato Catarinense de Futebol.

Tradicionalmente a vaga do representante da região Sul no campeonato estadual era dada ao time campeão da Liga Tubaronense de Desportos. No entanto, com a criação da LARM, uma fase preliminar deveria ser disputada entre os respectivos campeões de cada Liga. Por motivos que desconhecemos, o Comerciário, campeão da LARM de 1949, parece não ter participado do campeonato daquele ano. A aguardada estreia aconteceria somente no estadual de 1950, curiosamente disputado em 1951.

No dia 25 de fevereiro, Comerciário e Ferroviário disputaram-se pelo título de Campeão do Sul. O jogo foi no Irineu Bornhausen, então principal estádio de Criciúma, e o time da casa

foi escalado com Vico no gol; Vante e Colombi na zaga; Irê, Murici e Bigode no meio campo; Alirio, Ari, Carlitos, Aníbal e Andorinha no ataque.

Logo aos 5 minutos de jogo a equipe visitante, supostamente através de um jogador em posição irregular, abriu o placar. O jogo corria sob intensa reclamação dos criciumenses, os quais acusavam os jogadores adversários de abusarem constantemente dos off-sides, geralmente ignorados pelo árbitro da partida. Segundo os bacharéis, o ponta Carlinho também se encontrava em posição de impedimento

quando fez seu segundo gol e aumentou a vantagem para os tubaronenses. No segundo tempo o Comerciário ainda esboçou uma reação com Ari, mas era tarde demais. Resultado: 2 a 1 para o Ferroviário.

Após o jogo, a indignação era enorme para com a Federação que, na opinião do time e dos torcedores do Comerciário, escalava péssimos árbitros para apitar seus jogos. Provavelmente, antes de voltar para Florianópolis, o Sargento Otílio Alves tenha sido vítima de muitas agressões verbais por parte dos criciumenses. Justo, para um juiz que, segundo a imprensa local, “permitiu jogadas desleais e parecia não conhecer as regras do impedimento”.



Renato de Araujo Monteiro
redacao@jornaldn.com

História & Futebol Clube

Através da trave: humildade

Ocorre nas imprecisas memórias do Seu Valcir Parigo, o Tchiro, um caso engraçado dos idos dos anos 50, tempo em que vestia a camisa do Comerciário. O jogo era contra o Avaí, no lendário “pasto do bode”, o campo da Liga, e em uma de suas costureiras arrancadas o experiente Bigode perdeu a chuteira. Fato este ignorado pelo lateral esquerdo, o qual entraria com bola e tudo se não fosse o apito do juiz, não permitindo que o jogador permanecesse em campo sem parte do seu equipamento de trabalho. Segundo Tchiro, Bigode quase expulsou o árbitro ao contestar: “lá no interior do Morro da Fumaça, onde me criei, eu jogava sem as DUAS chuteiras, e aqui tu não queres me deixar jogar porque eu perdi UMA?”

Que absurdo! Chuteiras eram perfeitamente dispensáveis. Afinal, assim como os outros, desde protena infância Bigode gostava mesmo era de jogar descalço. Aliás, é nesta fase da vida onde realmente se começa uma carreira futebolística, um tanto peculiar, é verdade. Pés são muitos, chuteiras jamais. Constroem-se campos em lugares quaisquer, porém

grama é artigo de luxo. Terra batida, lajota, areia, paralelepípedo, tudo serve e pouco importa a topografia do terreno, desde que tenha duas traves. Mas não estamos falando de traves tradicionais. Se existe algo que é improvisado está aí. Usa-se o que se tem à mão. Tijolos, latas de óleo e sarrafos de madeira também servem, no entanto o artifício mais comum é a utilização de um par de havaianas, ou chinelos de qualquer outra marca. Em resumo: pode ser usado tudo que assinala limites longitudinais, pois a altura geralmente estabelece-se de acordo com a estatura do goleiro e o bom senso dos dois times.

Depois, quando o jogador cresce, se ruim, cria verdadeira aversão pelo futebol ou passa a escrever sobre o esporte que tanto gosta, mas que não teve competência para praticar; se bom, vira atleta profissional, conquista fama e dinheiro, geralmente esquecendo-se do lugar de onde veio. Não obstante, se a trave vier a cair, constitui prova de grande humildade esperar que se improvise uma nova e aceitar que o jogo prossiga até o fim.



Renato de Araujo Monteiro

redacao@jornaldn.com

História & Futebol Clube

O velho Estádio Irineu Bornhausen



Equipe do Comerciário posa para foto no Estádio Irineu Bornhausen lotado em 1949.

Os transeuntes que circulam hoje pelo Bairro Pio Corrêa repararam nas belas casas, nas suas modernas construções. Quase tudo é novo, moderno, e por melhor observador que você possa ser, dificilmente perceberá a importância que aquela região tem para a história de Criciúma. Nenhum vestígio restou do que, por mais de três décadas, foi o principal palco do futebol da cidade.

O primeiro time registrado na cidade foi o Mampituba Foot Ball Club, fundado em 1924. Tudo indica que os seus primeiros jogos foram disputados no gramado em frente à igreja, onde mais tarde seria construída a Praça Nereu Ramos. Portanto, pouco tempo após sua fundação, o Mampituba transferiu-se para um novo campo, um pouco mais afastado do centro, em direção à “vila dos engenheiros” da Carbonífera Próspera, perto de onde atualmente se localiza o Colégio Marista, no Bairro Pio Corrêa. Ali o clube mandou seus jogos até 1937, ano em que fechou seu departamento de futebol.

Em 1939 foi criado o Ouro Preto Futebol Clube, que logo conseguiu autorização para utilizar o abandonado campo do Mampituba, no qual fez uma série de investimentos estruturais e batizou com o nome de Estádio Irineu Bornhausen, em homenagem ao presidente da Carbonífera Próspera, proprietária do terreno. Até o início da década

de 1950, não só o Ouro Preto, mas todos os demais times da cidade, como Atlético Operário, Próspera, São Paulo, Comerciário e até o Metrópol, mandaram seus jogos ali. Inclusive o quarto ofício expedido pelo Comerciário em 13 de maio de 1947, até o momento em que me estabeleço às avessas da arquibancada do Heriberto Hülse para escrever este texto que agora lê, muita coisa aconteceu, muita coisa mudou, e muitas marcas foram deixadas.

Após a desapropriação do Ouro Preto em 1948, o Irineu Bornhausen voltou a pertencer à carbonífera e ao Esporte Clube Próspera, o time que a representava. No entanto, com a inauguração do Estádio Waldemar Brito pelo Atlético Operário em 1951 e do Estádio Euvaldo Lodi pelo Metrópol em 1952, o velho campo começou a perder em importância. Em 1953, por exemplo, o Grêmio Esportivo Araranguense reclamava para vir jogar no seu gramado, “onde existia grande quantidade de buracos e um vala para escoamento das águas”. Principalmente após a construção do “majestoso estádio do Comerciário” em 1955, o Irineu Bornhausen passou a ser cada vez menos utilizado. Em poucos anos, inclusive o Próspera, seu principal inquilino, se dirigiria para o Estádio Mário Balsini, do outro lado do morro. Na voracidade do tempo, o velho Irineu Bornhausen, antes casa de todo mundo, seria relegado ao esquecimento.



Renato de Araujo Monteiro

redacao@jornaldn.com

História & Futebol Clube

A história do Criciúma através das paredes do HH

Tempo e o homem deixam suas marcas. Como historiadores, precisamos estar atentos aos detalhes, aos vestígios deixados por ambos para que, assim, possamos compor uma narrativa histórica que se aproxime, o tanto quanto seja possível, do que realmente aconteceu. Com o Criciúma Esporte Clube não é diferente. Desde a fundação do Comerciário em 1947, até o momento em que me estabeleço às avessas da arquibancada do Heriberto Hülse para escrever este texto que agora lê, muita coisa aconteceu, muita coisa mudou, e muitas marcas foram deixadas.

Por aqui estar, tenho acesso privilegiado a várias fontes

através das quais posso investigar o passado. Na pequena sala onde me situo, há uma série de livros de atas, fotografias e outros documentos com uma infinidade de valiosas informações. No entanto, o que me utilizo hoje para contar um fragmento da história do Criciúma não está neste acervo, apesar de que, de forma inusitada, sempre estive nesta sala, porém sem que jamais eu o tivesse percebido.

Devido aos problemas ocasionados pela infiltração, parte do revestimento do nosso “Majestoso Estádio” está sendo trocada. E eis o que ressurge por detrás da cerâmica dos gloriosos anos 90, incrivelmente removidas do outro lado da parede do Museu:

Foto: Divulgação/DN



Mais do que a reaparição dos charmosos tijolinhos da época da construção das arquibancadas, no início da década de 1960, chamou-nos a atenção a pintura, ou as pinturas sobrepostas. São propagandas do famoso “Bola do Criciúma”, importante meio de arrecadação nos anos 80. Observe que por sobre a arte onde predomina a cor azul,

foi feita uma nova em preto, amarelo e branco. Vestígios da grande mudança pela qual o time passou naquele período, a qual envolveu inclusive a mudança das suas cores em 1984, quando o alviazul do antigo Comerciário deu lugar ao tricolor tigrado do Criciúma. Esta é a história que pode ser contada através das paredes do Estádio Heriberto Hülse.



Renato de Araujo Monteiro

redacao@jornaldn.com

História & Futebol Clube

Bacharéis X Figueirense: a gênese da rivalidade

O dicionário diz: “bacharel (substantivo masculino) Indivíduo formado em Direito ou em outras faculdades”. Muitos sabem que era este o codinome dos atletas do Comerciário, eles eram os “bacharéis da pelota”. Entretanto, inusitadamente, uma das primeiras referências de utilização deste termo para designar o time ou a torcida do Comerciário foi aplicado de maneira pejorativa: “bacharéis da estupidez”, segundo a imprensa da capital do Estado.

No dia 27 de julho de 1949 o técnico do Figueirense Futebol Clube, Sr. Ari Silveira Rodrigues, compareceu à reunião da LARM para, juntamente com os representantes de Próspera e Comerciário, pedir autorização para a realização de dois amistosos na cidade.

No sábado, dia 30, “após um prêmio bonito e repleto de lances magistrais, e onde a disciplina e a camaradagem de ambos os contadores se fizeram notar durante todo o desenrolar da pugna”, os alvinegros derrotaram o “forte onze” do Próspera pelo placar de 3x1. Jogo exatamente oposto ao de domingo, dia do duelo contra os bacharéis.

O Comerciário entrou em

dar ao Figueirense a satisfação de voltar à Florianópolis com a alegria de duas vitórias. E assim o fez. A mesma imprensa que não cansava de exultar a camaradagem do Próspera, sintetizou este confronto como sendo “uma partida onde a brutalidade e o ‘coice’ dos comerciários fizeram com que o conjunto ilhéu, acostumado a preliar com educação, fosse vítima das ‘cavaladas’ dos rapazes que a todo custo queriam vencer o onze citadino”. A matéria continua em tom queixoso, agressivo e preconceituoso, inclusive exigindo à LARM “chamar a atenção dos ‘bacharéis da estupidez’, que pensam que vencer um jogo de futebol é com ‘touradas’ e outras cousas mais”. Por fim, o redator dá um conselho ao Comerciário: “deve aprender a jogar futebol primeiro e depois convidar outros clubes para defrontarem-se”.

Excesso de parcialidade da imprensa de Florianópolis ou escassez de fairplay por parte dos zagueiros do Comerciário? Amanhã, Criciúma e Figueirense talvez desempatem o clássico que, na sua primeira edição, terminou empatado em 2 a 2 e deu início ao que seria uma das maiores rivalidades do futebol

Foto: Divulgação/DN



Goleiro Mário Romanini segura o empate contra o Figueirense



Renato de Araujo Monteiro

redacao@jornaldn.com

História & Futebol Clube

O “bolo” do Palmeiras de Blumenau

Expressão atualmente pouco utilizada, “dar o bolo” significava – e para alguns ainda significa – não comparecer a um compromisso marcado. Após o cancelamento dos dois amistosos que o “forte esquadrão do Palmeiras” de Blumenau faria contra Próspera e Comerciário em 1951, a imprensa local assim lamentou: “em matéria de futebol o ‘bolo’ é muito comum”.

Até o início da década de 1960, os modestos clubes de Criciúma não eram contados sequer entre

os principais no cenário estadual. Sendo assim, a alternativa para enfrentar equipes mais tradicionais de Santa Catarina e de outros Estados era através da realização de jogos amistosos. Para os visitantes, que contavam com o pagamento de todas as despesas e de uma taxa fixa, a excursão era certeza de lucro. Para os anfitriões, assim como dentro de campo, um empate entre receitas

e despesas já seria um ótimo resultado.

Esse era o caso dos times de Blumenau que, naquela época, podiam impor condições para vir jogar em Criciúma. O Palmeiras, à época um dos principais clubes de Santa Catarina, havia chegado quatro vezes à final do campeonato estadual. Já o Olímpico, seu maior rival, conquistou o título de 1949.

Em junho de 1951, o Palmeiras acertou dois amistosos em um único final de semana: o primeiro no sábado, contra o



O Palmeiras de Blumenau havia chegado quatro vezes à final do Campeonato Catarinense

Próspera, e o segundo no domingo, contra o Comerciário. De início, o clube cobraria 10 mil cruzeiros, mas depois reconsiderou e passou a pedir 15 mil. Próspera e Comerciário não aceitaram o novo valor, e nem a última proposta de 13 mil cruzeiros fê-los demover do valor inicial. Dessa maneira, como afirmou a Folha do Povo, “a excursão palmeirense gorou”.

A Tribuna



1992 O Tigre descobre a América do Sul
 Texto: João Lucas Cardoso
 Pesquisa: Renato de Araújo Monteiro

CAPÍTULO DOIS 1992 6 de março sexta-feira
 São Paulo conhece a força do Majestoso

Respeite o adversário, sua casa e sua torcida. Foi a lição que o Criciúma deu ao São Paulo naquela noite de sexta-feira. No Estádio Heriberto Hülse, o Tigre colocou o campeão brasileiro no rudo e lançou na Taça Libertadores da América com uma vitória por 3 a 0. Delírio para os mais de 21 mil pagantes que foram ver a estreia tricolor na competição continental. Hoje, a série "O Tigre descobre América do Sul" traz a primeira partida do Criciúma no campeonato mais importante que disputa.

O volante Gelson lembra bem do clima antes da partida. "Tivemos a informação de que viriam com um time com reservas, menosprezando a partida que teriam contra a gente. E eles foram surpreendidos. Como nos outros jogos em casa, nos impomos, como já era a tendência".

O jogo começou já com o urro do torcedor no apito inicial. Era o Criciúma na Libertadores, no estádio completamente reformado e contra o campeão brasileiro, que viria a ficar com o título da América, posteriormente. Porém o primeiro tempo não teve grandes lances. O jogo era truncado, mas o Criciúma não deixava os são-paulinos crescerem. Até que, no fim do primeiro tempo, Roberto Cavalo, do meio de campo,

lançou Jairo Lenzi na área. O ponteiro apareceu na cara de Zetti. Ele dominou na frente e deu um toque antes da chegada do goleiro. Gol que levantou o Majestoso.

O Criciúma foi e voltou do intervalo embalado. Em jogada semelhante, Jairo Lenzi foi lançado outra vez. Antônio Carlos saiu atrasado e, quando chegou na área, Lenzi colocou sua frente, mas não conseguiu fazer o arremate. E que foi destruído dentro de área. Pênalti claro que o árbitro Renato Mariglian determinou: bola na cal e Gelson de frente com Zetti. O volante caminhou vagorosamente e acelerou quando estava perto da bola. A cobrança foi forte e rasteira. Zetti caiu para a esquerda. Era o canto certo, mas não era a noite do São Paulo. O goleiro tocou, mas a bola passou por baixo dele e entrou. "Hoje talvez não assumiria uma responsabilidade tão grande como aquela. Quando se é jovem, tem-se mais coragem e nem se pensa nisso naquela hora. Era o bater oficial e cumpri o meu papel", conta o autor do segundo gol.

Só quando o jogo estava 2 a 0 para o Tigre que o técnico são-paulino, Telê Santana, percebeu que o Criciúma era um adversário duro e que deveria ter escaldado força máxima. Tentou reverter colocando o lateral-direito Cafu e o meia Ral no jogo. Mas o estrago já

estava feito e aquela era uma vitória amarela, preta e branca. Grizzo quase fez o terceiro. Saltou uma bomba, na entrada da área. Zetti conseguiu tocar de leve e a bola tocou o poste esquerdo.

Com Adilson Gomes, que entrara no lugar de Zé Roberto já na parte final do confronto, o Criciúma manteve-se forte. Bom o bastante para fazer os tricolores explodirem de alegria pela terceira vez. O jogo chegava ao seu fim, quando Jairo Lenzi aproveitou o corredor do lado esquerdo e partiu em direção ao gol. Ele tentou o passe para Grizzo, que corria ao seu lado, pelo meio. Antônio Carlos evitou o passe, mas involuntariamente fez tabela com Jairo. Ele retomou a bola, entrou na área e botou certinho para Adilson Gomes, que corria pelo outro lado. Deu tempo para aquecer o corpo para bater de direita, com Zetti já batido no lance. Gol, o terceiro para provar aos são-paulinos que era preciso ter respeito. O Criciúma mostrou quem mandava no Heriberto Hülse e que começava ali uma trajetória que também iria surpreender o Brasil e demais rivais.

Criciúma		3	0	São Paulo
Alexandre; Sarandi, Vilmar, Wilson e Itá; Roberto Cavalo, Gelson e Grizzo; Vanderlei (Snares), Zé Roberto (Adilson Gomes) e Jairo Lenzi. T: Levir Culpi				Zetti; Pintado, Antônio Carlos, Ronaldo e Ivan; Mona, Suelio e Eradio (Ral); Cafu, Gilmar e Cláudio (Cafu). T: Telê Santana
GOLS: Jairo Lenzi, aos 42/1º tempo, Gelson (pên.), aos 6/2º tempo, e Adilson Gomes, aos 44/2º tempo				
Criciúma: CAPITÃO AMARELO: Antônio Carlos, São Paulo: ARBITRAGEM: Renato Mariglian, assistentes: Cláudio Cerebento e Paulo Jorge Alves. BORDERO: 21.345 pagantes para uma renda de R\$ 73.855.000,00.				

João Lucas é jornalista. Renato é estudante de História da Unesc e pesquisador do futuro Museu do Futebol

Minuto final

A saga tricolor em capítulos

O jornal A Tribuna vai contar a trajetória do Criciúma na Libertadores de 1992. Nas próxi-

mas semanas, os jogos e os fatos daquela Libertadores. O trabalho tem o apoio do estudante de História da Unesc e pesquisador do futuro Museu do Futebol, Renato de Araújo Monteiro.



CAPÍTULO UM

1992 5 de março quinta-feira

Estava quase tudo pronto para a estreia

Delim de Pódua Peixoto tinha sua face estampada na capa da Tribuna Criciúmensis, de 29 de fevereiro, há uma semana da estreia. Já presiden-

te da Federação Catarinense de Futebol, sua imagem estava vinculada a algo bom para o Criciúma. Mesmo com as obras em andamento, o Heriberto Hülse estava liberado para receber jogos da Taça Libertadores da América.

Era 1992, a capital do carvão vivia a expectativa de ver o que nenhum outro torcedor de Santa Catarina jamais viu até então. O Tigre estava prestes a estreiar no maior torneio continental. O adversário era o forte São Paulo, campeão brasileiro no ano anterior. O palco seria o Majestoso, do campeão da Copa do Brasil, reformado e com fosso.

Na época supervisor de futebol do clube, Antônio Sérgio Fernandes, recorda o esforço que o clube fez para ter a estrutura para sediar a Libertadores. "A obrigação era ter um estádio para pelo menos 30 mil pessoas. O fosso foi coisa do Moacir (Fernandes, presidente da época)". O Majestoso fora aprovado com capacidade superior a 32 mil torcedores.

O Tigre estava confiante para a estreia. "O São Paulo vinha sem seus titulares achando que seria fácil. Tínhamos confiança e respeito aos adversários, mas não temíamos ninguém", lembra o sempre camisa 1, Alexandre.

Amanhã tem o confronto contra o São Paulo, no Heriberto Hülse.



Obras da construção do fosso no Majestoso



O Tigre descobre a América do Sul

Texto: João Lucas Cardoso
 Pesquisa: Renato de Araújo Monteiro

CAPÍTULO TRÊS

1992 16 de março segunda-feira

Cabeça nas alturas

Nada melhor que uma boa vitória para dar uma guinada. Depois dos 3 a 0 sobre o São Paulo, o Criciúma começava a mostrar do que era feito ao Campeonato Brasileiro, da Segunda Divisão. Antes da estreia na Libertadores, o Tigre venceu apenas um dos quatro jogos. Depois, engrenava uma série de vitórias. Mas, enquanto o time "destruiu" os rivais, a direção já pensava na partida seguinte. Em uma semana, o Tricolor encararia os bolivianos do San José, em Oruro, a 3.700 metros de altitude.

A geografia provocou uma "ginástica" no supervisor de futebol da época. "O pneumologista Renato Lopes Matos nos indicou levar balões de oxigênio, já que precisaríamos de uma semana de adaptação, algo que não ocorreu. Ficamos em Santa Cruz de La Sierra (no nível do mar) e fomos para Oruro na hora do jogo. Tivemos que comprar uma caixa de isopor enorme para acondicionar aquilo. Mas, no final, nem precisou", lembra Antônio Sérgio Fernandes.

Enquanto isso, o time ia bem. Aquela segunda-feira era de alegria pela terceira vitória seguida pelo Brasileiro, depois do 1 a 0 sobre o Bangu. "Começamos esse campeonato jogando fora, por causa das obras no estádio. Depois do São Paulo, vinha a sequência em casa. Em casa, a gente patrolava quem viesse. Embalamos para terminar a fase em primeiro", lembra o camisa 10, Grizzo. Antes do Bangu, foi 2 a 1 no União São João, 4 a 0 no Noroeste.

João Lucas é jornalista. Renato é estudante de História da Unesc e pesquisador do futuro Museu do Futebol



O Tigre descobre a América do Sul

Texto: João Lucas Cardoso
Pesquisa: Renato de Araújo Monteiro

CAPÍTULO QUATRO

1992 24 de março | terça-feira

Altitude, vitória e liderança

Poderia ser Jairo Lenzi, novamente, o melhor tricolor em campo, na segunda partida pela Copa Libertadores da América de 1992. Mas foi o goleiro Alexandre o destaque. Em Oruro, na Bolívia, o Criciúma sentiu muito mais que a altitude de mais de 3.700 metros do nível do mar. Pesou também representar o clube em sua primeira partida oficial fora do Brasil. Foi uma batalha renhida contra os donos da casa, o San José. Mas, no Estádio Jesus Bermudez, o Tigre encontrou muito mais que força para superar a pressão. Teve sorte e competência. Venceu por 2 a 1 e chegou à liderança do grupo 2, à frente do São Paulo e seu um jogo a mais.

O Criciúma esteve um pouco distante da postura que os tricolores estavam acostumados a ver no primeiro tempo. O time sentia a altitude e a responsabilidade da primeira partida internacional oficial, do clube e também na carreira da grande maioria dos jogadores. O San José dominou o primeiro tempo, enquanto o Tigre ainda procurava encaixar sua

marcação forte. O goleiro Alexandre foi muito exigido e esteve seguro. Em vez de Sarandí, Jairo Santos estava na lateral direita e lembra daquele primeiro tempo difícil. "O time sentiu um pouco a altitude, demorou a se adaptar e ela, já que fomos para Oruro horas antes do jogo. Sentimos muitas dificuldades, apesar do resultado positivo. Acho que o nosso entrosamento se sobressaiu e por isso conseguimos a vitória", avalia Jairo Santos, cuas décadas depois.

O técnico Levir Culpi mandou Adilson Gomes e Paulo da Pinta para o jogo no segundo tempo. Mas, ainda assim, o San José dava sufoco. Aos nove minutos, os donos da casa tiveram a grande chance de sair na frente. A bola estava na mão do goleiro Alexandre mandando cobrar no canto direito e questionou se não era o goleiro Lenzi quem estava na rede. Mandou na trave. Segundos depois, após cruzamento, Valência botou no mesmo poste direito. Não era só competência que tinha o Criciúma. A sorte também era tricolor naquela noite.

Tanto que, aos 12 minutos, Grizzo caiu pelo ponto esquerda e, do linha de fundo, deu um toque para Jairo Lenzi botar para Adilson Gomes. Só que, antes do assistente, o zagueiro Quinteros cortou o fecho do Tigre dentro da área. Convicto, o árbitro J.J. Torres assinalou o pênalti. Gelson, com uma

paradinha enquanto ia em direção à bola, bateu à meia altura. O goleiro foi e não alcançou. Gol que colocava o Criciúma na frente, mas não espantava a pressão dos bolivianos.

Sete minutos depois, Jairo Santos falhou e só restou a Vilmar derrubar Vidjamil dentro da área. Novo pênalti, que, desta vez, não deu para Alexandre. Rioja bateu na esquerda e Alexandre foi na direita. Era o empate do San José. Mas o Criciúma subiu de produção e começou a ser mais criativo, chegou mais próximo ao gol. Num falta no meio de campo, após Gutierrez tocar a mão na bola e tomar o amarelo, o zagueiro Vilmar fingiu despretensão. Jairo Lenzi estava lá na frente, bem posicionado e esperando ser acionada. Ele lançou para Jairo desmarcado. Antes de entrar na área, Lenzi dominou com o ombro e foi para ficar cara a cara com Ludueña. O goleiro voua em cima do atacante, esticou-se para evitar a cobertura. Mas Jairo Lenzi andava em estado de graça. Cutucou de cambata, na altura do quadril do guarda-redes, e já saiu comemorando, enquanto a bola ia devagar de encontro à rede.

Jairo Lenzi correu até a lateral, ficou de joelhos e desabou o corpo para frente. Sentiu que aquele era o gol da vitória suada. Mostrou para o Brasil que o Criciúma não iria passear pela América do Sul naquele 1992. O Tigre virou líder do grupo, com quatro pontos, à frente de Bolívar e São Paulo, com três, e deixou o San José zerado na classificação.

Naquela mesma semana, sem voltar ao Brasil, o Criciúma enfrentaria o Bolívar. A recordação você vê aqui no jornal **A Tribuna**, no semana que vem.



Alexandre, goleiro foi um dos heróis em Oruro

San José	1	2	Criciúma
Ruiz (Ludueña); Vargas, Quinteros, Gutierrez e Troncoso; Aias, Rioja, Mansino e Vidjamil; Valência e Sanchez (Peña). T: Raul Pilo			Alexandre; Jairo Santos, Vilmar, Wilson e Itá; Roberto Cavallo, Gelson e Grizzo; Vanderlei (Adilson Gomes); Zé Roberto (Paulo da Pinta) e Jairo Lenzi. T: Levir Culpi
GOLS: Rioja, aos 20/2º tempo (San José); Gelson, aos 13/2º tempo, e Jairo Lenzi, aos 28/2º tempo (Criciúma). CARTÕES AMARELOS: Quinteros (Gutierrez - San José); Adilson Gomes e Wilson (Criciúma). ARBITRAGEM: John Jairo Toro, auxiliado por Juan Gomes e Armando Perez Hoyos. LOCAL: Estádio Jesus Bermudez, em Oruro (Bolívia).			

João Lucas é jornalista. Renato é estudante de História da Unesc e pesquisador do futuro Museu do Futebol



O Tigre descobre a América do Sul

Texto: João Lucas Cardoso
Pesquisa: Renato de Araújo Monteiro

CAPÍTULO CINCO

1992 27 de março | sexta-feira

O Criciúma impõe respeito

Chegar ao primeiro lugar do Grupo 2 fez com que o Brasil tornasse conhecido do que os jogadores e a torcida sabiam: o Criciúma não foi à Libertadores de 1992 para passear pela América do Sul. Isso ficou bem claro naquela sexta-feira, em La Paz, na Bolívia. No Estádio Hernando Siles, o Tigre foi valente e conquistou um empate em 1 a 1 - que por pouco não foi uma vitória tricolor. Resultado que dava moral e o direito ao grupo.

O Criciúma chegou aos cinco pontos, um a mais que o próprio Bolívar e dois à frente do São Paulo, em terceiro, que viria a ser seu próximo adversário, na semana seguinte e no Morumbi. Mas para ser o líder, o Tigre teve que segurar a pressão. A defesa esteve bem por praticamente todo o jogo. Estava armado pelo técnico Levir Culpi de forma mais defensiva, porém bem postado. O Tigre levou poucos sustos e teve mais posse de bola. Dominou o meio-campo e quase saiu vitorioso.

Novamente, a altitude poderia ser um adversário a mais, já que La Paz está a 3.700 metros acima do nível do mar. Isso era uma preocupação, mas o trabalho foi bem feito.

Lembro de que o Beto Ferreira (Humberto, preparador físico) nos colocou num ambiente todo fechado para nos acostumarmos. Mas no jogo não sofremos muito. Tomamos pressão, mas nada maior do que sabíamos que poderia ocorrer", lembra Sarandí, que voltou à lateral direita. No jogo

anterior, ele cedeu vaga para Jairo Santos na vitória por 2 a 1 sobre o San José. "Me senti mal na viagem de ônibus para Oruro e fiquei debilitado. Por isso fiquei de fora", recorda-se.

O começo do jogo foi de pressão dos bolivianos. Os atacantes Hirano e Perazzo eram os que mais arriscavam. Entretanto, o goleiro Alexandre esteve seguro todo o primeiro tempo. Mas o Criciúma não pensava só em se defender. Sabia que tinha que fazer de seus contra-ataques mortais.

Assim foi aos 39 minutos. Na saída de bola, o Criciúma pressionou. Na linha do meio de campo, Vanderlei roubou de Soria. Num toque só, lançou na esquerda para Jairo Lenzi. A bola veio na diagonal e estava quase fora da grande área. A defesa boliviana se preocupava com Grizzo, que fechava pelo meio. Até o goleiro do Bolívar esperava o cruzamento. Porém, mesmo sem ângulo, Jairo soltou o patado de canhoto. Truncco não estava pronto para o tiro e nem se mexeu. Viu a bola passar por ele, tocar o travessão e cair dentro do gol. Era o Tigre na frente.

No segundo tempo, os donos da casa mantinham a pressão e

o Criciúma tentava se manter forte na defesa. Porém, aos 17 minutos, Hirano recebeu posse na esquerda e entrou rastoeiro para dentro da área. Com a visão encoberta, Alexandre não enxergou o lance e, quando viu, estava atrasado. A bola não tocou em ninguém, passou por todo mundo e só parou dentro do gol.

O Criciúma não se conformou e foi para cima. Teve duas chances claras de passar à frente, mas faltou sorte, ou pontaria. Na primeira, Roberto Cavallo botou falta para dentro da área e ninguém tocou na bola. Passou rente ao poste esquerdo de Truncco. Já no final do jogo, aos 38, Adilson Gomes puxou contra-ataque pela direita dando uma meia-lua em Jiguchi, entrou na área, cortou o zagueiro Soria e mandou na rede pelo lado de fora.

Se havia ficado alguma frustração por não ter vencido, desfez-se diante do desempenho. O Criciúma foi para os dois jogos na Bolívia para somar pelo menos dois pontos, mas saiu com três e a liderança. A garra mostrada no exterior foi recompensada pelo estado. Ao voltar para sua casa, o Tigre foi recebido com festa - não só dos criciunenses.

Bolívar	1	1	Criciúma
Truncco; Borja, Jiguchi, Sandy (Villegas) e Ferrufino; Soria, Rimba, Lopez e Urruti (Perez); Perazzo e Hirano. T: Victor Barrientos			Alexandre; Sarandí, Vilmar, Wilson e Itá; Roberto Cavallo, Paulo da Pinta, Gelson e Grizzo (Adilson Gomes); Vanderlei e Jairo Lenzi. T: Levir Culpi
GOLS: Hirano, aos 17/2º tempo (Bolívar); Jairo Lenzi, aos 39/1º tempo (Criciúma). CARTÕES AMARELOS: Itá (Criciúma). ARBITRAGEM: Armando Perez Hoyos, auxiliado por John Jairo Toro e Juan Gomes (Bolívia). LOCAL: Estádio Hernando Siles, em La Paz, Bolívia.			



O Tigre descobre a América do Sul

Texto: João Lucas Cardoso
Pesquisa: Renato de Araújo Monteiro

CAPÍTULO SEIS 1992 30 de março | segunda-feira

Reconhecimento e comemoração

No lugar de aviões, uma multidão na pista do Aeroporto Hercílio Luz. Em Florianópolis, a primeira parte de uma festa que só acabou bem depois do ônibus parar no Estádio Heriberto Hülse. Um jogador para uma multidão. Parecia título mundial, mas foram decorridos apenas três jogos - e que jogos. Esta era a proporção registrada pelas lentes dos fotógrafos dos principais jornais de Santa Catarina e de Criciúma. Aquela segunda-feira mostrava a celebração pela volta da delegação do

TIME	P	J	V	E	D	GP	GC	S
1. Criciúma	5	3	2	1	0	6	2	4
2. Bolívar	4	3	1	2	0	4	3	1
3. São Paulo	3	3	1	1	1	4	4	0
4. San José	0	3	0	0	3	2	7	-5

Criciúma, depois da vitória sobre o San José e o empate diante do Bolívar. É que o Tigre pisava em solo catarinense como líder do Grupo 2 da Copa Libertadores da América de 1992.

Fermada não apenas por tricolores, mas por torcedores de outras equipes do estado, uma multidão foi ao encontro dos atletas do Tigre. Cada jogador era festejado assim que tocasse o chão, com um coro de "Dá-tê, Tigre e dá-tê, Tigre", desde às 13h30min daquele dia. A celebração se estendeu até Criciúma e foi ainda maior. Quase mil tricolores já esperavam no trevo da BR-101, no Bairro Vila Nova. A partir das 16h30min, começava um foguetório e uma carreta até o Estádio Heriberto Hülse.

O cansaço pela semana com dois jogos complicados, altitude e viagens de ônibus e avião ficaram em segundo plano para os jogadores. "Quando fomos para a Bolívia, já havia um grupo de torcedores, ligados ao clube. Mas o maior maior surto:

sa foi a quantidade de gente que nos aguardava em Criciúma. Lembro de conseguir ir para casa duas horas depois que o ônibus chegou ao Heriberto Hülse. Foi uma atitude que certamente nos deixou muito satisfeitos e mais motivados", descreve o lateral-direito Sarandí, titular no empate diante do Bolívar. A partir do desembarque, o também lateral-direito Jairo Santos, que esteve em campo na vitória sobre o San José - na estreia do clube em jogos oficiais fora do país -, senti-

tiu que o Criciúma já não era apenas o time da Região

Carbonífera. "Todo o estado passou a torcer por nós. Como eram dois times brasileiros (o outro era o São Paulo), sabíamos que todo o Sul estava com a gente. Sentimos este impacto quando voltamos da Bolívia. Não tinha ideia de como seria após aqueles dois resultados importantes. Aquela manifestação nos fortaleceu", lembra.

José Bonifácio Telles compara o feito do Criciúma ao do Metrópol, trinta anos antes. "Foi um impacto para o futebol de Santa Catarina, semelhante à excursão que fez o Metrópol à Europa, com grande repercussão. Esperava-se que, a partir daquele momento, o estado deixaria de ser o zero da BR-101 (um Paraná, zero SC e um Rio Grande do Sul). Os resultados nos dois jogos na Bolívia estão entre os grandes feitos do futebol catarinense", lembra J.B. Telles, como é até hoje conhecido e na época narrador e comentarista esportivo da RBS TV.



Torcedores do Criciúma fazem festa no H. H. na chegada da delegação

João Lucas é jornalista. Renato é estudante de História da Unesc e pesquisador do futuro Museu do Futebol



1992 O Tigre descobre a América do Sul

Texto: João Lucas Cardoso
Pesquisa: Renato de Araújo Monteiro

CAPÍTULO SETE

1992 1º de abril quarta-feira

Um capítulo triste

Parecia mentira, mas no dia 1º de abril de 1992 o Criciúma era goleado pelo São Paulo. O time catarinense impressionava pela liderança e bom desempenho no Grupo 2 da Copa Libertadores da América. Mas, naquela quarta-feira, o placar parecia não refletir o que era o Tigre em campo: derrota por 4 a 0. No Morumbi, a equipe de Telê Santana massacrava o Tricolor, tomava a liderança e, ainda, devolveria os 3 a 0 que sofreu no Heriberto Hülse.

Comentarista do grupo RBS na época, para J.B. Telles o placar foi natural porque o Criciúma jamais pensou em se apeguar no Morumbi e para os donos da casa. "Foi um resultado que pode ser considerado normal. O Criciúma em nenhum momento foi covarde e pagou o preço de jogar seu futebol. É que o São Paulo era a maior potência do mundo na época", comenta Telles. Tanto é que o time paulista é comparado com o Barcelona dos dias de hoje. Naquele ano, venceu a Libertadores e sagrou-se campeão mundial.

sobre o próprio blugrenê.

O São Paulo botava pressão desde o início do jogo. O Criciúma pouco conseguia chegar à meta defendida por Zetti. Aos 35, ficou difícil para o Tigre quando os donos da casa chegaram bem à frente, trocando bolas em velocidade. Com um toque só, Pulhinha botou Cafu para ir ao fundo e tocar a bola no meio da área. Rai esticou a perna, foi ao chão chutando no canto direito de Alexandre, antes que Vilmar conseguisse bloquear. O goleiro não alcançou e viu a bola dentro de seu gol. Antes do fim da etapa, num contra-ataque, Müller lançou Pulhinha pela direita. O meia saiu na cara de Alexandre e tocou para o fundo das redes. O placar parcial indicava 2 a 0 para o tricolor de lá.

No segundo tempo, o desenho do jogo era o mesmo: pressão paulista e poucos chances catarinenses. Uma delas foi numa pancada de Vilmar, de falta. Bem colocado, Zetti espalmou para escanteio. Na cobrança, Jairo Lenzi levantou para o meio da área e quase que Wilson marcou. A

bola ia no canto, mas Pintado estava embaixo da trave para espantar o perigo. Depois, num bate-rebate dentro da pequena área, ninguém conseguiu afastar a bola da área do Tigre. Com três defensores já no chão, Elivelton conseguiu bater de canhoto, aos 25, para ampliar a vantagem. Diferente do jogo de ida, o São Paulo contou com sua força máxima. O resultado fazia com que o Tigre perdesse a liderança do grupo para os paulistas, que tinham melhor saldo de gols. E ele aumentou aos 32 da etapa final. Müller foi lançado à frente e bateu na saída de Alexandre. Era o quarto e último gol da noite. A goleada poderia abalar o Criciúma e desmanchar tudo que foi construído nos primeiros jogos daquela Libertadores.

No entanto aquele era o time de garra. Zagueiro na época, agora auxiliar-técnico do mesmo Criciúma, Wilson pouco lembra aquela partida. Mas, ontem, e até hoje, tinha uma certeza: "O jogo não nos abalou porque tínhamos um grupo forte e não seria aquilo que iria modificar. Tínhamos consciência de que poderíamos tranquilamente reverter". Prova disso é que os bolivianos viriam à Capital do Carvão para conhecer também a força que o Estádio Heriberto tem. San José e Bolívar seriam os próximos derrotados e o Tigre ainda retomaria a liderança - posição em que ficou quando a primeira fase tinha seu fim.

São Paulo	4	0	Criciúma
Zetti; Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo e Nelsinho; Adilson (Sidnei), Pintado, Rai e Pulhinha (Macedo); Müller e Elivelton. T: Telê Santana			Alexandre; Sarandi, Vilmar, Wilson e Ilê; Roberto Cavalo, Gelson, Grizzo e Vanderlei (Adilson Gomes); Soares e Jairo Lenzi. T: Levir Culpi
GOLS: Rai, aos 33/1 tempo; Pulhinha, aos 45/1 tempo; Elivelton, aos 25/2 tempo; e Müller, aos 32/2 tempo (São Paulo). CARTÕES AMARELOS: Pintado (São Paulo), Vilmar, Ilê, Grizzo e Adilson Gomes (Criciúma). ARBITRAGEM: Cláudio Vinícius Cavalcini, auxiliado por Pedro Carlos Bregalada e Teodoro Castro Lino. BORDERÔ: 7.895 para uma renda de R\$ 35.715.000,00. LOCAL: Estádio Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi, em São Paulo (SP).			



Bravos tricolores foram ao Morumbi, mas viram o São Paulo goleiar o time catarinense

João Lucas é jornalista. Renato é estudante de História da Unesc e pesquisador do futuro Museu do Futebol

1992 O Tigre descobre a América do Sul

Texto: João Lucas Cardoso
Pesquisa: Renato de Araújo Monteiro

CAPÍTULO OITO

1992 7 de abril terça-feira

Caminho livre para Everaldo

Títulos e manchetes dos jornais daquela terça-feira anunciavam a saída de Zé Roberto. Inscrito com a camisa 7 na Copa Libertadores da América de 1992, o centroavante estava fora dos planos do Criciúma. A direção o afastou por casos e mais casos de indisciplina. O que a imprensa da época não previa é que a partida dele faria brilhar a estrela de outro jogador: Everaldo. Então com 20 anos, seria um dos destaques do Tigre na sequência da competição continental.

Para Everaldo, as atitudes do centroavante não vinham condizendo com o espírito de um grupo tido como disciplinado e unido. "Ele fazia uma série de confusões, extracampo e tam-

bém nos treinos. Naquela época, acho que umas duas vezes quis sair no tapa comigo. O Grizzo, que também era mais esquentadinho, também pediu pela saída dele. O Zé Roberto não entendia o revezamento que havia naquela posição, que, além dele, tinha eu, o Vanderlei também", recorda-se o camisa 17 daquela campanha. Na semana anterior, o Criciúma havia tomado 4 a 0 do São Paulo no Morumbi e perdido a liderança na classificação para os são-paulinos. O clube teria apenas uma semana para se refazer do tropeço. Everaldo buscava junto à direção estar à disposição para ser utilizado pelo técnico Levir Culpi.

"Vivia uma verdadeira briga pela renovação de meu contrato. Havia sido emprestado ao Hercílio Luz no ano anterior, jogava nas seleções brasileiras sub-20 e sub-23 e havia especulação do Flamengo no meu futebol. Foi difícil, mas o Moacir (Fernandes, presidente) cumpriu o que havia prometido e renovou meu contrato como os grandes jogadores do time", descreve Everaldo.

Quando ficou disponível, o jogador ganharia a preferência do técnico Levir Culpi. Na partida seguinte, contra o San José, no Heriberto Hülse, Everaldo seria o escolhido para jogar. Escolha certa, conforme vai contar o próximo capítulo.



João Lucas é jornalista. Renato é estudante de História da Unesc e pesquisador do futuro Museu do Futebol



O Tigre descobre a América do Sul

Texto: João Lucas Cardoso
Pesquisa: Renato de Araújo Monteiro

CAPÍTULO DEZ

1992 | 18 de abril | sábado

Melhor que o São Paulo de Telê

Muito mais doce seria aquela Páscoa aos tricolores. Na véspera da data, o Criciúma entrava em campo para o último compromisso pelo grupo 2 da Taça Libertadores da América. Empate no Estádio Heriberto Hülse forçaria um jogo de desempate pela liderança contra o São Paulo. A derrota não ameaçava a classificação, mas feria o Tigre passar com a terceira posição. Mas aquele era um fim de semana açucarado. Com raça, garra e, sobretudo, força, diante de um Bolívar predestinado a endurecer a peleja, o time da casa venceu por 2 a 1. Jogo com sabor especial para um dos heróis na memória da torcida, até hoje – 20 anos depois.

Estava reservada para aquela noite o único gol do meia Grizzo na Libertadores. Foi só um, só naquele dia. Mas, para ele, o melhor de todos pelo Tricolor. "Foi o gol mais importante que eu marquei com a camisa do Criciúma, sem dúvida alguma", reconhece o camisa 10. Foi o do vitória quando o jogo estava empatado. Seu pé direito também assegurou a classificação como líder do grupo, um ponto à frente do São Paulo, então comandado pelo técnico Telê Santana, que viria a ser campeão mundial naquele ano.

Foi um jogo muito duro. O Bolívar vinha de derrota para os paulistas e queria muito melhorar sua colocação no grupo para encerrar um adversário virtualmente mais fácil. No entanto, o time boliviano sentiu que o Tigre no Majestoso era quase imbatível, ainda mais

com estádio lotado. Tanto que o Criciúma vinha de uma marca de mais de 200 dias sem ser derrotado em casa. Que, mesmo quando as coisas estavam difíceis, os gols brotavam. De maneira inesperada, o placar foi aberto em favor do Tigre, fazendo explodir de alegria os quase 14 mil pagantes. O cronômetro apontava 39 minutos decorridos do primeiro tempo. Uma falta próxima da lateral esquerda do Criciúma se apresentava a Roberto Cavalo. Os zagueiros, dos dois times, estavam na área esperando a bola ser alçada. A defesa estava alerta para afastar. Mas ninguém contava com o pontaria e ousadia do extinto batedor tricolor. Cavalo bateu com a perna direita, em frente de onde hoje estão os cabines de imprensa que estampam a marca do jornal **A Tribuna**. A bola voou alto e cheia de efeito. O goleiro Trucco agachava para estapear a bola para fora. Só não esperava o tiro direto que visava seu ângulo esquerdo. Junto do balão de couro, o guarda-metas caiu dentro do gol.

No entanto, o Bolívar não era o então campeão boliviano à toa. "Era um time muito bom. Clavava com muitos artilheiros no elenco e trabalhava bem o 'bola'", descreve Grizzo. Era, ainda, também inteligente. Aos oito minutos, Hirano bateu o escanteio rápido e pegou a defesa tricolor desprevenida. Não pela velocidade, mas pela jogada. Ele mandou rasteiro para fora da área. Borgia vinha na corrida e bateu de

primeira. Everaldo ainda se jogou em direção às pernas do meio, mas já era tarde. O foguete rasante só parou quando encontrou as redes do goleiro Alexandre, que não conseguiu chegar antes para tocar com sua mão esquerda.

Porém não seriam os bolivianos que estragariam o sinergia entre time e torcida naquela véspera de Páscoa. Nem quem estava na arquibancada, bem menos quem estava no campo. Iria desistir de ver aquela batalha vencida. Aos 22 minutos, Sarandí tocou para Adilson Gomes, que pedia bola na frente, na lateral direita. O ponteiro que entrou no decorrer da partida usou toda sua agilidade para carregar até o fundo e, junto dele, dois adversários. O passe para três saiu marcado, depois de resvalado nos rivais. Mas aquela era uma jogada que Grizzo conhecia. Depois que a bola passou, o camisa 10 foi ao encontro dela. Com um toque de direita, já deixou o zagueiro Olasechea sentado no chão. Com a mesma perna desferiu o chute que deu a vitória ao Criciúma.

Grizzo já sabia que aquela era uma jogada que se desenharia desde a entrada de Adilson Gomes no jogo. "O time jogava com o Jairo [Lenzi] numa ponta e o Vanderlei na outra. O Levir [Culpi] tinha como opção certa colocar o Adilson Gomes, que quase sempre entrava. Quando o Adilson fez a jogada pela direita, já sabia que ele ia no fundo. Por isso puxei no primeiro pau. Ainda diriei o zagueiro antes de bater", recorda-se.

Com gol da vitória de Grizzo, o Criciúma não apenas venceu um embate difícil. Terminava em primeiro lugar do grupo 2 e iria enfrentar o Sporting Cristal, duas semanas depois. O primeiro jogo seria no Estádio Nacional, no Peru. Era a primeira partida dos atrevidos de final para o Tigre naquela Libertadores.

Criciúma	2	1	Bolívar
<p>Gols: Roberto Cavalo, aos 39/11', e Grizzo, aos 22/21' (Criciúma). Borgia, aos 8/21' (Bolívar). CARTÕES AMARELOS: Vanderlei (Criciúma). Villegas e Olasechea (Bolívar). ARBITRAGEM: Javier Castrilli, auxiliado por Juan Biscay e Francisco Lamolina. BORDE-RO: 13.890 pagantes para uma renda de R\$ 108.990.000,00. LOCAL: Estádio Heriberto Hülse, em Criciúma (SC).</p>			

João Lucas é jornalista. Renato é estudante de História da Unesc e pesquisador do futuro Museu do Futebol



O Tigre descobre a América do Sul

Texto: João Lucas Cardoso
Pesquisa: Renato de Araújo Monteiro

CAPÍTULO NOVE

1992 | 10 de abril | sexta-feira

Alma e honra lavadas

Das cinco novidades na escalação, uma se mostraria a mais acertada. Everaldo ganhava pela primeira vez uma chance de mostrar que o potencial que o levou às seleções de base na época poderia ser revertido em prol do Criciúma. Assim foi. Ele marcou dois gols, deu assistência para outro e foi o nome do jogo em que o Tigre atropelou o São José. O placar marcou 5 a 0, mas poderia ter sido ainda maior. Mas foi o suficiente para retomar o primeiro lugar do grupo 2 da Libertadores da América de 1992, refazer-se da goleada sofrida ante o São Paulo e, sobretudo, deixar o Heriberto Hülse em êxtase.

Após quatro meses de espera, Everaldo voltaria a entrar em campo com a camisa tricolor. O espaço era aberto pela saída de Zé Roberto, dispensado após atos de indisciplina. Até hoje, Everaldo não esquece das palavras do técnico Levir Culpi antes da partida. O treinador encheu o meio-campo de confiança. "O Levir disse que aquele era o jogo da minha vida. Que não precisava fazer nenhum milagre, só jogar o que eu sabia. Nos treinos eu podia posicionar e naquele dia estava numa grande noite", recorda-se.

Jairo Santos, Everaldo, Paulo da Pinto, Emerson Almeida e Everaldo eram as novidades. Mesmo com as mudanças, o Criciúma foi o time empolgante de sempre quando jogava em seu estádio. Em nenhum momento deu esperanças aos bolivianos e depois que obteve a

porteira do São José passou um gol atrás do outro. Aos 18 minutos, após cobrança de escanteio de Roberto Cavalo, Soares não alcançou e Vilmar chutou em cima da barragem defensiva. A bola saiu da área e, do jeito que veio, Jairo Lenzi mandou de primeira. O canudo de canhoto foi venenoso e certeiro. A bola foi no ângulo direito e o goleiro Ruiz caiu sentado e atordado. Logo em seguida, Itá recebeu na esquerda e cruzou preciso. O herói do jogo se apresentou. Everaldo pulou junto com Arias e levou a melhor. A cabeçada foi no cantinho esquerdo do guarda-metas do São José. Sem diminuir o ritmo, veio o terceiro gol da noite majestosa. Everaldo recebeu pela direita, foi no fundo e deixou Emerson Almeida de cara para meter a pé direito e o couro na rede. Bastaram seis minutos para o Criciúma fazer o placar do primeiro tempo: 3 a 0. Poderia ser quatro se uma cabeçada de Soares não tivesse passado rente ao poste e saldo.

Ainda com a boa vitória parcial, o

técnico Levir Culpi pediu aos comandados que não se acomodassem. Apesar do ritmo não ter sido tão alucinante, o São José era presa fácil. A torcida tricolor fazia festa, na primeira partida internacional oficial no Heriberto Hülse. Faria ainda mais quando, no primeiro minuto do segundo tempo, Soares arrancou pela direita, foi ao fundo e centrou. Ruiz tocou nela e a zaga tentou afastar. A bola bateu nas pernas de Everaldo e só parou quando visava seu ângulo esquerdo. O jogo estava empatado. Seu pé direito também assegurou a classificação como líder do grupo, um ponto à frente do São Paulo, então comandado pelo técnico Telê Santana, que viria a ser campeão mundial naquele ano.

Foi um jogo muito duro. O Bolívar vinha de derrota para os paulistas e queria muito melhorar sua colocação no grupo para encerrar um adversário virtualmente mais fácil. No entanto, o time boliviano sentiu que o Tigre no Majestoso era quase imbatível, ainda mais

Criciúma	5	0	San José
<p>Gols: Jairo Lenzi, aos 18/11', Everaldo, aos 21/11' e 31/21' (Criciúma). CARTÕES AMARELOS: Paulo da Pinto (Criciúma). Soares e Jairo Lenzi (Adilson Gomes). ARBITRAGEM: Carlos Maciel, auxiliado por Bonifácio Nunes e Elgênio Verdum. BORDE-RO: 10.042 pagantes para uma renda de R\$ 79.102.000,00. LOCAL: Estádio Heriberto Hülse, em Criciúma (SC).</p>			

João Lucas é jornalista. Renato é estudante de História da Unesc e pesquisador do futuro Museu do Futebol



O Tigre descobre a América do Sul

Texto: João Lucas Cardoso
Pesquisa: Renato de Araújo Monteiro

CAPÍTULO ONZE

1992 | 27 de abril | segunda-feira

Força extra para as oitavas

Primeiro lugar na primeira fase da Libertadores e a mesma colocação no grupo 3 da Divisão Classificatória do Campeonato Brasileiro daquele ano. Três dias antes do jogo pelas oitavas de final do torneio continental, contra o Sporting Cristal, o Criciúma tinha um outro compromisso importantíssimo. Em meio às viagens pela América do Sul, o Tigre teria a missão de voltar à elite do futebol nacional, que não frequentava desde 1988. Numa segunda-feira, e contra os paulistas do Juventus, uma vitória de virada recolocava o Tricolor entre os grandes times do Brasil.

No Heriberto Hülse, o Criciúma tomou um susto. O Moleque Travesso saiu na frente com Serjão, nos primeiros 19 minutos. O resultado deixaria o Tigre de fora da elite e também decretaria um ponto final no campeonato. Seria improvável uma equipe que encantava América não conseguir avançar numa Segunda Divisão nacional, ainda mais em sua casa. O Criciúma era forte, não havia motivação maior do que vestir a camisa tricolor e lutar pelo triunfo.

"Se tivesse três jogos por semana, todo mundo queria jogar, bem diferente dos jogadores de hoje, que pensam mais em dinheiro do que no futebol. Tanto a Libertadores quanto o Campeonato Brasileiro eram com-

petições boas. Não precisava motivação maior que essa", decreta o capitão do time dos anos dourados e tricolores, Antônio Luiz Sartorette. Itá.

As palavras do ex-lateral-esquerdo dão o tom do que era o time e dos rumos que aquele jogo decisivo tomaria. Aos 36 minutos ainda do primeiro tempo, Jairo Lenzi cobrou escanteio fechado. Ninguém apareceu no primeiro pau para desviar. Coube ao goleiro Cossa, do Juventus, fazer o trabalho e mandar para dentro, contra o patrimônio. No segundo tempo, a dificuldade se instalou no time criciunense. Faltaavam finalizações ao gol. Mas daí o zagueiro Nildo colocou a mão na bola, dentro da área. Bola na marca da cal e depois na rede, após a cobrança de Gelson.

O 2 a 1, resultado final, fazia o Tigre somar 16 pontos e chegar ao primeiro lugar do grupo. Posição que dava o

acesso. Também subiram Coritiba, com a mesma pontuação, mas com saldo de gols menor, e o União São João, com 14 pontos. Naquela competição, o Criciúma passaria também na primeira colocação na segunda fase (num quadrangular) e terminaria em segundo na etapa seguinte (em novo quadrangular). Ficou de fora da final, mas tinha o acesso e a terceira posição geral.

Naquele 27 de abril, o técnico Levir Culpi cumprira sua meta quando contratou: reconduzir o time à Primeira Divisão nacional. Mas o time, com ou sem treinador, tinha seus próprios objetivos. "Era um grupo que queria cada vez mais e ganhar tudo que disputasse. Fazíamos de tudo e da melhor maneira possível", garante Itá. Assim seria três dias depois: o primeiro jogo contra o Sporting Cristal, na primeira partida pelas oitavas da Libertadores, em Lima, no Peru.

TIME	J	V	E	D	GP	GC	PTS
1 *Criciúma	14	7	2	5	15	9	16
2 *Coritiba	14	6	4	4	11	9	16
3 *União SJ	14	5	4	5	12	10	14
4 Juventus-SP	14	5	4	5	1	9	14
5 Botafogo-SP	14	5	4	5	10	10	14
6 Noroeste	14	5	3	6	13	20	13
7 Bangu	14	4	5	5	9	9	13
8 Joinville	14	4	4	6	6	11	12

João Lucas é jornalista. Renato é estudante de História da Unesc e pesquisador do futuro Museu do Futebol

Um resultado "do peru"

Dizer que algo era "do peru" daquela época era se referir a coisas boas. A origem da expressão é incerta, mas assim pode ser chamado o resultado do Criciúma em termos peruanos 20 anos atrás. Mesmo adjetivo para a participação de Jairo Lenzi no gramado do Estádio Nacional de Lima. O Tigre se contentaria com um empate ou mesmo se tivesse pelo menos marcado gol fora de casa. No entanto, diante do Sporting Cristal e sua tática, arrancou uma vitória esmagadora. Um 2 a 1 fora de casa colocou o tricolor em boa situação. Porque o jogo da volta dos oitavos de final que decidiria quem avançaria às quartas do Libertadores da América seria no Heriberto Hülse.

"Claro que nossa vontade era vencer. Mas, de acordo com o regulamento, era bom um empate ou no mínimo perdendo se marcássemos um gol. Eles tiveram suas chances de vencer e nós mantivemos o time bem postado. Sabíamos do nosso potencial, tínhamos confiança e por isso conseguimos a vitória no fim do jogo", resume o dono daquela noite em Lima, Jairo Lenzi, autor de um gol e uma assistência.

O Criciúma esteve um pouco modificado. O meio-campo tinha Emerson Almeida e Paulo da Pinto. Vanderlei e Grizzo, a contragosto, foram poupados devido a maratona de jogos, já que o time acabara de disputar a primeira fase do Campeonato Brasileiro — ficou em primeiro do grupo e garantiu o acesso à primeira divisão. Talvez por falta de entusiasmo, o time teve que suportar um duelo difícil e equilibrado desde seu começo.

Os primeiros arremates foram do Sporting, por meio das poucas brechas que o Tigre dava ao rival. Alexandre também estava bem e evitou que Oliveira e Navarro marcassem. Roberto Cavalo e Itá também ameaçaram a meta do goleiro Mirandinha. Porém, o primeiro tempo terminou com o placar fechado.

O segundo tempo continuou no mesmo ritmo. O gol anunciando para os dois lados. Era inevitável que o zero prevalecesse para qualquer uma das equipes. Ainda bem quando Criciúma e primeiro gol.

daquela noite. O cronômetro já determinava o 30º minuto da etapa complementar quando o Tigre encostou um jogador que lhe era peculiar: passes rápidos e velocidade em direção do gol. Pelo lado esquerdo, Itá deu um toque para Jairo Lenzi, a frente, paralelo à linha lateral. O ponteiro partiu em velocidade e foi até a linha de fundo. Seu marcador, Pedraglio, ficou para trás e no chão. O goleiro Mirandinha começou sair nos pés do tricolor. Mas antes ele levantou de canchota para o meio da área. A defesa já estava batida e só viu Everaldo perto da marca do pênalti quando ele, na corrida, tinha colocado a cabeça a frente para testar a bola em direção às redes.

"Alegria, alegria, alegria do meu povo catarinense", bradava o narrador Lombardi Júnior, pela Rede OM de televisão, que transmitia a competição em rede nacional. Aquela era o bordão que anunciava o gol tricolor em Lima. Nem com o Criciúma na frente a partida deixava de ser equilibrada. Soares e Vanderlei estavam em campo. Apesar das substituições ofensivas, o Tigre se contentava com o placar mínimo. Mas o Sporting Cristal mantinha a perseguição para marcar o seu. E viria em cobrança de pênalti, quando se imaginava que seriam o apoio das luzes no estádio. Na área, Roberto Cavalo só conseguiu parar Baldessari com falta. Pênalti. Navarro tinha as mãos na cintura. Com os braços todos esticados, Alexandre se apachou e levantou incessantemente sobre o linha, tentando tirar a concentração do

cobrador. O camisa nove mandou forte e no canto esquerdo, enquanto o goleiro tricolor caiu no outro lado.

A iluminação do Estádio Nacional ainda estava ligada. Portanto, ainda tinha jogo. O empate parecia um resultado de bom tamanho. Mas haviam ainda cinco minutos de partida, somados os acréscimos, e 11 jogadores com alma vencedora. Havia um camisa 11 que vivia uma grande fase. Aos 45 minutos, Roberto Cavalo bateu uma falta próxima da linha lateral direita, ainda no campo de defesa. Mandou um balão em direção à meta do Sporting. Quase na meia-lua, Soares pulou junto com o zagueiro e conseguiu desviar o bola de costas para o gol, Jairo Lenzi entrava na área, em meio aos zagueiros. Ele chegou antes do goleiro Mirandinha, dominou com a cara esquerda e com a mesma canchota cutucou a bola para o gol.

Com os braços abertos, saiu em direção de Roberto Cavalo para abraçá-lo e comemorar o gol da vitória — que deixava o time mais confortável para o jogo de volta, uma semana depois, no estádio Heriberto Hülse. Aquela era um grupo que ovinava não apenas o gol, também aqueles que acreditavam e davam o início para que a jogada terminasse com a bola na rede com desfecho. "O que o Criciúma fez em 1991 e 1992 foi algo sem explicação. Não só eu que penso assim, outros companheiros meus da época também", avalia Jairo Lenzi. Vinte anos depois, ele ainda não encontrou o justificativa para o período de ouro do Tigre.

Sporting Cristal	1	2	Criciúma
Miranda; Pedraglio, Manoel, Arteaga e Oliveira; Rojas, Prado (Anton), Aviles (Suarez) e Páldics; Baldessari e Navarro. T: Juan Carlos Oblitas			Alexandre; Jairo Santos, Vilmar, Evandro e Itá; Roberto Cavalo, Gelson, Emerson Almeida (Vanderlei) e Paulo da Pinto; Everaldo (Soares) e Jairo Lenzi. T: Levir Culpi
GOLS: Navarro (pên.), aos 42/2º tempo (Sporting Cristal). Everaldo, aos 30/2º tempo, e Jairo Lenzi, aos 45/2º tempo (Criciúma). CARTÕES AMARELOS: Itá, Gelson, Emerson Almeida, Paulo da Pinto (Criciúma). Arteaga e Oliveira (Sporting Cristal). EXPULSÃO: Páldics (Sporting Cristal). ARBITRAGEM: Armando Perez Hoyos, auxiliado por John Jairo Ibarra e Pedro Pablo Calcedo. BORDERO: 16.216 pagantes para uma renda de 91.182 dólares. LOCAL: Estádio Nacional de Lima, no Peru.			

João Lucas é jornalista. Renato é estudante de História da Unesc e pesquisador do futuro Museu do Futebol

Virada rumo às quartas

Preto, amarelo e branco são as cores que, combinadas com um Heriberto Hülse cheio, provocavam uma sinergia sentida ainda nos dias de hoje. Coloque a última vitória do Criciúma na Taça Libertadores da América de 1992 na conta da camisa e do estádio. No jogo de volta das oitavas de final, depois do triunfo tricolor por 2 a 1 no Peru, o Sporting Cristal dificultou muito. Mas o time tinha força e, sobretudo, sabia de onde tirá-la. No Majestoso um êxito dramático e por isso ainda mais majestoso. Com a virada e o placar de 3 a 2, o time catarinense fazia da história, maior. Enfrentaria o São Paulo nas quartas com a vantagem de fazer o segundo jogo em sua casa.

Estava claro que não haveria conquista sem sacrifício. O Sporting Cristal jogava com três zagueiros e não dava chances ao Criciúma. Para piorar, o Tigre não estava bem e errava muitos passes. O primeiro gol da noite, do Sporting Cristal, prova a fragilidade que o time apresentava. Aos dez minutos, Navarro desceu pelo flanco esquerdo da defesa tricolor e deu o toque para o meio. Livre de marcação, Prado botou na frente para Anton. Ele teve tempo de dominar e bater no cantinho direito de Alexandre.

Se não deu neste lance, dez minutos depois, Alexandre evitou o segundo, quando Navarro chutou, a bola desviou na zaga e o goleiro defendeu. O resultado ameaçava a classificação e o Tigre foi para cima. Aos 39 minutos, após cruzamento na área, o goleiro Miranda saiu todo errado e a bola sobrou para Jairo Lenzi. Ele bateu como deu, mas a bola tocou no zagueiro Arteaga, na trave, e, na sequência, um jogador do time peruano mandou para escor-

teio. A jogada área não era o forte do guarda-metas rival e o Criciúma não perdoou. Grizzo bateu o escanteio fechado, Vilmar ganhou de cabeça de Miranda e do segundo pau foi para o primeiro para que Wilson testasse, enfim, para as redes. "Por causa deste gol, o único meu na competição, foi uma partida especial para mim, também pela importância. Foi um jogo difícil, mas em casa era questão de tempo para que vencêssemos", lembra o autor do primeiro gol tricolor daquela noite.

Porém era um jogo dramático e estava ainda na metade. Nos acréscimos do primeiro tempo, o Sporting Cristal estava no ataque e nenhum tricolor conseguia afastar o perigo que rondava a área. Até que da meia-lua Navarro rolou para trás para que Prado saltasse o "canudo". Mesmo com a visão encoberta, Alexandre voou no canto, mas o chute rasteiro terminou em gol e dava a vitória parcial aos peruanos.

No intervalo, o técnico Levir Culpi parece ter dado uma arrumada no Tigre. Aos quatro minutos, a partida voltou ao placar, a partir de um lance cheio de confusão. Jairo Lenzi recebeu pela esquerda, foi no fundo e cruzou para trás. Soares chegou batendo, mas a mão que evitou o gol foi a do zagueiro Ramirez e não do

goleiro Miranda. Penalidade clara e assinalada pelo árbitro. No entanto o argentino Juan Carlos Lousteau não expulsou o jogador do Sporting. A revolta do Tigre foi tanta que o diretor Amilton Guidi quase entrou no gramado e foi "convocado a se retirar" pela arbitragem.

Na cobrança, sempre ele: Gelson. Ele partiu e, antes de chutar, deu uma paradinha. Abobalhado, Miranda caiu desmontado para a direita enquanto a bola entrava do outro lado. Tudo igual. O Criciúma ficou ainda melhor aos 30 da etapa, quando Emerson Almeida e Everaldo entraram em campo. A dupla precisou apenas de dois minutos para fazer o terceiro e último gol da noite. Numa cobrança de falta pelo lado esquerdo, Emerson Almeida bateu bem para o meio da área. Everaldo só precisou de um pulinho e de colocar a cabeça na frente. Miranda, que não saiu para afastar, foi pego no contrapé. O ouro no rede enquanto Everaldo, em comemoração, ajoelhava-se e levantava as mãos para os céus diante da torcida, que ocupava o arquibancado ao lado do Gênesio Colombo Sales. Placar de 3 a 2 e avanço às quartas garantido. Novamente, o São Paulo estaria no caminho do Criciúma.

Criciúma	3	2	Sporting Cristal
Alexandre; Jairo Santos, Vilmar, Wilson e Itá; Paulo da Pinto, Gelson, Grizzo (Emerson Almeida) e Vanderlei (Everaldo); Soares e Jairo Lenzi. T: Levir Culpi			Miranda; Manoel Eral, Arteaga e Ramirez; Rojas, Oliveira, Prado, Anton (Fabian Suarez) e Suarez; Navarro e Aviles (Baldessari). T: Juan Carlos Oblitas
GOLS: Wilson, aos 40/1º T, Gelson, aos 4/2º T, e Everaldo, aos 32/2º T (Criciúma). Anton, aos 10/1º T, e Prado, aos 46/1º T (Sporting Cristal). CARTÕES AMARELOS: Paulo da Pinto (Criciúma). Oliveira e Arteaga (Sporting Cristal). ARBITRAGEM: Juan Carlos Lousteau, auxiliado por Jairo Carlos Crespi e Ernesto Talbi. BORDERO: 9.728 pagantes para uma renda de Cr\$ 103.480.000,00. LOCAL: Estádio Heriberto Hülse, em Criciúma.			

João Lucas é jornalista. Renato é estudante de História da Unesc e pesquisador do futuro Museu do Futebol



O Tigre descobre a América do Sul

Texto: João Lucas Cardoso
Pesquisa: Renato de Araújo Monteiro

Derrotado, mas ainda bem vivo

Com a bola rolando, o embate era de igual para igual. O Criciúma era tão gigante quanto o São Paulo de Telê Santana. Porém, fora das quatro linhas, a força política do campeão brasileiro era maior. A pressão sobre a arbitragem penderia para o lado mais forte. Eis um dos fatores que poderia interferir no duelo brasileiro pelas quartas de final da Libertadores da América de 1992. O Tigre estava disposto, e o jogo mostraria que seria possível, a sair do Morumbi com um empate sem gols, para deixar a definição para o caldeirão Heriberto Hülse. No entanto, com um jogador a menos quase todo o segundo tempo, o time catarinense não conseguiu evitar o 1 a 0 para eles.

Resultado que não desanimaria o Criciúma para volta. Isso porque, diante do Morumbi, o time mostrou que teria de frente com o São Paulo de Telê Santana. Os paulistas marcaram bem o ponto Jairo Lenzi, de onde costumavam sair as jogadas de gol do Tigre. Aos 33, Müller até balançou as redes, mas estava impedido. O atacante vivia a angústia de marcar seu 100º pelo São Paulo. Pelo Criciúma, a boa chance surgiu aos 42 minutos. Sarandí bateu falta na área e Vanderlei testou para o gol. Porém o jovem Alexandre, que substituiu Zetti, evitou.

Capitão do Tigre, Itá travava duas batalhas: no jogo e outra enquanto a bola estava em outro setor do campo. Batia boca com Telê e não dava sossego para o árbitro Renato Marsiglia. "No primeiro tempo, levei um cartão amarelo quando nem

no jogador eu estava. Quando deu o intervalo, sai discutindo com o Telê. Ele dizia que nosso time só batia e eu dava de dedo nele. Não sei se o árbitro viu", relembra o camisa 6.

Deve ter visto e aproveitou para mostrar o segundo amarelo e deixar o Criciúma com um a menos aos 13 minutos do segundo tempo. Itá era expulso após chegar junto de Cafu. "Ele fez a maior cereja do mundo. Fomos para dividir a bola e ele esperou o choque para se jogar no chão e ficar rolando", recorda o capitão. O Tigre passava a segurar o placar fechado. "O Criciúma se segurava quase todo o segundo tempo, o time catarinense não conseguia evitar o 1 a 0 para eles.

Vilmar era um gigante na defesa, fazendo uma bela apresentação. Quem também estava bem era o goleiro do Tigre, Alexandre. "Tínhamos nos planos um empate lá. Porém, com um a menos, procuramos contra-atacar e fomos segurando aquela volúpia que tinha o São Paulo", comenta o eterno camisa 1.

A pressão do São Paulo também era direcionada à arbitragem. Num lance em que o Criciúma errou um passe na intermediária, pintado interceptou lançando rasteiro para Müller mais à frente. Ele saiu na cara de Alexandre, mas foi derrubado por Vilmar quando estava dentro da área, ainda que o zagueiro tenha chegado antes. O árbitro Renato Marsiglia assina-

lhou pênalti. No entanto, o bandeira Paulo Jorge Alves salvou o Tigre. Ele já havia levantado instrumento de trabalho indicando o impedimento. O lance gerou discussão entre adversários e arbitragem. Do banco de reservas, Telê Santana ria com ironia e mascava seu chiclete.

Mas, logo depois, aos 37 minutos, nem os jogadores e nem a arbitragem puderam evitar que o empate prevalecesse. Pintado tocou em Müller, que colocou para Macedo, antes da meia-lua. O meio-campista dominou no peito e, com a perna esquerda, desferiu o chute. A bola partiu alta e foi caindo certo no canto esquerdo de Alexandre. O goleiro do Tigre saltou, porém não o alcançou. "Ele dominou e girou batendo. Só pude utilizar o impulso, não deu tempo para me colocar melhor", lamenta o goleiro do Tigre.

Com o placar, o Criciúma precisaria ganhar por dois gols na volta, no quarto seguinte. "Apesar de ter perdido, foi um jogo que manteve nossas esperanças porque o 1 a 0 para nós, na volta, levava a definição para os pênaltis. Tínhamos condições porque ficamos na frente deles na primeira fase e vencemos o São Paulo jogando em casa", explica Alexandre. Porém, enquanto o São Paulo esperava pelo jogo de volta, na quarta-feira seguinte, o Tigre ainda tinha dois jogos pela frente no Campeonato Brasileiro, ambos em Curitiba (PR), no sábado e segunda-feira.

São Paulo	1	0	Criciúma
Alexandre; Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo Luiz e Ivan; Adilson, Pintado e Raí; Palhinha, Rinaldo (Macedo) e Müller. T: Telê Santana			Alexandre; Sarandí, Vilmar, Wilson e Itá; Roberto Cavalo, Gelson e Paulo da Pinto; Vanderlei (Jairo Santos), Everaldo e Jairo Lenzi (Adilson Gomes). T: Levir Culpi
GOLS: Macedo, aos 37/2º tempo (São Paulo). CARTÕES AMARELOS: Rinaldo e Antônio Carlos (São Paulo). EXPULSÃO: Itá (Criciúma). ARBITRAGEM: Renato Marsiglia, auxiliado por Cláudio Vinicius Cardeira e Paulo Jorge Alves. BORDERO: 12.441 pagantes para uma renda de Cr\$ 71.255.000,00. LOCAL: Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), em São Paulo (SP).			

João Lucas é jornalista. Renato é estudante de História da Unesc e pesquisador do futuro Museu do Futebol

1. O início da prática do futebol em Criciúma

Fosse talvez domingo e, atravessando o gramado onde alguns jovens se divertiam num estranho corre-corre em meio a coqueiros e animais de criação, o fotógrafo chegou até a igreja nova. Desde 1907, quando sua construção fora iniciada, suas torres proporcionavam uma vista privilegiada da pequena vila de São José de Criciúma. Lá de cima, ficava fácil entender porque os imigrantes italianos haviam escolhido aquele lugar, a 06 de janeiro de 1880, para a instalação do núcleo colonial.

Praticamente todo o lado esquerdo era dominado pelo imponente Morro Cechinel, coberto pela mata nativa. À direita podia-se ver e ouvir as águas do pequeno rio que dividia nome com a localidade. Os importantes caminhos por onde a produção agrícola era escoada perdiam-se no horizonte. A Linha Anta nascia pequena entre os morros e vinha crescendo em diagonal até encontrar a estrada geral de Urussanga, que passava em frente à capela e só ia terminar nas barrancas do Rio Araranguá. Bem no cruzamento havia duas construções, a maior era a venda de Pedro Benedet, casa de comércio que funcionava também como posto dos correios e hospedaria.

Foi ali que há alguns anos ficara instalado Israel Charles White, geólogo estadunidense enviado pelo governo brasileiro para fazer uma série de estudos com o carvão local que era utilizado nas ferrarias e nos piladores de arroz da região. Agora, toneladas e toneladas do minério seguiam de carro-de-boi para a localidade do Pontão, um pequeno porto fluvial a caminho de Jaguaruna, onde a carga era baldeada para pequenas embarcações que desciam o rio até o complexo de lagoas que dava acesso ao porto de Laguna. De lá, o carvão era levado para o Rio de Janeiro para ser testado como combustível nas locomotivas da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Após contemplar o cenário, ele sacou da câmera e finalmente fez a captura. Ao inclinar-se um pouco para a esquerda, perdeu o rio e algumas construções, mas conseguiu enquadrar, no canto baixo esquerdo da imagem, parte de uma armação de madeira que fora fincada na grama. Um homem defendia com ânimo aquilo que era uma espécie de alvo a ser atingido pela bola de couro que os demais conduziam com os pés. Talvez nem fosse domingo, talvez nem fosse este o objetivo, mas naquele dia o nosso fotógrafo anônimo voltaria pra casa levando os negativos do que seria, com certeza, um dos primeiros registros da prática do futebol em Criciúma.



Região central de Criciúma na década de 1910, hoje Praça Nereu Ramos, vista a partir da torre da igreja.
Fonte: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez.

Em Santa Catarina

Historiadores e memorialistas apontam a década de 1910 – provável datação desta imagem – como sendo um momento de difusão do futebol por Santa Catarina. As primeiras notícias sobre a presença do novo esporte no Estado foram publicadas nos jornais de Laguna e da capital em fevereiro de 1904, anunciando a criação do Sport Club Catharinense, em Florianópolis. No entanto, o Colégio Catarinense, fundado em 1906, é tido como um dos principais responsáveis pela sua popularização. No dia 14 de agosto de 1910 aconteceu o primeiro jogo documentado, quando a imprensa registrou uma partida realizada entre estudantes locais e um grupo de jovens advogados que prestava concurso público em Florianópolis. A partir do ano seguinte, vários clubes de *foot ball* começaram a se espalhar pelas demais cidades catarinenses.



Igreja Matriz São José de Criciúma em 1915. Fonte: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez.



Planta da fachada da nova igreja de Criciúma, elaborada em 1905.
Até sua inauguração, em 1917, grande parte do projeto original foi modificado.
Fonte: Acervo particular de Mário Belolli.

Fontes:

BELOLLI, Mário, et al. **A história do carvão de Santa Catarina**. Criciúma: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002, p. 38-64.

DASSILVA, Zé; Gasperin, Emerson. **Almanaque do futebol catarinense**. Florianópolis: Ed. do autor, 2010, p. 14-18.

MACHADO, César do Canto. **História do Futebol Catarinense**. Florianópolis: Insular, 2000, p. 19-23.

MILANEZ, Pedro. **Fundamentos históricos de Criciúma**. Florianópolis: Ed. do autor, 1991, p. 251-253.

NASCIMENTO, Dorval do. Agricultura e mineração na formação do espaço urbano de Criciúma. In: GOULART FILHO, Alcides. (org.). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004, p. 383-385.

2. O Mampituba Foot Ball Club

Decididamente o paletó não combinava com o calção e as meias altas típicas de jogador de futebol. No entanto, era prudente não tirá-lo. Nem na hora da pose para a foto ao lado dos colegas e adversários antes do jogo. Na condição de atleta e presidente do clube, Abílio Paulo ficara encarregado de cuidar também do dinheiro das passagens para a volta do time, que havia se deslocado cerca de 20 quilômetros para jogar em Urussanga. Ostentando listras verticais verdes e encarnadas, mangas compridas e gola de cadarço, a camisa do Mampituba Foot Ball Club, apesar de muito bela, não possuía bolso. O paletó, vários.

Pouco tempo atrás, no dia 18 de maio de 1924, Abílio Paulo tinha ajudado a fundar um dos primeiros clubes de futebol da região, batizado com o nome do rio que marcava a divisa entre o Rio Grande do Sul e o município de Araranguá, ao qual o então distrito de Criciúma pertencia naquele tempo. O encontro acontecera na sede da Sociedade Cooperativa Victória, atual esquina da Praça Nereu Ramos com a Rua Seis de Janeiro. Abílio Paulo era um jovem comerciante de origem libanesa de apenas de 23 anos. Os negócios haviam melhorado muito na última década. Com o início da mineração do carvão, Criciúma deixava de ser aquela modesta vila de economia agrícola para aos poucos se tornar uma pequena cidade industrial.

Ainda que nenhum daqueles testes feitos a partir de 1906 tivesse dado resultado negativo, o começo efetivo da exploração das jazidas de carvão só havia acontecido após a deflagração da Grande Guerra em 1914. O conflito mundial interrompeu as importações e o combustível importado precisou ser substituído pelo nacional. Após o início dos trabalhos da CBCA – Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá – em 1917, outras mineradoras se instalaram na região e abriram uma série de minas nas encostas do Morro Cechinel. Em 1919 a estrada de ferro chegou à cidade, e o carvão já não era mais transportado em canoas ou carros-de-boi. A construção da estação de passageiros ajudou a consolidar a área da igreja São José como central. O comércio e os comerciantes locais prosperavam.

E prosperava também o futebol, que à essas alturas, com o incipiente desenvolvimento do núcleo urbano, já não poderia mais ser praticado na praça central. Para enfrentar os adversários, foi construído um novo campo nas imediações de onde atualmente fica o Colégio Marista, no Bairro Pio Corrêa. O uso do paletó poderia ser

excesso de precaução por parte de Abílio Paulo. A cordialidade deveria predominar durante estes confrontos. Apesar de um jogador do Urussanga Foot Ball Club ter voltado para a casa com uma das pernas fraturadas.



A equipe do Mampituba Foot Ball Club posa para foto ao lado dos adversários antes do jogo contra o Urussanga em 1924. Abílio Paulo está ao centro, de paletó.

Fonte: Arquivo da Sociedade Recreativa Mampituba.

Fontes:

BELOLLI, Mário, et al. **A história do carvão de Santa Catarina**. Criciúma: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002, p. 38-84.

NASCIMENTO, Dorval do. Agricultura e mineração na formação do espaço urbano de Criciúma. In: GOULART FILHO, Alcides. (org.). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004, p. 383-392.

NASPOLINI FILHO, Archimedes. **Estas ruas que pisamos**. 3. ed. Criciúma: Ed. do autor, 2005, p. 162.

BÚRIGO, Pity. **Sociedade Recreativa Mampituba 85 anos: um clube para viver (1924-2009)**. Criciúma, 2009, p. 05-08. [Revista]

SOCIEDADE RECREATIVA MAMPITUBA. Criciúma. Ata da fundação realizada no dia 18 de maio de 1924. Livro 1, p. 01-02. [Arquivo da Sociedade Recreativa Mampituba]

3. O Waldemar Brito Futebol Clube

Era um domingo, 05 de dezembro de 1926, e o relógio marcava algo em torno de onze horas da manhã. Quando a locomotiva número 50 da Estrada de Ferro Teresa Cristina apitou no “corte da Próspera”, trazendo consigo as delegações do Henrique Lage e do Imbituba, vários criciumenses correram para a estação de passageiros. Muitos deles carregavam o peso de uma noite mal dormida, dedicada às folias da Festa de Santa Bárbara, comemorada no dia anterior. Após a recepção, os anfitriões acompanharam os visitantes até os hotéis onde deveriam descansar para os jogos amistosos daquela tarde.

Mais de três mil pessoas aguardavam ansiosas o confronto do Mampituba com o Henrique Lage, tradicional equipe da cidade de Lauro Müller, também localizada na região carbonífera. Seria uma grande partida de futebol. Seria, se os atletas de ambos os times não tivessem dormido demais. Jogo do Mampituba? Somente do time reserva, que venceu o Barro Branco por 2 a 1. Para salvar parte do evento, o outro clube da cidade foi convocado para enfrentar o Imbituba. Ao som da banda lagunense *União dos Artistas*, o Waldemar Brito foi derrotado pelo placar de 2 a 0.

Com o desenvolvimento econômico proporcionado pela indústria do carvão, o distrito de Criciúma conquistava prestígio político, tendo sido elevado naquele mesmo ano à categoria de município. Os colonos abriam suas próprias minas, vendiam suas terras para as grandes companhias mineradoras, trabalhavam como empregados nas mesmas ou investiam no comércio. A oferta de empregos atraía também luso-brasileiros e afrodescendentes, vindos principalmente das cidades litorâneas. Na região da “mina velha”, arredores da atual Rua Rio do Sul – ou do “peixe frito” –, no Bairro Santo Antônio, a CBCA construía uma série de pequenas casas de madeira para abrigar estes migrantes. Uma igreja em honra a Santa Bárbara também havia sido erguida no local. Em menos de cinco anos, a festa da padroeira dos mineiros já era uma das mais importantes da cidade.

Paralelo ao desenvolvimento da vila operária era o do futebol nela praticado. Na folga do dia 1º de maio de 1922, dia do trabalhador, Aristides Lima havia reunido alguns funcionários da CBCA para fundar o Waldemar Brito Futebol Clube, nome dado em homenagem ao então engenheiro gerente da mineradora. Assim como muitos de seus colegas, Aristides era um jovem de apenas 27 anos que abandonara

sua cidade natal, no caso Jaguaruna, em busca de emprego nas minas de carvão. O “time dos pretos”, como ficou conhecido, deixava transparecer também a procedência étnica de seus atletas.

Às cinco horas da tarde o trem novamente apitou, desta vez levando para a casa os atletas e demais visitantes. A banda *Amor à Pátria*, de Jaguaruna, tocou ainda por mais algumas horas. Segundo Joaquim da Costa, cronista de futebol do jornal *O Mineiro* – o qual confessava entender tanto de esporte quanto de rezar missa – “no final da tarde todos estavam exaustos”. Menos os jogadores do Mampituba, que com uma boa tarde de sono, certamente puderam aproveitar o animado baile do Clube Seis de Janeiro até altas horas da noite.

O primeiro clube de futebol de Criciúma

Frequentemente o Mampituba, fundado em 1924, é apontado como o primeiro clube de futebol da cidade. Entretanto, um detalhado histórico do Atlético Operário Futebol Clube, publicado pelo jornal *Folha do Povo* em 24 de dezembro de 1951, traz sua fundação com tendo ocorrido em 1922, ainda com o nome Waldemar Brito, posteriormente trocado para União Operária, em 1933, e Atlético Operário, em 1940. Para nós, a credibilidade desta fonte reside no fato de ter sido escrita menos de 30 anos após os acontecimentos a que se refere, portanto, com acesso a memórias teoricamente mais confiáveis e em maior quantidade. Contudo, como veremos no Capítulo 6, as informações contidas em outros documentos divergem destas. É possível que dois grupos socialmente distintos, do centro e das vilas operárias, tenham disputado e negociado estas memórias em relação à qual deles caberia o mérito de ter fundado o primeiro time de Criciúma.



Criciumenses na estação à espera do trem em 1926.

Fontes:

Atlético Operário F. C. **Folha do Povo**, Criciúma, 24 de dezembro de 1951. [Jornal]

COIMBRA, David; NASSIF, João. **O futebol da Região Mineira**. Criciúma, 1988, p. 34-39. [Revista]

COMERCIÁRIO ESPORTE CLUBE. Criciúma. Correspondências trocadas entre maio de 1947 e maio de 1948. [Arquivo do Criciúma Esporte Clube]

COSTA, Marli de Oliveira. **Tudo isso eles contavam: memória dos moradores do Bairro Santo Antônio – Criciúma/SC (1880-2000)**. Criciúma: Secretaria Municipal de Educação, 2000.

GOULART FILHO, Alcides; LIVRAMENTO, Ângela Maria Antunes do. Relações de trabalho e formação da mão-de-obra mineira em Santa Catarina (1918–1929). In: GOULART FILHO, Alcides. (org.). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004, p. 35-47.

LIMA, Paulo de; SOUZA, Adair Fernandes de. **Esporte Majestoso: Atlético Operário Futebol Clube**. n. 2. Criciúma: Pirâmide, 1981. [Revista]

MILANEZ, Pedro. **Fundamentos históricos de Criciúma**. Florianópolis: Ed. do autor, 1991, p. 95-97.

NASCIMENTO, Dorval do. Agricultura e mineração na formação do espaço urbano de Criciúma. In: GOULART FILHO, Alcides. (org.). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004, p. 383-392.

4. O fim do time do Mampituba

No final dos anos 30, se o nosso fotógrafo anônimo subisse novamente nas torres da igreja, teria dificuldade em reconhecer a paisagem. O gramado que abrigara o primeiro campo de futebol da cidade havia sido transformado no Jardim Etelvina Luz, recentemente ampliado e batizado como Praça Nereu Ramos. Casas, escritórios de companhias mineradoras, estabelecimentos comerciais e prédios públicos ocupavam os espaços antes vazios. Construções mais velhas eram derrubadas para dar lugar a edificações modernas. O antigo prédio do Grupo Escolar Professor Lapagesse, ao centro do outro lado da praça, fora substituído pelas obras da nova Prefeitura Municipal. Pouco mais à direita, na esquina da Rua Seis de Janeiro, o imóvel que abrigara a Cooperativa Victória já não existia mais. No local, desde 1932, destacava-se a nova sede do Mampituba.

Com o restabelecimento do comércio internacional, a indústria carbonífera tinha entrado em crise. Devido ao seu baixo rendimento, o carvão catarinense tornava-se mais caro que o importado, que passou a ter a preferência dos compradores. Mineradores e políticos da região buscavam conscientizar as autoridades por meio de discursos patrióticos e atribuindo ideais de progresso ao combustível brasileiro, mas a Crise de 1929 agravava ainda mais a situação. O setor só voltaria a se recuperar com a política de proteção e incentivo ao carvão nacional adotada pelo governo Vargas.

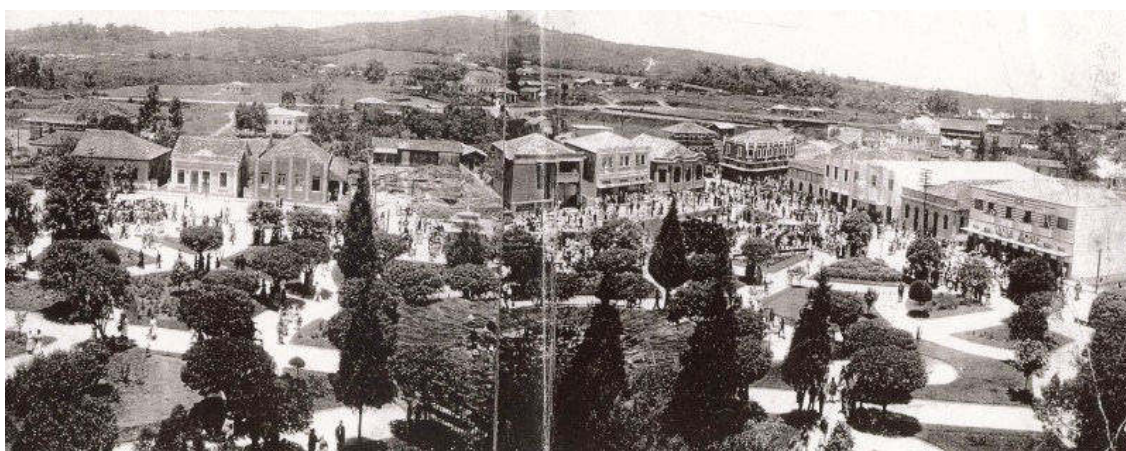
A partir de 1930 o número de empresas mineradoras se multiplicou, o fluxo migratório se intensificou, e a cidade cresceu. Durante este período o Mampituba se consolidou como o principal clube de Criciúma, apresentando uma quantidade significativa de associados e diversificando as atividades desenvolvidas. A estas alturas, um ingresso para os tradicionais bailes e jantares realizados no luxuoso salão de festas da nova sede do clube, certamente já era bem mais concorrido do que um lugar ao sol para assistir aos jogos da sua equipe. Tanto que em 1937, alegando uma suposta profissionalização dos times das vilas operárias e a consequente perda dos valores amadores, a direção do Mampituba decidiu fechar o seu departamento de futebol.

De agora em diante, para fotografar os jogos que há uns vinte anos atrás aconteciam ali mesmo naquela praça, não bastaria esticar o pescoço e procurar ao longe, para os lados da vila dos engenheiros da Carbonífera Próspera, o campo do

Mampituba. Nosso fotógrafo teria que descer das torres da igreja e se dirigir às vilas operárias, que também não paravam de crescer, e onde não havia atividade de lazer que pudesse competir com o futebol.

Amadorismo Vs. Profissionalismo

A historiografia aponta que a introdução do futebol em Santa Catarina, assim como no restante do país, se deu por intermédio das elites. Os primeiros clubes frequentemente eram espaços de distinção social e de compartilhamento de valores que reforçavam uma posição social privilegiada. Alguns estudos sugerem que o discurso em defesa dos valores amadores nada mais seria do que uma estratégia deste grupo pioneiro para assegurar o seu prestígio, procurando dificultar aos jogadores pobres e negros uma possível ascensão social e financeira através do esporte, quando este começou a se popularizar. Se admitirmos tal hipótese, poderíamos concluir que na medida em que o futebol passou a ser praticado pelas classes mais populares de Criciúma, a aura de distinção social que havia em torno do mesmo foi diminuindo, cedendo lugar a outras formas de lazer. A reação do Mampituba foi então fechar o seu departamento de futebol, alegando falta de interesse por parte dos associados e condenando a “profissionalização” dos clubes das vilas operárias. Motivos estes que poderiam fazer parte, portanto, de um mesmo processo social.



Praça Nereu Ramos vista a partir das torres da igreja na virada da década de 1930 para a década de 1940.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez.



Inauguração da sede do Mampituba em 1932.
Fonte: Arquivo da Sociedade Recreativa Mampituba.

Fontes:

BÚRIGO, Pity. **Sociedade Recreativa Mampituba 85 anos: um clube para viver (1924-2009)**. Criciúma, 2009, p. 10-12. [Revista]

CAROLA, Carlos Renato. Modernização, cultura e ideologia do carvão em Santa Catarina. In: GOULART FILHO, Alcides. (org.). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004, p. 11-34.

MORAES, Hugo da Silva. **Jogadas insólitas: amadorismo e processo de profissionalização no futebol carioca (1922-1924)**. 2009 (Dissertação de mestrado) PPH/UFRJ, São Gonçalo.

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins e a quem posso interessar, que o historiador *Renato de Araújo Monteiro*, prestou assessoria no projeto "*Museu da Usina Termoelétrica de Imbituba: novas possibilidades de iluminar o passado*" realizado entre os meses de junho e novembro de 2016 com carga horária de 20 horas semanais.

Paulo Sérgio Osório
AIGA Cultural

AIGA CULTURAL LTDA - ME
Paulo Sérgio Osório
Sócio Gerente

21.075.838/0001-14

AIGA CULTURAL LTDA - ME

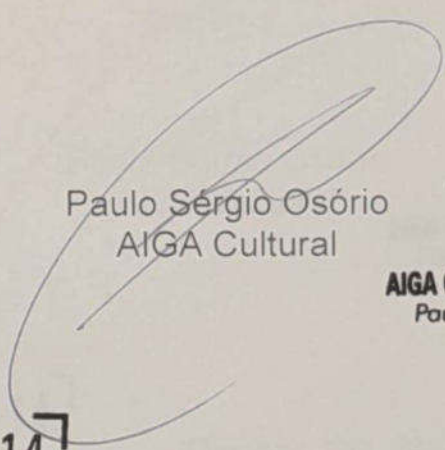
RUA ROTARY CLUBE, 14 CASA
MURIALDO CEP 88870-000

ORLEANS - SC

Orleans SC, 06 de dezembro de 2024

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins e a quem posso interessar, que o historiador **Renato de Araújo Monteiro**, prestou assessoria no projeto "**Ecomuseu da Serra do Rio Rastro: o começo de uma nova perspectiva**" realizado entre os meses de fevereiro e junho de 2016 com carga horária de 20 horas semanais.



Paulo Sérgio Osório
AIGA Cultural

AIGA CULTURAL LTDA - ME
Paulo Sérgio Osório
Sócio Gerente

21.075.838/0001-14

AIGA CULTURAL LTDA - ME

RUA ROTARY CLUBE, 14 CASA
MURIALDO CEP 88870-000

ORLEANS - SC

Orleans SC, 06 de dezembro de 2024

AIGA CULTURAL sede na cidade de Orleans, SC a Rua Rotary Club, 14 – Bairro Murialdo,
CEP. 88870-000

Eco Museu da Serra do Rio do Rastro: o começo de uma nova perspectiva

Renato de Araújo Monteiro
25 de fevereiro de 2016

Começo. Vivemos o limiar de um momento especial na história da humanidade. Depois de mais de um século acreditando que caminhávamos em um mundo de progresso linear e absoluto, rumo a um futuro que seria consequentemente melhor, hoje começamos a voltar nossos olhares preferencialmente para o passado. Conduzidos principalmente – mas não apenas – pelo despertar de uma nova consciência ambiental, também a valorização de categorias como *memória* e *patrimônio*, tão comuns dos tempos de agora, nos remete para vários “começos”. Começo da destruição de um **ambiente natural** que se demonstrou perigosamente esgotável. Começo de uma **história** de colonização, de importação de um modelo de sociedade que se por um lado explica em grande medida aquilo que somos, por outro se revelou altamente insustentável do ponto de vista socioambiental e não permitiu a coexistência de outros modos de vida que pudessem proporcionar, por exemplo, uma postura alternativa em relação aos recursos naturais. Começo da **formação geológica** do território onde habitamos, que expande profundamente nossa noção de tempo para alertar sobre as transformações naturais do próprio ambiente, da desgraça de todos os seres – humanos ou não – que não souberam se adaptar às novas condições, e das ameaças das graves alterações por nós mesmos provocadas durante o breve período que aqui estamos.

E no começo era o verbo. Talvez. Há dez, vinte bilhões de anos, quem sabe *Big Bang*. Há duzentos milhões, certamente Pangeia. Uma única massa continental que foi se fragmentando para formar, inicialmente, dois supercontinentes que também se subdividiram e deram origem aos continentes tais quais os conhecemos hoje. Ideias sugeridas não apenas a partir da simples observação do perfeito encaixe entre África e América do Sul, mas comprovadas por estudos como os do geólogo Israel Charles White, que contratado em 1904 para estudar as jazidas de carvão mineral do sul do Brasil, elaborou na Serra do Rio do Rastro uma coluna estratigráfica com dezessete marcadores de concreto que registram as características de cada afloramento. A **Coluna White**, como foi batizada, constitui um dos principais sítios geológicos e paleontológicos da Bacia do Paraná, e por sua equivalência aos da Bacia do Karoo, na África do Sul, contribui para a comprovação da teoria da deriva continental.

Com uma geografia bastante peculiar, composta de um imenso paredão recortado por vales profundos, a Serra Geral Catarinense, que demarca os limites entre o planalto serrano e a planície costeira, é ponto privilegiado para observação não apenas da movimentação dos continentes, mas também das características mais imediatas do **território** que compreende a região sul do Estado. Especificamente a partir dos contrafortes da Serra do Rio do Rastro, localizados a mais de 1400 metros de

altitude no município do Lauro Müller, pode-se acompanhar praticamente todo o trajeto do Rio Tubarão, que nasce naquele vale e corre cerca de 120 km para Leste, até desaguar no complexo de lagoas que acompanha o litoral. De cima da serra, já sobre os campos e as florestas de araucárias que se estendem a Oeste, é possível ver ainda boa parte da bacia do Rio Araranguá, que desce dos cânions um pouco mais ao Sul e serpenteia 35 km até encontrar o Oceano Atlântico. Nesta região predominantemente baixa e plana, formada com os sedimentos depositados pelos movimentos de avanço e recuo do mar e do processo desgaste das escarpas da serra, destacam-se também alguns morros testemunhos e cadeias de montanhas menores que resistiram ao processo de erosão. Da vegetação de mata atlântica que cobria o território onde estão os 45 municípios associados às sub-regiões da AMUREL, da AMREC e da AMESC, remanescem preservados apenas os terrenos íngremes das encostas, como as 6.200 hectares que abrangem o Eco Museu Municipal da Serra do Rio do Rastro.

E por mais paradoxal que possa parecer, tudo indica que a ocupação humana deste território começou justamente pelas florestas densas dos costões da serra, que hoje são os locais mais protegidos da ação do homem. Após a última glaciação e a amenização do clima que possibilitou o desenvolvimento do ambiente de mata atlântica, estes **primeiros habitantes** de origem ainda desconhecida ali se instalaram por volta de 8 mil anos atrás. Quando comparada ao restante da planície costeira em processo de formação, esta era uma região relativamente estável, que fornecia uma maior variedade e quantidade de alimentos, além de melhores condições de abrigo. Acampando sob abas rochosas ou construindo pequenas choupanas protegidas pelas árvores próximas a pequenos cursos d'água, este povo vivia dos recursos fornecidos pela natureza. Coletavam vários tipos de frutas, e com o auxílio de lanças armadas com pontas de pedra caçavam antas, porcos do mato, veados, macacos, tatus, gambás, ratos, cobras, emas e outras aves das quais apreciavam também os ovos. Centenas de sítios arqueológicos com vestígios de assentamentos passageiros, nos quais algumas famílias preparavam alimentos e fabricavam instrumentos em volta de pequenas fogueiras, podem ser encontrados nos municípios mais próximos aos paredões da serra, como em Lauro Müller. Mantendo uma fronteira estável com os **sambaquieiros** que concomitantemente habitavam o litoral, por mais ou menos 7 mil anos estes **caçadores e coletores** foram os soberanos da floresta.

Tanto na costa quanto no interior, os indícios da presença dos modos de vida típicos destes primeiros habitantes começaram a desaparecer por volta de mil anos atrás, coincidindo com a chegada de um outro povo, originário dos cerrados de onde seria o Brasil Central. Pertencente ao grupo linguístico Gê, estes novos moradores se associaram aos que já estavam estabelecidos ou ocuparam áreas até então despovoadas, e com o passar do tempo deram origem a distintas etnias. Nos campos nativos de cima da serra, os ancestrais dos **Kaingang** passaram a viver em acampamentos junto aos bosques de Araucárias que se expandiam. O pinhão formava a base da sua alimentação, e no planalto podem ser encontrados restos de cascas

queimadas, taipas de pedra, sepultamentos humanos, lâminas de machado, mãos de pilão de pedra polida e algumas cerâmicas que integram sítios que os arqueólogos identificam por “casas subterrâneas”, grandes habitações feitas de troncos e palhas que possuíam no centro uma depressão cavada no solo, onde se acendia a fogueira.

Já os demais Gê Meridionais que se instalaram na planície costeira inicialmente se associaram aos sambaquieiros do litoral, vivendo da pesca e da coleta de moluscos e crustáceos, além da caça de animais terrestres. Habitavam casas grandes e estáveis, nas quais também enterravam seus mortos. O território ocupado era identificado com inúmeras gravuras elaboradas sobre blocos rochosos voltados para o mar, mas as datações indicam que suas aldeias começaram a desaparecer por volta do século XII da nossa era. Possivelmente expulsos pelos **guaranis**, um povo agricultor de origem amazônica cuja ocupação avançava pelo litoral, posteriormente foram empurrados para o interior, sendo os prováveis antepassados dos **Xokleng** que passaram a habitar as florestas das encostas da serra. Mantendo relações econômicas, sociais e biológicas com os demais grupos e com os clãs da mesma etnia, os Xokleng do sul de Santa Catarina por séculos foram os soberanos da mata atlântica, imunes inclusive aos contatos dos navegadores europeus que aportavam o litoral, aos assaltos dos bandeirantes paulistas e aos aldeamentos dos padres jesuítas.

Além dos sertanistas que realizavam incursões no “Sertão dos Bugres Brabos” em busca de metais preciosos e outras riquezas, os primeiros não indígenas a transitar pelo território Xokleng foram os **tropeiros**, que a partir do século XVIII começaram a percorrer assiduamente os caminhos abertos entre o planalto serrano e as vilas recentemente estabelecidas no litoral. Em princípio através da Estrada dos Conventos, construída em 1728 basicamente acompanhando o curso do Rio Araranguá e subindo a Serra da Pedra, e a partir de 1771 também pelos caminhos da Serra do Oratório, localizada dentro da área hoje delimitada pelo Eco Museu, e da Serra do Imaruí, que partiam da cidade portuária de Laguna e acompanhavam os afluentes mais ao norte da Bacia do Rio Tubarão. Percorrendo estradas íngremes e sinuosas com tropas de gado, porcos, montarias e muares que carregavam todo tipo de mercadorias, estes tropeiros sustentaram por quase 300 anos aquelas que foram algumas das principais vias de comércio e intercâmbio cultural do país. Com o estabelecimento dos núcleos coloniais europeus na planície costeira a partir do final do século XIX, que confinaram os Xokleng ainda mais para os costões da serra, as rotas de tropas que subiam os vales se multiplicaram, algumas delas talvez se apropriando dos antigos caminhos indígenas denominados peabirus. Em 1897 foi aberta a Serra do Doze, hoje Serra do Rio do Rastro, onde está localizado o Monumento aos Tropeiros. Este novo caminho se distinguia por comportar também o tráfego de carros de boi, transformando a antiga localidade de Minas, como era conhecida Lauro Müller, em um importante entreposto comercial.

O nome “Arraial das Minas”, “Estação das Minas”, “Minas dos Ingleses” ou simplesmente “Minas”, remete ao início da exploração industrial das jazidas de **carvão**

da região, descobertas pelos tropeiros que no final do século XVIII associaram as conhecidas pedras que queimavam em seus fogões campeiros ao combustível empregado nas máquinas a vapor há pouco inventadas. Depois da realização de vários estudos e outros projetos malogrados financiados pelo Império, o Visconde de Barbacena fez valer sua concessão para explorar carvão, e em 1886 abriu as primeiras minas nas terras que possuía próximo à encosta da serra. Com participação de capital inglês, o empreendimento contava também com a Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, cujos 118 km de trilhos ligavam Minas aos portos de Laguna e Imbituba. O prédio centenário da antiga estação de trem abriga a atual sede do Eco Museu da Serra do Rio do Rastro. Mesmo que esta primeira iniciativa tenha durado pouquíssimo tempo e que o Relatório White de 1908 tenha deslocado as áreas de mineração também para Criciúma e Urussanga, principalmente no contexto das guerras mundiais e ao longo de quase todo o século XX a mineração de carvão constituiu uma das mais importantes atividades econômicas de Lauro Müller e dos demais municípios de região, tendo sido a principal responsável pela instalação de uma sociedade industrial moderna no sul de Santa Catarina. Um dos empresários do setor foi Henrique Lage, que em 1919 construiu o castelo que hoje é reconhecido como patrimônio histórico estadual e atrativo turístico de Lauro Müller.

A presença do carvão mineral foi fator relevante também para a escolha do patrimônio dotal que a Princesa Isabel e o Conde D'Eu receberam em 1875. Além da indústria carbonífera, na época outro empreendimento modernizador que se destacava era a possibilidade de instalação de **colonos** europeus no extenso território que hoje engloba Lauro Müller e os demais municípios adjacentes. Em 1882, poucos anos antes da abertura das primeiras minas, foi criada a Colônia Grão Pará, empresa responsável pela vinda de colonizadores alemães, italianos, franceses, poloneses, holandeses, letos, russos e outros, que dão o caráter multiétnico da população local. Estes novos imigrantes europeus se somaram aos luso-brasileiros que já transitavam e ocupavam esparsamente a região, e também a alguns poucos indígenas que raramente eram assimilados. Os empregos oferecidos pela indústria carbonífera atraíram ainda muitos açorianos e afro-brasileiros que residiam nas cidades e vilas do litoral, que ao migrar tiveram que se adaptar àquele novo modelo de sociedade capitalista, industrial, moderna e tipicamente europeia que ali se constituía. Sorte pior teve o povo Xokleng, exterminado pelo contato violento com os colonos que avançavam na ocupação e destruição das florestas. Seus últimos três sobreviventes foram encontrados nos costões de serra em 1952, dois deles morreram logo em seguida e Canharã, o último Xokleng, foi encaminhado para uma Terra Indígena distante.

Por pouco mais de um século estes dois processos históricos, de colonização europeia e de desenvolvimento da indústria carbonífera, alteraram drasticamente a paisagem e as condições ambientais do território da planície costeira do sul de Santa Catarina. O mesmo modelo de sociedade que em muitos aspectos proporcionou progressos significativos, também foi responsável pela dizimação de

povos, pela devastação da natureza e pela marginalização de culturas tradicionais. Neste início do século XXI, quando os caminhos percorridos e a percorrer se demonstram um tanto confusos, o Eco Museu Municipal da Serra do Rio do Rastro se converte em excepcional lugar para avaliar os erros e acertos do passado, assim como para, a partir deles, refletir sobre os projetos de futuro. Diante da necessidade e ao mesmo tempo da impossibilidade de voltarmos aos começos, já que a oportunidade de subir o território compreendido pela Serra do Rio do Rastro pode ser capaz de aumentar em muito as nossas experiências, quem sabe a vista privilegiada do horizonte lá de cima também possa expandir as nossas expectativas.

REFERÊNCIAS

DALL'ALBA, João Leonir. **Colonos e mineiros no grande Orleans**. Florianópolis: Ed. do Autor, 1986.

LAURO MÜLLER. Lei nº 1759 de 16 de maio de 2013. Dispõe sobre a criação do Eco Museu Municipal Serra Do Rio Do Rastro e dá outras Providências

MONTEIRO, Renato de Araújo. **A aventura da modernidade em Criciúma**: experiências de tempo e gestão de memórias entre a capital do carvão e a cidade das etnias. Anais do IV Simpósio Internacional e XII Fórum de Estudos Ítalo-brasileiros. Caxias do Sul, junho 2015.

OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Colonização, mineração e projeto modernizador no sul de Santa Catarina na segunda metade do século XIX**. Anais do IV Simpósio Internacional e XII Fórum de Estudos Ítalo-brasileiros. Caxias do Sul, junho 2015.

_____; PESCADOR, Raiany Ceccone. **Estação Ferroviária de Lauro Müller**: memórias e (re)significações. Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, julho 2015.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. A ocupação pré-histórica do Estado de Santa Catarina. **Tempos Acadêmicos**, Criciúma, n. 11, p. 6-24, 2013.

WHITE, Israel Charles. 1908. **Relatório final da Comissão de Estudos das Minas de Carvão de Pedra do Brasil**. Rio de Janeiro: DNPM, 1988.

Museu da Usina Termelétrica de Imbituba: novas possibilidades de iluminar o passado

*Renato de Araújo Monteiro
13 de maio de 2016*

Tal qual na praia onde a visão de uma ilha distante se revela misteriosa diante dos nossos olhos, rompendo num instante os limites do espaço, alguns lugares possuem a capacidade de, a partir da sua perspectiva, romper os limites do tempo, iluminando aspectos do passado que retornam como imagens capazes de dar novos significados ao presente e influenciar nossas projeções sobre o futuro. Experiências esquecidas, remotas ou marginalizadas se tornam então passíveis de ser captadas em todo o seu potencial afetivo, passando a fazer parte não apenas da memória e da história, mas também da cultura viva de qualquer pessoa ou grupo que com elas estabeleça algum tipo de identificação. A antiga usina termelétrica de Imbituba é, sem dúvida, um destes lugares privilegiados para se pensar *no tempo*. Daquilo que um dia foi a sua função original, fornecer luz para o porto e para a cidade, hoje ela conserva a propriedade de iluminar o passado, como testemunha que ainda se faz presente, e agora reaparece valorizada enquanto patrimônio a ser transmitido para o futuro.

Sua construção foi iniciada em 1917, como parte de um complexo industrial carbonífero que estava sendo montado no sul de Santa Catarina durante o contexto da Primeira Guerra Mundial. Uma tentativa de explorar as jazidas de carvão havia sido efetuada ainda no final do século XIX, quando foram abertas as primeiras minas nas cabeceiras do Rio Tubarão e uma estrada de ferro que as ligava aos portos de Laguna e Imbituba, então equipado com um pequeno trapiche de ferro. Contudo, impossibilitado de concorrer com o combustível importado, este empreendimento inicial foi logo abandonado. Somente com a interrupção do comércio transatlântico em consequência da guerra, o seu novo proprietário, o empresário Henrique Lage, pôde retomar a produção das minas desativadas e restabelecer o pleno funcionamento da ferrovia, além de abrir novas frentes de mineração e estruturar o porto de Imbituba.

No início dos anos 20, a empresa *Lage & Irmãos* já era possuidora de um significativo sistema de produção, transporte e comercialização de carvão na região,

composto pela Companhia Nacional de Mineração de Barro Branco (CNMBB) e pela Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá (CBCA), com minas em Lauro Müller e Criciúma; pela Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina, com ramais que se estendiam até Lauro Müller, Criciúma e Urussanga; pela Companhia de Navegação São João da Barra e Campos, que fazia o transporte do carvão catarinense até as principais cidades do centro do país; e pelo Banco Sul do Brasil, sediado no Rio de Janeiro e com filiais em vários municípios de Santa Catarina. Em Imbituba, Henrique Lage aparelhou o porto com um farol, um cais e um quebra mar. Além disso, nos terrenos que possuía nas imediações da enseada, construiu escritórios, armazéns, caixas de embarque, linha telegráfica, usina de ar comprimido, rede de água potável, estação meteorológica, hotel, vila operária e fábrica de utilitários cerâmicos. Todo este patrimônio, incluindo a usina termelétrica que lhes fornecia energia, posteriormente passou a ser administrado pela Companhia Docas de Imbituba, fundada em 1922 e dirigida pelo engenheiro Álvaro Monteiro de Barros Catão.

Este momento marca, portanto, uma importante tomada de decisão na história de Imbituba, que influenciaria profundamente a vida dos seus habitantes durante o transcorrer do século XX. Em um intervalo de cinco anos, entre 1917 e 1922, por iniciativa de um grande empresário da capital do país – ou de um grupo por ele liderado – fez-se a opção de transformar a vila com atividades econômicas até então baseadas na pesca e na agricultura, em uma cidade industrial moderna. No território onde por sete milênios habitaram as sociedades e culturas ligadas aos sambaquis; que por praticamente mil anos foi terra dos povos xokleng e guarani; que a partir dos séculos XVI e XVII sofreu as primeiras incurssões de padres missionários e de bandeirantes aprisionadores de indígenas; e que durante o século XVIII começou a receber os primeiros habitantes de origem europeia e africana, inicialmente vindos de Laguna, depois com vicentistas que teriam fundado a vila em 1715 e por fim com uma leva de imigrantes açorianos ali instalados em 1752; no início do século XX, quase todas as pessoas oriundas destes sucessivos processos de povoação, passaram a condicionar todas as suas expectativas de futuro ao desenvolvimento do porto e da indústria carbonífera.

Mesmo que tenham ocorrido tentativas de diversificar as atividades produtivas do município emancipado em 1923, através de empresas como a Granja Henrique Lage e a Cerâmica Imbituba, a maioria dos novos empreendimentos criados na cidade, incluindo os estabelecimentos comerciais e as prestadoras de serviços, passou a depender direta ou indiretamente do carvão, que era praticamente a única mercadoria movimentada pelo porto. Durante a Segunda Guerra Mundial, o setor carbonífero conheceu um dos seus maiores surtos de crescimento, quando a produção catarinense saltou de 204 mil toneladas em 1939 para mais de 815 mil em 1945. Em 1941, coincidindo com o ano das mortes de Henrique Lage e de Álvaro Catão, a Companhia Docas de Imbituba adquiriu a concessão para explorar por 70 anos o Porto de Imbituba, que nos anos seguintes foi ampliado e equipado com uma grande caixa de embarque de carvão com capacidade para 3 mil toneladas. O crescimento das atividades portuárias demandou um consumo maior de energia, e no ano de 1949 a usina termelétrica também foi ampliada.

Além da guerra, outro importante fator para o desenvolvimento da indústria carbonífera neste período foi a construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), que no sul de Santa Catarina conduziu a instalação de minas em Siderópolis, e de um grande lavador de carvão e uma usina termoelétrica em Capivari de Baixo. Foi o início do fornecimento de energia pela Sociedade Termoelétrica Capivari em 1965 que decretou o fim das atividades da termelétrica de Imbituba, que se tornou um dos primeiros equipamentos do porto carvoeiro a ser desativado. A principal das suas chaminés, com mais de 40 metros de altura, foi posteriormente destruída, e o restante da construção e dos maquinários abandonados pela Companhia Docas de Imbituba.

Em 1979, uma nova fase de expansão da produção de carvão, decorrente das sucessivas crises internacionais do petróleo, exigiu que o porto recebesse mais obras de ampliação e infraestrutura. Também neste ano, com a entrada em funcionamento da Indústria Carboquímica Catarinense (ICC), Imbituba foi dotada com outra grande empresa ligada ao setor carbonífero, que mais uma vez modificou consideravelmente a área urbana da cidade. Na década seguinte a movimentação do porto carvoeiro atingiu o seu auge, e em 1988 a antiga usina termelétrica foi

transformada no Museu da Cidade e do Porto de Imbituba, cujas histórias então pareciam se confundir.

A política neoliberal adotada pelo Governo Federal no início dos anos 1990, baseada nas privatizações e no abandono das políticas protecionistas, provocou o desmonte do complexo industrial carbonífero que vinha sendo instalado na região sul de Santa Catarina desde o início do século. A CSN desativou as minas de Criciúma, Içara e Siderópolis. Ramais da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina ficaram inutilizados. O consumo de carvão nacional deixou de ser obrigatório e os empresários Álvaro Luís Bocaiúva Catão e Sebastião Neto Campos, ex-diretores que tinham adquirido as mineradoras de Henrique Lage, repassaram a CBCA para uma cooperativa de trabalhadores de Criciúma e venderam a CNMBB para uma carbonífera de Lauro Müller. Em 1990, o Lavador de Capivari deixou de funcionar e a produção catarinense de carvão, que atingira a casa das 19 milhões de toneladas em 1985, se restringiu ao abastecimento da Termoelétrica Jorge Lacerda em Capivari de Baixo, que não passava de 7 milhões de toneladas. Neste mesmo ano, a Portobrás, mantenedora do Museu do Porto e da Cidade de Imbituba, também foi extinta, fazendo com que depois de apenas dois anos de funcionamento, o prédio da usina mais uma vez tivesse as portas fechadas e parte do acervo extraviado.

Como o carvão já não chegava mais ao Porto de Imbituba, os equipamentos ligados à indústria carbonífera que não foram abandonados ou destruídos tiveram alteradas significativamente as suas funções originais, assim como acontecera antes com a usina termelétrica. Das três maiores empresas da cidade, a ICC, que chegou a ser reponsável por quase mil empregos, foi posta à venda em 1992. Sem compradores interessados, dispensou os trabalhadores e negociou seus maquinários como sucata. O porto, que em meados da década de 1990 ficou praticamente ocioso, reduziu o quadro de 2.700 para pouco mais de 800 funcionários. Mesmo tendo posteriormente se recuperado com investimentos no transporte de outros tipos de carga, em 2012 a Companhia Docas de Imbituba, também dirigida por Álvaro Luís Bocaiúva Catão, foi obrigada a devolver para o Estado a administração do terminal, quando venceu o prazo de 70 anos da concessão. A Cerâmica Imbituba, mesmo não sendo diretamente ligada à indústria carbonífera, demitiu mais de 300 dos

quase mil empregados que possuía. Seu proprietário era João Rimsa, outro ex-diretor que adquirira negócios de Henrique Lage. Após sua morte, a empresa entrou em uma grave crise e acabou decretando falência em 2010, deixando cerca de 400 operários desempregados e com dívidas trabalhistas pendentes.

Transitar por Imbituba é, portanto, se deparar com os pavilhões abandonados da ICC, cuja posse ainda é alvo de disputas entre a prefeitura municipal e a União; é se surpreender com os antigos escritórios, portão de entrada e armazéns do porto carvoeiro, que resistiram ao processo de modernização dos últimos anos; é percorrer os trilhos da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina, que tem entre os dormentes uma nascente vegetação que denuncia o pouco uso da ferrovia; é encontrar as ruínas da Cerâmica Imbituba, ainda não reutilizada pelos novos proprietários; enfim, é chegar ao prédio da usina termelétrica e entender que, a partir dela, é possível iluminar este outro tempo que jaz desafiador por entre a cidade. É podermos lançar uma nova luz sobre a aventura da modernidade movida a carvão que representou o século XX, aproximar-nos de experiências que foram por ela geradas ou suplantadas, para melhor compreender aquilo que fomos ontem, aquilo que somos hoje e aquilo que pretendemos ser amanhã.

Em suma, o passado de Imbituba é muito maior do que a memória dos grandes empreendedores cantados em verso e prosa pela cidade, insistentemente estampados na galeria de ex-prefeitos e nos nomes de empresas, escolas, ruas, praças, bairros e até do município, que já chegou a se chamar Henrique Lage. No prédio da usina termelétrica, por exemplo, é impossível observar o seu sistema subterrâneo de recolhimento das cinzas e não fazer a pergunta brechtiana elementar: quem? Quem eram as pessoas que trabalhavam naqueles túneis quentes, escuros e tomados pela fuligem do carvão? E iguais a elas, quantas outras não foram submetidas a semelhantes condições de trabalho, muitas vezes tendo em troca um salário insuficiente para atender as necessidades básicas da sua família? Mineiros, estivadores, ferroviários e outros operários que foram atraídos pela promessa de novas oportunidades, e mais tarde receberam por herança apenas o desemprego de uma cidade que precisou se reinventar.

Para além destas experiências marginalizadas e inerentes ao processo de industrialização e urbanização, existem ainda aquelas mais remotas que foram por ele inviabilizadas. Na área onde se instalou a ICC, existiam alguns pequenos engenhos que foram desapropriados. Em apenas um ano, as exportações de farinha mandioca no porto caíram de 24 para 8 mil toneladas. Ainda que reconhecidamente mais modesta, uma atividade produtiva centenária foi prejudicada em detrimento de um projeto que duraria pouco mais de uma década. Logicamente, isso não significa que todas as práticas anteriores à exploração industrial do carvão fossem necessariamente mais sustentáveis. Afinal, o Museu da Baleia e o Projeto Baleia Franca bem demonstram os impactos gerados pela armação baleeira que funcionou em Imbituba a partir de 1796, em que boa parte do óleo produzido nos barracões da Praia do Porto era destinada à iluminação pública de grandes cidades. Em relação a estes métodos mais antigos, a produção de energia elétrica através da queima do carvão em equipamentos mais modernos, como os que ainda podem ser vistos na usina de Imbituba, significava um grande avanço tecnológico na virada do século XIX para o XX.

A termelétrica foi estrategicamente construída ao lado da estrada de ferro, através da qual chegava o carvão, e próxima à Lagoa da Usina, de onde uma bomba puxava água para o resfriamento das suas caldeiras. Se, por um lado, a água quente despejada no local facilitava o trabalho das lavadeiras do Bairro Paes Leme, por outro foi impedindo aos poucos a pesca, os banhos e a captação de água para o abastecimento da cidade. Outra responsável pela poluição da lagoa foi a Indústria Cerâmica Imbituba, vizinha da usina que utilizava os mangues para depositar resíduos. Em termos ambientais, o porto também provocou alterações irreversíveis na paisagem, e a ICC, durante os poucos anos que funcionou, deixou cerca de 4,4 milhões de toneladas de rejeito de gesso e 1,4 milhão de óxido de ferro, responsável pela “maldição do pó vermelho”, como é conhecida pelos moradores. Um acordo de comodato, assinado pelo município e pela Petrobrás, concede o direito de uso dos pavilhões desocupados em troca do passivo ambiental gerado pela empresa.

Enfim, olhar para o passado de Imbituba a partir da perspectiva proporcionada pela antiga usina termelétrica, mais do que contar a história deste local, é por meio dele ter acesso à história do complexo industrial carbonífero do qual

fez parte, e poder avaliá-lo criticamente nos mais variados aspectos. É ainda lançar uma nova luz sobre a história da cidade na longa duração, iluminando a trajetória de todas as culturas que foram drasticamente afetadas – quando não destruídas – pelos ideais de progresso e modernidade do século XX. É tentar compreender que neste presente, mais do que nunca, procuramos no passado inspiração para elaborar nossos projetos de futuro, justamente porque o passado mais imediato que nos trouxe até aqui é pouco inspirador, e suas expectativas de futuro, se não malograram, hoje são percebidas como ameaça.

Quase em frente ao prédio da antiga termelétrica fica a Praia da Vila, com duas pequenas ilhas próximas da orla, a Ilha Santana de Dentro e a Ilha Santana de Fora. No entanto, os moradores conhecem a história de uma terceira ilha que recentemente pôde ser avistada do lugar, e que depois de pouco tempo voltou a desaparecer misteriosamente. Apesar das diversas explicações suscitadas pelo caso, especialistas defendem se tratar de um fenômeno óptico provocado pela passagem da luz através das diferentes camadas de ar sobre a água, trazendo para perto a imagem da pequena Ilha Tacami, distante 13 km da costa. Neste momento especial de conscientização e reconhecimento de que todas as esperanças foram depositadas em um projeto que não cumpriu as promessas que trazia, talvez os imbitubenses possam olhar para o passado e procurar, além dos fatos mais evidentes, também aquelas experiências remotas, que não deram certo, mas poderiam ter dado. O Museu da Usina é o lugar que nos coloca em contato com *outros tempos*, lançando novas luzes sobre passados esquecidos ou distantes, trazendo-os para perto como imagens que desestabilizam o presente, mas que podem iluminar as expectativas de futuro.

Fontes:

BLOG PENA DIGITAL. Disponível em: <http://www.blogpenadigital.com/>. Acesso em: 06 mai. 2016.

BOSSLE, Ondina Pereira. **Henrique Lage e o desenvolvimento Sul Catarinense**. Florianópolis: UFSC, 1981.

CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)**. Florianópolis: UFSC, 2002.

G1. Ilha misteriosa intriga moradores da Praia da Vila, em SC. Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/estudio-sc/videos/t/edicoes/v/ilha-misteriosa-intriga-moradores-da-praia-da-vila-em-sc/2097465/>. Acesso em: 08 mai. 2016.

GIANEZINI, Miguelangelo; VIEIRA, Adriana Carvalho Pinto; ZILLI, Julio Cesar. **O Porto de Imbituba no desenvolvimento de Santa Catarina**. Anais da XV Mostra de Iniciação Científica, Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão. Caxias do Sul, novembro 2015.

GOULART FILHO, Alcides (org.). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.

MONTEIRO, Renato de Araújo. **A aventura da modernidade em Criciúma**: experiências de tempo e gestão de memórias entre a capital do carvão e a cidade das etnias. Anais do IV Simpósio Internacional e XII Fórum de Estudos Ítalo-brasileiros. Caxias do Sul, junho 2015.

OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Colonização, mineração e projeto modernizador no sul de Santa Catarina na segunda metade do século XIX**. Anais do IV Simpósio Internacional e XII Fórum de Estudos Ítalo-brasileiros. Caxias do Sul, junho 2015.

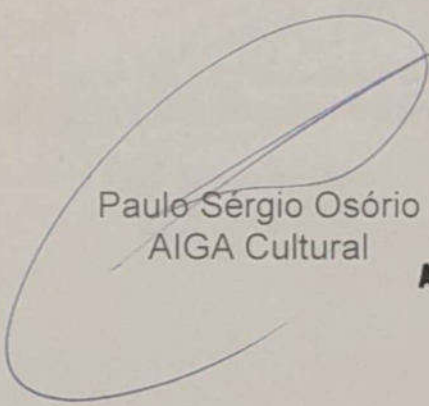
PREFEITURA DE IMBITUBA. **Conheça a história da fundação do município de Imbituba**. Disponível em: <http://www.imbituba.sc.gov.br/a-cidade/historia>. Acesso em: 06 mai. 2016.

PREFEITURA DE IMBITUBA. **Usina do saber**: projeto de Imbituba é 1º colocado em prêmio. Disponível em: <http://www.imbituba.sc.gov.br/noticias/usina-do-saber-projeto-de-imbituba-e-1-colocado-em-premio>. Acesso em: 07 mai. 2016.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. A ocupação pré-histórica do Estado de Santa Catarina. **Tempos Acadêmicos**, Criciúma, n. 11, p. 6-24, 2013.

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins e a quem posso interessar, que o historiador *Renato de Araújo Monteiro*, prestou consultoria no projeto "*Diagnóstico de Turismo da AMREC – Associação dos Municípios da Região Mineira*" realizado entre os meses de fevereiro e dezembro de 2014.



Paulo Sérgio Osório
AIGA Cultural

AIGA CULTURAL LTDA - ME
Paulo Sérgio Osório
Sócio Gerente

21.075.838/0001-14

AIGA CULTURAL LTDA - ME

RUA ROTARY CLUBE, 14 CASA
MURIALDO CEP 88870-000

ORLEANS

- SC

Orleans SC, 06 de dezembro de 2024

AIGA CULTURAL sede na cidade de Orleans, SC a Rua Rotary Club, 14 – Bairro Murialdo,
CEP. 88870-000

Dilúvios e sambaquis

Durante nossas pesquisas tivemos acesso aos diários de Israel Charles White, geólogo estadunidense de renome mundial, e que esteve em Criciúma entre 1904 e 1906 chefiando a “Comissão de Estudos do Carvão Nacional”. Obviamente, os originais estavam escrito em inglês. A partir de uma tradução livre e alguns comentários feitos por nós mesmos, recorreremos às anotações de White como estratégia narrativa para contarmos um pouco da história da Região Carbonífera.

Urussanga, 14 de setembro de 1904

“[...] Nas prospeções que realizamos hoje para a retirada de amostras de carvão na região do Rio Urussanga, não pude deixar de perceber uma camada de solo escuro formado como que por uma espécie de resíduos decompostos. Escavei melhor o local e encontrei um círculo com pequenas pedras cobertas de cinza e carvão. Como geólogo, deduzi que aquilo certamente não era ‘obra da natureza’, mas sim resultado da atividade humana. Talvez muitíssimo antiga. Seriam estes os ancestrais daqueles bugres que os moradores locais tanto temiam? Recolhi algumas amostras e guardei para futuras análises em laboratório.”

Aquilo que chamou a atenção de Charles White eram acampamentos primitivos dos primeiros habitantes desta região. Isso mesmo! Não estamos falando simplesmente de colonizadores ou imigrantes, mas sim dos primeiros seres-humanos que pisaram nestas terras desde pelo menos 8.000 anos atrás. Os principais sítios arqueológicos deste gênero se localizam hoje em Urussanga, mas possivelmente poderão ser encontrados também nos municípios vizinhos, principalmente aqueles mais próximos à encosta da serra: Orleans, Lauro Müller, Treviso, Siderópolis, Nova Veneza...

Cresciuma, 14 de setembro de 1904

"De volta à vila de São José de Cresciuma, durante o jantar, pedi para que o proprietário da venda onde estava hospedado me falasse um pouco mais sobre os silvícolas que habitavam a região. O Sr. Pedro Benedet então me narrou a triste morte do imigrante italiano atingido por uma flecha indígena enquanto trabalhava ali mesmo nas imediações daquela praça. Depois, me mostrou o recorte de um jornal italiano do ano passado, o qual noticiava as constantes invasões dos bugres ao núcleo colonial de Nova Veneza. Foi então que lhe contei sobre os meus achados 'arqueológicos' e lhe perguntei se, assim como eu, ele acreditava que pudessem ter sido obra daqueles bugres primitivos. Ele respondeu que provavelmente sim. "

Mas não. Pedro Benedet e Charles White estavam enganados. Os linguistas afirmam que os xoklengs, como são conhecidos atualmente, descendem da população Jê, originária do Brasil Central, que chegou aqui por volta do sexto século da nossa era. Depois de mais de um milênio de domínio sobre a planície costeira, tiveram que disputar – e ceder – território com e aos imigrantes que chegaram da Europa na virada do século XIX para o XX. Provavelmente eles haviam expulsado ou assimilado os primeiros habitantes da região, e depois foram vítimas de um processo de extermínio por parte dos novos colonizadores. Canharã, o último xokleng, foi encontrado em Orleans no ano de 1952 e transferido para a Reserva Indígena de Ibirama, onde alguns xoklengs vivem até hoje.

Lauro Müller, 03 de outubro de 1905

"[...] Em visita de reconhecimento à antiga localidade de Minas, de onde os ingleses extraem carvão desde 1886, encontrei-me com um serrano que conduzia uma tropa de porcos para Tubarão. Ao lhe indagar se temia os ataques dos bugres, Tertuliano, como era seu nome, me contou que já estava acostumado, pois há muito tempo os tropeiros cruzavam aquela região, e que em cima da serra não era diferente. No entanto, confidenciou que nos últimos anos, após a instalação das novas colônias nas florestas dos botocudos, os ataques haviam se intensificado. Na estrada da Nova Veneza, disse ele, a situação é ainda pior. Segundo seu Tertuliano, quanto mais se aproximava do litoral, mais segura a viagem ia ficando. 'Quase não tem mais índio por lá, e os que tem são mais amigáveis'. Então havia mais de um grupo indígena? — pensei."

Isso mesmo seu White! A região litorânea havia sido ocupada pelos guaranis, povo de origem amazônica que havia chegado nesta região por volta de apenas um século antes dos europeus, empurrando assim os xokleng para as matas do interior. Devido sua cultura peculiar e localização próxima à costa, foram os primeiros a estabelecer contato com os europeus, e também as primeiras vítimas deste processo.

Urussanga Velha, 20 de dezembro de 1905

"Antes de voltar ao Rio de Janeiro, não pude deixar de passar pela comunidade de Urussanga Velha, a mais antiga da região, fundada por volta de 1820. Aqui encontrei seu João, um caboclo de idade avançada cujos antepassados, me disse, haviam chegado dos Açores por volta de 1750. Ao me mostrar um grande recipiente de cerâmica que encontrara ainda com o esqueleto de um índio dentro, explicou-me que, segundo o que o avô do seu avô contara, os carijós que habitavam a região eram bastante diferentes dos botocudos que agora estavam em guerra com os colonos do interior. Exímios ceramistas, viviam em grandes aldeias entorno das quais não só caçavam e pescavam, mas também cultivavam milho, mandioca, feijão e batata doce. Quando os açorianos chegaram aqui, praticamente todos eles já haviam sido capturados

pelos bandeirantes paulistas e vendidos como escravos para os engenhos de açúcar do nordeste. ‘Dizem que minha bisavó era índia’ – confidenciou.”

Os guaranis – ou carijós, como também ficaram conhecidos – ocuparam os terrenos planos e arenosos da planície costeira, sendo que os sítios arqueológicos referentes a este grupo encontram-se principalmente nos municípios de Içara e Balneário Rincão. O que poucos sabem é esta região foi local de captura de escravos. White também estranhou, como aponta a continuação seu diário do dia 20 de dezembro de 1905.

“Antes que pudesse questionar a informação, seu João prosseguiu: ‘Sim Senhor, escravos índios’. Mas os escravizados não foram os negros vindos da África? – perguntei. ‘Sim, mas na falta destes, o mercado era abastecido com índios’. Contou-me ainda que nos últimos tempos, após a abolição, muitos negros estavam chegando para morar naquela localidade. Seu filho mais novo, inclusive, havia casado com uma negrinha de Araranguá. Voltando aos carijós, perguntei-lhe se havia sido eles, então, que construíram aqueles montes de conchas que ficavam próximos às lagoas, que aqui chamavam de sambaqui. Ele me respondeu que não, que aquilo era obra do dilúvio.”

Dilúvio? Já falamos dos primeiros habitantes da encosta da serra, dos xokleng e dos guarani, mas temos ainda os sambaquieiros, que foram também pioneiros na ocupação deste território desde 8.000 anos atrás, porém pelo litoral. Era um grupo com características biológicas e culturais diferentes dos demais, que se alimentava basicamente de peixes, moluscos e crustáceos, cujos restos eram depositados em um único local, formando verdadeiros monumentos onde também eram feitos os sepultamentos. Ao que tudo indica os homens do sambaqui sobreviveram até por volta do ano 1000, quando possivelmente começaram a ser assimilados pelos xoklengs para mais tarde dar lugar aos guaranis.

Cidade de White, data próxima da morte.

“Hoje recordei das minhas passagens pela região carbonífera de Santa Catarina em 1905. Lugar privilegiado para observar a formação geológica do Planeta Terra. Até então, a ideia de que os continentes haviam, em outra era, estado unidos formando um pancontinente chamado pangeia, era mera hipótese. No entanto hoje, minha experiência de vida e a faculdade privilegiada de olhar em retrospecto, permitem realizar outras observações. Quantos povos, quantas espécies animais e vegetais de origens tão diferentes estavam sendo postas, naquele momento, em um único local: os bugres, sambaquieiros e guaranis nativos da América; os negros trazidos da África; italianos, alemães, polacos, russos, portugueses,

açorianos, letos e muitos outros recém chegados da Europa; e eu, um aventureiro norte-americano apenas de passagem. Povos separados no tempo e no espaço, milhares de anos e oceanos estavam sendo simplesmente eliminados. Veja por exemplo aquela tal de polenta, que os imigrantes tanto gostavam. Trigo e milho natural, geográfica, biológica, histórica, evolutivamente separados. Foi preciso que algumas pessoas saíssem da Itália e levassem consigo seus hábitos alimentares. Foi preciso que aportassem na América, onde não havia trigo. Foi preciso aprender com os indígenas locais o cultivo do milho para não morrer de fome. Foi preciso substituir, por milho, o trigo daquela receita tradicional. E eis que surge a polenta: uma mistura não só de água, sal e farinha de milho. Mas também (porque não?) uma mistura de bugre e italiano. Quanto tempo de afastamento dos originais é necessário para um reencontro que forme algo que seja realmente autêntico? Hoje posso com toda certeza afirmar: se em termos geológicos aquele lugar é privilegiado para perceber a deriva continental, o afastamento da pangeia; em termos humanos é mais privilegiado ainda para que percebamos a aproximação continental, o retorno da pangeia.”

Genial White! Vejamos outro exemplo: o carvão que você próprio estudou. África e América unidas e ocupadas por uma grande floresta. Eis que os continentes se separam, as florestas são soterradas, e sobre estas grupos humanos que, apesar de uma mesma origem, se desenvolvem com características físicas e culturais completamente diferentes. Pois será a exploração deste mesmo carvão formado a partir daquela floresta, que atrairá os descendentes dos africanos e transformará Criciúma, fundada por italianos e onde não houve escravidão, na cidade com a maior população negra de Santa Catarina. De fato, a região carbonífera é a pangeia reunificada.

Senhoras e senhores, não! Na verdade eu não tive acesso aos diários de Israel Charles White. Este documento não é verdadeiro. Mas poderia ser, pois em toda ficção histórica jaz um plano de fundo da mais pura realidade. Inclusive quando se relaciona dilúvios com sambaquis.